

**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOL. 3 ANO 2010 - SEM CORTES (CRÓNICAS 78 A 90 - 2010)**

Versão inédita não totalmente editada



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOLUME 3**



J. CHRYS CHRYSTELLO 2017

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER
ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE

O TEMPO É UM ÓTIMO PROFESSOR. PENA É QUE MATE OS SEUS ALUNOS. (HECTOR BERLIOZ)

Ficha técnica – Outras obras do autor:

<div> LIVROS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS </div>
<div> 2018 FOTOEMAS foto book, fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores de Chrys Chrystello e-livro http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas ISBN: 9781388351083 </div>
<div> 2018 revisão, compilação e Nota Introdutória de Missionários açorianos em Timor vol2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas </div>
<div> 2018. ChrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 2, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf </div>
<div> 2018, ChrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores.-uma-circum-navegacao-vol.1--3%C2%AA-ed-2018.pdf </div>
<div> 2017. Bibliografia Geral da Açorianidade em 2 vols. 19500 entradas, Ed. Letras Lavadas Publiçor, Ponta Delgada </div>
<div> 2'17, revisão, compilação e Tradução de "O mundo perdido de Timor-Leste" de José Ramos-Horta ed. LIDEL </div>
<div> 2017. Poema "Maria Nobody" IN VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED. </div>
<div> 2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Ed. Universidade da Beira Interior, org. Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório </div>
<div> 2017. "Três poemas açorianos" in Antologia ed. Artelogy dezº 2016 </div>
<div> 2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", in "Povos e Culturas - A ilha em nós", Revista Povos e Culturas nº 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa </div>
<div> 2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", capítulo do livro "A condição de ilhéu", Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa </div>
<div> 2016, compilação, revisão e Prefácio de Missionários açorianos em Timor "Um missionário açoriano em Timor" vol. 1 de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café </div>
<div> 2015. CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., ed. AICL, Colóquios da Lusofonia. 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/, </div>
<div> 2015, Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 4ª ed. 2015 </div>
<div> 2014. Prefácio de "O voo do Garajau" Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016 </div>
<div> 2013, Crónicas Austrais 1978-1998, monografia, 3ª ed. https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais </div>
<div> 2012, Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 </div>
<div> 2012, Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 volumes, 40 anos de vida literária, ed. Calendário de Letras 2012 - ISBN 9789728985646 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf </div>
<div> 2012, volume 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor3.pdf </div>
<div> 2012, volume 1 da trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf </div>
<div> 2012, Tradução "Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine" de Caetano Valadão Serpa </div>
<div> 2000, volume 1 da trilogia da História de Timor Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. </div>
<div> 2012, volume 2 da trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter - Timor-Leste 1983-1992 DVD – 1ª ed. 2005-2012 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1008/TRILOGIA-vol.-2-Historia-de-Timor.pdf https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992 http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf </div>
<div> 2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras </div>
<div> 2011, ChrónicaAçores uma circum-navegação vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras http://www.calendario.pt/index.php?id=246&cat=203&pid=55 </div>
<div> 2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor </div>
<div> 2009, ChrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 1 esgotado, online https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-cores/oclc/357576846&referer=brief_results, </div>
<div> 2009, ChrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed. 2009 </div>
<div> 2008, Tradução para inglês de "S. Miguel uma ilha esculpida" Daniel de Sá. Ed. VerAçor. </div>
<div> 2008, Tradução de "Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel" Victor Rui Dóres, prelo, ed. VerAçor. </div>
<div> 2008, Prefácio e Revisão "A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse" de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada </div>
<div> 2007, Tradução para inglês "E das pedras se fez vinho"de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal </div>
<div> 2007, Tradução para inglês, "Santa Maria Ilha Mãe" Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal </div>
<div> 2005, coautor tradução para português "The Lost painting" Jonathan Harr, ed. Presença </div>
<div> 2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf - http://www.lusofonias.net/chryscv/CANCIONEIRO%20TRANSMONTANO%202005).pdf </div>
<div> 2004, tradução para português "A People's War" de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal </div>
<div> 2004, tradução para português, "Dien Bien Phu" de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal </div>
<div> 2002, tradução de "La familia: el desafío de la diversidad" Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal </div>
<div> 2000, Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia) 1ª ed. http://www.ebooksbrasil.org/micrereader/cronicasCA.lit http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb, </div>
<div> 2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor0.pdf, </div>
<div> 2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf https://www.worldcat.org/title/east-timor-the-secret-file-1973-1975/oclc/66016286&referer=brief_results, http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf, https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng-, </div>
<div> 1999, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758 https://www.worldcat.org/search?q=chrystello&fq=&dblist=638&fc=ap:25&at=show_more_ap%3A&cookie </div>
<div> 1991-2011 Yawuij Bara e Yawuij Baia Os avós de barra e Avós de Baia, ed. 1991-2011 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuij-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf </div>
<div> 1985 crónica X Aborígenes na Austrália https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf </div>
<div> 1981, Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-3-4-.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf, http://www.scribd.com/doc/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cai-Volume-3-4#scribd – </div>
<div> 1974, Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Díli, Timor Português (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf </div>
<div> 1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQL.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf, </div>

Contacto do autor: (+351) 919287816 drchryschrystello@yahoo.com.au / chryschrystello@journalist.com

Crónica 0

Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) que foi poeta, escritor, conferencista, professor, tradutor, criador de jornais e revistas, disse certa vez de Platão e Aristóteles que colocaram "dois sistemas opostos diante da mente do mundo". E disse mais: "Todo homem nasce aristotélico ou platónico. São duas classes de homens, ao lado das quais é praticamente impossível conceber uma terceira". Platão ambicionava a sabedoria do além, do mundo das ideias, do qual o nosso mundo é apenas uma sombra pálida. Idealista. Aristóteles procura a sabedoria aqui, com os dois pés no chão. Foi Aristóteles um dos primeiros a procurar uma verdade objetiva sem a necessidade de "mágica". Aristóteles aconselhava a não discutir com qualquer um, uma recomendação que confirma a famosa Lei de Murphy, segundo a qual quando a gente discute com um idiota poderia ocorrer que outros não percebessem a diferença. A conduta, os artigos, a forma cética e irreverente de JC falar, sempre obcecado por ser "politicamente incorreto" já há muito denotavam aquilo que o velho Aristóteles categorizava como um "idiota".

Nesta fase adiantada da minha vida, era mais um *homo domesticus* que ficava em casa, incapaz ou sem querer interferir de forma ativa nos assuntos da "civitas". Não aceitava como minha a responsabilidade de lutar sozinho contra déspotas, tiranos, corruptos, medíocres, ao contrário do que fizera já, sem grandes resultados, durante várias décadas. Um autor açoriano, de seu nome Daniel de Sá, já o havia intuído:

Existe um "castelo" na Lomba da Maia. Não tem torres nem ameias nem tampouco o fosso protetor contra invasores e atacantes. Também não tem nome nem dono. Foi assim batizado por aquele escritor, por lá se avistar (dia e noite) um castelão, agarrado ininterruptamente ao seu computador, organizando os Colóquios da Lusofonia.

De facto, dali do topo da sua "falsa" (o nome micalense para o sótão) a minha janela abria-se sobre todo o mundo: podia observar os mares e os montes, as vacas, as eternas brumas que se aproximavam e, por vezes, desapareciam sem deixar rasto. Outras vezes era a chuva inclemente e impiedosa que vinha ora do norte, ora do oeste ou do sul, e aí sim, ela abatia-se sobre o seu "castelo" e as grossas gotas corriam pela sua janela e toldavam-lhe o juízo, arrefecendo a sua paciência oriental. Mas não foram essas chuvas quem apagara o fogo da minha paixão pela verdade, equidade, justiça e liberdade, extinto há muito pela sublimação do hábito que torna os quotidianos em tarefas cada vez mais pesadas, quando o desespero se apossa subitamente, sem premeditação. Martelava ferozmente o teclado em frente ao qual gastei a última grossa de anos (não eram doze dúzias, mas assim lhe pareciam) da sua vida, deixava que a vida lá fora corresse sem pressas. Devagarosamente debitava palavras que a gaveta iria consumir com a humidade que, aliás, era muita naquela ilha sempre verde. Sempre a gaveta para onde desde miúdo atirava tudo o que produzia na esperança de um dia lhe vir a ser útil.

Felizmente sempre tive a mania de escrever e guardar o que escrevia. Assim cheguei a ler tudo o que escrevi ao longo de mais de meio século. Eram notas, pequenos apontamentos, escritos e manuscritos de caligrafia variável como os estados de alma, de vários tamanhos, formatos e estilos, que se haviam acumulado em pastas não catalogadas nem sequer ordenadas de qualquer forma específica. Outros ocupavam o lado outro de folhas A4, recicladas de traduções, notícias e outras. Foi um trabalho longo. Ler e rever tudo o que me aparecia escrito e descortinar o que era real, inventado ou meramente sonhado. Alguns faziam parte de escritos e reescritos já publicados, outros nem por isso, e havia os mais recentes publicados já sob o pomposo e deshumble título de *CrónicaAçores: uma circum-navegação*. Uma vez na posse daqueles arquivos preciosos (e muito ficara por ler e desvendar, para memória futura) a minha tarefa fora interpretar e colocar geograficamente os eventos nos locais por onde passara, que nem um caixeiro-viajante do mundo, sempre impaciente e insatisfeito em busca de uma pátria, uma mãe, um lar.

E é sobre essa fluente e vasta escrita que este livro versa. Já aprendera isso com o meu pai e repetia-o até à exaustão pois a experiência ditava-me de que poderiam ser úteis tais anotações. Já o tinham sido por várias vezes. Era difícil aos que me rodeavam compreenderem aquele frenesim, aquela angústia de escrever e por muito que lhes explicasse (o que já deixara de fazer havia tempo) recusavam-se a ver a minha irrepreensível lógica. Sabia que tinha uma missão diferente de todas as outras e teria de a levar a cabo, embora sem ter cartas de marear nem rotas nem itinerários. Era quase um eremita rodeado de gente pouca, por todos os lados, como convém a quem é uma ilha, incapaz de se deixar contagiar pelos clamores externos. Não havia ambiguidades na minha postura, optara por ser aquilo que atualmente era. Já não tinha nem ressentimentos nem ilusões. Já passara o tempo da dor, limitava-me a sorrir pouco e rir qb. A vida passada só fazia sentido para o ego que fora meu, mas já não era. Não poderia repeti-la agora. Tê-la-ia vivido da mesma forma se confrontado com idênticas circunstâncias. O presente devia ser aproveitado sem os hedonismos do passado, com a frugalidade que o meu padrão de vida me permitia, sempre otimista quanto aos melhores dias que podem sempre vir, quando menos se espera, sem nunca desesperar.

Considerava-me um privilegiado, vivi três vidas numa só. Criei três carreiras distintas que prossegui em paralelo e nada de material tinha para mostrar, mas trazia comigo uma pesada bagagem de conhecimentos e cultura que teimava em acarretar sempre que mudava de residência. Tal como George Steiner em "*Os livros que não escrevi*" não se definia politicamente, eu nunca declarava abertamente as minhas ideias políticas, nem a minha verdadeira posição. Afirmei sempre nunca pertencer a nenhum partido ou clube, e dessa forma reneguei qualquer afiliação que pudesse ter existido nos meus anos formativos. Mesmo quando visualizava os espetáculos desportivos não me deixava levar pelas emoções ou por simpatias, via friamente o que o pequeno ecrã me proporcionava e chamava àquilo o meu entretenimento gratuito. Evitava a todo o custo pronunciar banalidades e raramente subscrevia manifestos. Pelo contrário ridicularizava a impreparação dos jornalistas que debitavam decibéis em telejornais vazios de conteúdo, incitava-os a fazerem as perguntas corretas sem medo de perderem os seus empregos. Raramente via uma coluna vertical e proba naqueles escribas atuais, meus colegas de profissão, sempre de costas vergadas à censura económica dos seus patrões. Raros os editoriais ou artigos de opinião que subscrevi, pois poucos podiam escrever livremente e menos ainda os que os queriam ler. Muitas vezes no meu blogue e nas minhas crónicas, fazia análises da conjuntura mundial ou nacional usando meramente o senso comum e interrogava-me porque é que o povo à minha volta não podia ver as coisas com a mesma clareza e transparência com que eu as via.

Escolhi esta forma de isolamento, quicá aprendido da obra de Nietzsche que fora bandeira da minha juventude revolucionária, de aprendizagens várias. Afirmei sempre prezar imensamente a incomensurável liberdade de expressão e de discussão que a revolução de abril (1974) nos trouxera. Tinha esse desprendimento próprio de quem nunca perdoava ter tido o meu primeiro livro de poesia, quase juvenil e inóspita, cortado pelo lápis azul da censura e reduzido a um terço da sua dimensão. O meu retiro no "castelo" aparentava uma passividade que não me era inerente, mas era assim que eu reagia ao desapontamento da democracia conjugado com uma utópica visão do mundo que herdei dos muitos livros

que li, sobretudo na infância e juventude. Temia todos os totalitarismos e fundamentalismos, e já não receava ser acusado de elitista. Nauseavam-me os espetáculos de voyeurismo que as televisões colocavam no ar, sem intimidades, nem privacidades, como se fosse a transposição de tudo aquilo que os malfadados formulários burocráticos haviam conservado de cada um e os resolvesse expor na praça pública para deleite geral. Uma espécie de Maria Antonieta no cadafalso para todos verem e vilipendiarem. Era similar às ações encenadas dos políticos para todos verem o que pretendiam que vissem, como se as decisões sobre o presente e o futuro do país se definissem através desse jogo de sombras chinesas ou de marionetas indonésias.

Teologicamente definia-me como ateu e não como agnóstico, mas lamentava-me de ter perdido a fé com que cresci, embora ainda hoje me limitasse a aplicar na prática todos esses bons ensinamentos. Ironizava ser mais católico do que muitos praticantes do rito romano, e de ter feito mais bem sem olhar a quem, do que muitos daqueles que se continuavam a benzer, e a ir comungar num espetáculo de voyeurismo público que me repugnava. Ao decidir ficar em casa, no meu “castelo” era uma espécie de observador neutral do mundo que se desenrolava a meus pés, ainda, e sempre, convicto de que os seres humanos podem ser iguais, independentemente do seu género ou sexo, da sua nacionalidade ou cor de pele. Estava, porém, lucidamente consciente, desta utopia, pois haveria sempre os favorecidos pela “sorte”, os ricos (e quem enriquece à custa de trabalho honesto?) e todos aqueles cuja única missão no mundo era contrariar os meus arreigados princípios de probidade e dedicação a causas perdidas. Estava consciente de que a lei, qualquer que ela seja, qualquer que seja o país, está cheia de iniquidades e favorece obviamente os ricos e os corruptos e quem se “lixo é sempre o mexilhão”, pois são sempre os pequenos e os incómodos que servem para dar exemplo da luta contra o nepotismo e corrupção.

Bastava nascer-se no Congo ex-belga, em Kiribati (no Pacífico Sul) ou na Terra do Fogo para as hipóteses de futuro serem radicalmente distintas daquele que nasceu no palácio de Buckingham, só para dar um exemplo dum “rapaz da sua idade”. Embora não tivesse nascido com deformações ou deficiências genéticas viria a adquirir uma perigosíssima estirpe viral: a do conhecimento e da insaciável sede pelo mesmo. Aí, congratulava-me por não ter nascido cego, pobre de espírito, ou delinquente. Outra deficiência que adquirira em novo, por influência paterna, tinha a ver com a sôfrega sede do direito inalienável à liberdade de expressão e de pensamento, uma malformação congénita que me valera muitos dissabores pessoais e profissionais ao longo da vida.

Viera um dia, descendo das nuvens que pairavam sempre sobre estas ilhas, como quem não quer poisos certos e acabei por ceder ao peso das dúvidas e das dívidas. O meu andar não era tão ereto nem certo como fora em tempos, a cabeça baixa, os olhos baços e encovados do cansaço e desespero. Arrastava-me penosamente pelo calendário dos dias, sem deixar grandes marcas além das baforadas dos cigarros sorvidos sofregamente. Tinha ainda uma missão a cumprir na vida, das duas ou três que guardara para estes anos finais quando as chamas se apagavam e os sonhos esmorecidos não passavam já de memórias. Atribuía o facto à idade, embora me gabasse de envelhecer suavemente, sem pressas nem negações, mas finalmente deixei de lutar e de sonhar com as áreas vastas e os horizontes sem fim, mais típicas do meu australiano continente-ilha. Aliás, sabia que estava a ficar caduco desde aquele dia em que ao espirrar me saltara a dentadura postiça com estrondo para cima da secretária. Aqui e agora, estava tolhido pelas colinas verdes, as tais vacas alpinistas, as brutais variações climatéricas diurnas, a nesga de mar que vislumbrava pela sua janela. O verde afetava-me quase tanto como a frequente falta de sol de que carecia para a função clorofilina. Obrigara-me a nunca me queixar, a estar sempre contentado sem nunca me contentar. Resignado deveria ser o termo, mas fingia que nada me afetava nem inquietava. Isto passava-se enquanto as dúvidas e os temores me assolavam, cada vez mais frequentemente, se bem que numa escala metafísica pouco consentânea com as preocupações mais comezinhas daqueles que me rodeavam.

Tomara-me taciturno, quase monossilábico, não tinha com quem dialogar, eram todos surdos em volta e falavam uma língua diferente com sotaques estranhos e quiçá incompreensíveis. Sentia-me estrangeiro. Duas vezes ao ano partilhava palavras com os meus pares ideológicos nos Colóquios da Lusofonia, mas para isso precisava de organizar esse tipo de reuniões intelectuais à custa de muita labuta e sem proveito qualquer. Perguntava a mim mesmo se era este o preço a pagar para poder falar. Sempre falara, e muito, e agora via-me calado e ensimesmado. Deixara de viajar frequentemente, como fizera toda a vida, e os locais estranhos eram visitados apenas no pequeno ecrã com que entretinha as horas que não passava a teclar.

Politicamente incorreto até à medula, sem ser libertário, raramente deixava perceber quais os meus ideários, mas nunca me cansava de falar em liberdade, em especial, a de expressão e de opinião. Falava da liberdade individual como se ela fosse mais vital do que o pão para a boca ou o dinheiro para pagar as contas. Era de opinião de que todos deviam ter a liberdade que eu (e nós próprios) temos e por isso não me coibia de dizer **não** quando o entendia, em vez de cortesmente dizer sim quando a mente me dizia não. Não pactuava com falsas noções. Era por isso socialmente incorreto quando dizia que não tinha aparecido porque não lhe tinha apetecido ir, ou quando afirmava que preferia ficar em casa, no meu “castelo” a juntar-se às proles.

Aliás, sem cerimónia dizia que me custava estar no meio de multidões, e havia já escrito em 1972 no meu primeiro poema que abria o volume de poesia [Crónica do Quotidiano Inútil] “

– 11 h.

A correr do café com leite para o elétrico torrado.

Palavras marteladas pelo HÁBITO INCÓMODO.

– Quinze tostões.

Direito a empurrões, pisadelas.

O pó é grátis

por vezes, o cheiro da democracia custa a engolir...”.

Devia ser uma ideia premonitória, dado que quando o escrevera ainda não vivera a democracia, pois decorria então a dita primavera marcelista estiolada que foi o estertor do Estado Novo salazarista. Mas é sempre difícil os outros aceitarem estas declarações verdadeiras e honestas, ninguém gosta de saber que alguém não quer estar connosco e prefere ficar sozinho. Não aceitam que seja preferível uma pessoa ficar em paz e sossego consigo mesmo, essa coisa banal que se resume a estar consigo mesmo e não com os outros.

Há momentos para tudo, para estarmos connosco e momentos para estarmos com os outros. Era dessa liberdade que falava e que procurava, quando não estava bem com algo, não deixava que isso me atormentasse e punha termo ao mal-estar. Mesmo que isso implicasse os outros sentirem-se aparentemente ofendidos e tristes por se preterir a companhia deles ao silêncio dum teclado a ser martelado suavemente com ideias. Era dessa liberdade que falava e era essa liberdade individual que prezava mais do que tudo. Era avesso a todas as formas de dirigismo ou de manipulação, queria decidir por mim mesmo, ainda que inconscientemente estivesse a ser manipulado ou influenciado pelo que lia e ouvia.

Já tinha sido assim quando me proibiram de fumar em locais públicos australianos no fim da década de 80 e depois quando em Portugal a mesma cegueira protecionista da saúde se abateu sobre cafés e outros locais em janeiro de 2008. Para mim tratava-se de mais um fundamentalismo que não estava disposto a aceitar. Se as minhas idas ao café já eram pautadas por períodos limitados a mero conjunto de segundos, frações minúsculas de minutos, estes passaram a ser mais curtos ainda, pois embora habitualmente não acendesse um cigarro após o café, passei a acendê-lo apenas para provar que o podia fazer quando queria e não quando os outros deixassem. A minha relação com os outros era sempre problemática e resumia-se à minha aversão pelos ditames alheios. Fora assim com a autoridade paternal, com as autoridades militares no decurso da minha vida como oficial do exército e no decurso da minha vida profissional. Era avesso aos “carneiros” e talvez por isso mesmo acabaria por casar com uma pessoa desse signo.

Despeitava a inveja alheia, noção que me era alienígena, pois invejava nada ou ninguém. Criticava os outros pela fachada que mantinham, pelos estereótipos com que se regiam: conversas balofas e mesquinhas, sem profundidade. Ansiava por conversas profundas, preferia argumentos “intelectuais” ou até mesmo “pseudointelectuais” em que se esgrimissem argumentos, ideias e propostas concretas de melhorar o mundo, pois isso nem a sociedade, em si, nem os políticos, em especial, se encarregariam jamais de fazer. Acreditava que podia marcar a diferença e começava as revoluções em casa.

Deixei sempre aos filhos a liberdade de escolherem a sua vocação religiosa quando tivessem idade, nunca ia à missa só porque sim, como o meu pai fizera sempre, acompanhando religiosamente a minha mãe, essa sim praticante dessas coisas do culto da missa. Os tempos eram outros e não havia já aquele estigma forte de se ser um não-praticante ou um não frequentador de missas. De qualquer modo acreditava ser coerente. Ao contrário dos meus pais, que raramente me deixavam usar o telefone, cedo coloquei telefones nos compartimentos todos da casa para que o filho mais novo pudesse falar ao telefone ou usar a internet, com moderação. Lembrava-me ainda do tempo em que o telefone tinha apenas trinta centímetros de fio e uma pessoa tinha de ficar ali agarrada aquele pedaço de baquelite preto a falar por monossílabos, com o resto da família perscrutando as ondas e o éter a conjecturarem toda uma conversa que se queria privada. Mais tarde, inventei um sistema com um fio de extensão do telefone que se ligava na tomada e dava para esticar o aparelho pelo resto da casa. Fosse onde fosse que me fechasse: no quarto, na casa de banho, na varanda, já podia falar com privacidade, mas só o fazia de noite quando os pais já dormiam para poder falar longamente... infelizmente o filho tinha um desprezo para com o telefone igual ao que ele agora sentia por esse meio de comunicação retrógrado e que raramente utilizava por prazer. Mais voltado para as novas tecnologias e um típico autoensinado, o filho desfazia-se em digressões e divagações tecnológicas cibernéticas sempre em busca de descoberta do Santo Graal mesmo que não o soubesse nem sabendo bem o que procurava.

Nasci em 1949, fruto dum pós-guerra que abalou profundamente os alicerces da minha família. De abastada em 1906 e possuidora de três carros durante a 1ª Grande Guerra, pouco se via da velha família com laivos de nobreza. A família sobreviveu mal à Grande Depressão de 1929 com grandes perdas financeiras e a sua redução a uma mera burguesia “cheia de pergaminhos nobres, mas sem cheta” como soía dizer-se então. Embora crescessem a falar francês, inglês, italiano ou castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza. Tinha, também, muito orgulho no apelido Meira, cuja origem descobri ser muito antiga.

Família que tomou o apelido de Meira no bispado de Tui (Galiza) o mais antigo que se conhece é Rodrigo Afonso de Meira, senhor do solar de Meira. Mais tarde Gonçalo Pais de Meira, alcaide de Guimarães que, com seus filhos, organizou a defesa da praça, ao serviço da Corte de Espanha, livrou do cerco a cidade de Guimarães no ano de 1369.

Dizia a lenda que saíra da nossa posse um Palácio na Galiza, por um tio-bisavô do lado Meira, que se recusava a tornar espanhol e por isso perdeu todas as propriedades em Espanha dado que os não-Espanhóis estavam então proibidos de possuir terras e bens. Mas a sua verdadeira identidade nunca descobri nem encontrei ligação nossa do lado Meira (radicado em Afife, mas originário de Lugo, Santa Maria de Meira) nem desse antepassado que alegadamente havia sido o dono do Pazo de Meirás em El Ferrol, que é um Palácio de Verão pertença da Coroa espanhola, mas só muito mais tarde vim a descobrir que parecia nunca ter havido ligação nenhuma a esse Palácio de Verão que o ditador Francisco Franco “anexara” na década de 1930 e do qual usufruía por 36 verões consecutivos e que hoje recusam devolver ao estado.

Embora crescêssemos com a capacidade de falar castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza.

As origens de outro ramo da família datam de 960 d.C., anteriores a Afonso Henriques, a cujo aio judeu estavam ligadas pelo casamento da filha de Egas Moniz, ou seja, anterior à formação do próprio Condado Portucalense e de Portugal.

No que diz respeito ao apelido este originou-se com D. Sancho Nunes Barboza, senhor da Quinta de Barboza, na terra do mesmo nome. Era seu solar a Quinta de Barbosa, no termo do Porto, donde tomaram o nome, no lugar de Barbosa, na freguesia de S. Miguel de Rãs (Penafiel, Norte de Portugal). Segundo Miguel de Sousa (in “As Origens dos Apelidos das Famílias Portuguesas”, SporPress, 2001), os Barbosas foram uma importante família nobre portuguesa no século XII, mas que entrou em decadência nos séculos XIII e XIV. D. Sancho Nunes Barboza era descendente de D. Nuno Guterres, aliás Conde D. Nuno de Cela Nova, filho do Conde D. Teobaldo Nunes, um dos mais ilustres e valorosos cavaleiros do tempo do rei D. Bermudo II de Leão. D. Nuno era irmão de S. Rosendo, famoso bispo de Dume no ano de 925. Este nome pode ter sido documentado muito antes da data mencionada acima. Apelido português toponímico, indica um lugar onde há muitas barbas de bode ou barbas de velho (espécie de planta). Como topónimo, José Pedro Machado (in Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa) considera que Barbosa é originalmente um adjetivo na expressão «(terra) barbosa», isto é, «(terra) onde haja abundância de plantas chamadas barba» (ver barba no Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, de António de Morais Silva, 2.ª edição).

A ligação ao título de Conde de Celanova permaneceu na família durante gerações, mas por razões que não vêm ao caso já não estão atuais. Havia também uns primos direitos, mais velhos do que eu, nascidos no Brasil e lá residentes, que queriam o título, a que legitimamente tinham direito por consanguinidade e hierarquia. Passados os dias difíceis da Grande Depressão quando o meu avô morreu (1930) em que terrenos, casas, propriedades e fábricas foram sucessivamente roubados por outros membros da família ou perdidos na voragem da bancarrota, a família sobreviveu à Segunda Grande Guerra.

A Quinta do Cabeço em Afife foi uma das perdas mais sentidas pelo meu pai. Cheguei a conhecer as suas casas de infância, uma na Rua Visconde de Setúbal e Rua da Regeneração (atual Rua João das Regras, onde está um tribunal

agora), mas as casas de verão na Foz e Matosinhos onde passavam o Verão já não as conheci. Consta que alguns membros da família (em especial um cunhado que era contabilista do meu avô) a quem dera apoio com trabalho e benesses foram os que mais se aproveitaram dele estar em maus lençóis.

Ainda viríamos a herdar algo que eles deixaram por não terem descendentes). Com a derrocada financeira e subsequente morte do patriarca viria a impossibilidade de o meu pai acabar o liceu e ter de se resignar a acabar os estudos numa Escola Comercial, tendo cedo começado a trabalhar nos escalões inferiores duma multinacional norte-americana¹. Entretanto, de tenra idade o meu tio, irmão mais velho do pai, emigrou para o Brasil (teria uns 7 ou 8 anos, por volta de 1918) com um tio-avô que ali fez fortuna e deixou descendentes que ainda hoje continuo a descobrir.

Segundo consta, e era tradição oral, o meu pai escandalizou o resto da família e teve de arcar com um certo e duradouro ostracismo. Casara em 1948, segundo o culto católico romano, com uma mulher trabalhadora, noção de todo herege aos olhos do conservadorismo familiar, cheio de pergaminhos, de manias de aristocracia (falida) e sangue azul. Dir-se-ia que nascera, assim, no seio duma atmosfera hostil. A minha mãe era professora primária numa altura em que mais nenhuma mulher (na família do meu pai) trabalhava ou sequer pensava nessa hipótese. Eram, então, todas as restantes mulheres da família de seu pai respeitáveis donas de casa, com tradições a venerar e manter, enquanto tocavam piano e falavam francês, segundo o provérbio popular. Era às criadas que competiam as tarefas de cuidar das crianças, educá-las, ensiná-las, enquanto outras colegas mais qualificadas se encarregavam dos trabalhos domésticos divididos por tarefas como limpezas e cozinha. Aos pais do sexo masculino (nessa altura, os pais eram ainda apenas um de cada sexo) competia trabalhar, manter o bom nome da família, e prover a todas as necessidades (expressas ou não) desta

Do meu lado materno viriam os apelidos Menezes, Madureira, Rodrigues, Magalhães, Moraes e Alves todos consignados ao distrito de Bragança.

Ali teriam toda a sua ancestralidade, ligada entre outros a Dom Nuno Álvares Pereira (1360-1431) descendente de Desidério, último rei dos lombardos, que tentou invadir Portugal e tomar a Galiza em 740 (D. Afonso I). Os Pereira estabeleceram-se em Trastâmara antes da chegada dos mouros. Eram senhores do Castelo de Lanhoso. Aos 16 anos casou com D. Leonor de Alvim, um casamento de conveniência. Deixou descendência a quem D. Duarte deu o título de Duques de Bragança.

Nunca vi a clarificação dessa ligação genealógica à família da minha mãe e mantinha-me céptico em relação à mesma. Já não havia dúvidas quanto ao resto da família embora me intrigassem alguns relatos de que um meu bisavô materno teria sido cônego, casado e pai de filhos, mas também aí nunca descobri a confirmação do sacerdócio desse antepassado, embora houvesse muitas dúvidas matrimoniais não-consubstanciadas em documentos.

Como poucos na família se interessavam pelo assunto e como havia uma política de silêncio profunda, os poucos dados de que dispunha fui-os arranjando na fase monárquica da juventude quando passava as férias nas aldeias transmontanas em busca de histórias e lendas de família. Parecia não restar dúvida, quer pelas imagens quer pelo resto, de que se tratava de uma família (pelo lado materno) com inúmeras ligações a judeus novos ou marranos. Renegados por todas as gerações até aos meus dias, havia os nomes típicos de cristãos-novos como Ester (hebraico: estrela) e Jesuína (latim: aquela que crê em Jesus) que não deixavam grandes dúvidas, a menos que se ignorasse a etimologia dos mesmos. Seriam um peso grande a acarretar durante a vida estas heranças genealógicas das quais só viria a libertar-se muito mais tarde.

Rompendo com a tradição iria ajustar a minha identidade à persona que aceitei como meu alter-ego e com a qual teria de coabitar para o resto dos dias. A minha mulher jocosamente comentara um dia que o meu grande problema existencial era saber qual dos dois venceria o duelo, eu ou o meu alter-ego. Fora importante esta dicotomia para definir a minha personalidade, independentemente das heranças genéticas e outras. Sempre quisera construir o meu rumo sem transportar o peso morto das expetativas, e uma albarda cheia de nomes como alguns membros da família chamados – por exemplo -Alberto Eduardo Miguel Carlos Manuel Filipe José Pedro Arcanjo Francisco e seus respetivos apelidos. Cingir-me-ia, por exemplo, às iniciais JC ou JCC tomadas no seu sentido mais lato como as do filho do deus dos cristãos. Não seria isto mais uma demonstração da minha não-aceitação de destino marrano, e a necessidade de reafirmação da minha cristandade?

Em minha casa no Amial, viviam os meus pais, a minha avó paterna, duas irmãs de meu pai ainda solteiras e a tia-avó Orbela (então separada ou já viúva) que faleceria dois anos depois. Os meus pais levantavam-se muito cedo para irem trabalhar e eu ficava a cargo da empregada e da minha avó, que eu sempre considerei uma pessoa adorável e terna, mas que nunca trabalhara um dia em toda a sua vida e jamais se capacitara de que a família não era rica como dantes.

Vivia num mundo seu, encapsulada num vórtice temporal que nunca transcendeu. Os primeiros quatro anos da minha vida eram preenchidos por longos passeios pela Estrada da Circunvalação Interna no Porto, pois vivíamos no Bairro Garantia, Vivenda Estremadura, na Rua do Amial, mesmo junto a essa saída de portas, antiga barreira fiscal que impedia a entrada e saída de pessoas desse burgo que era o Porto. A casa ainda existe e aparte uma pintura exterior não parece ter mudado nada desde que de lá saímos. No entanto absteve-me de ir bater à porta e pedir para visitar o sítio onde passei os primeiros anos de vida, como quem parte em busca de soluções para problemas que desconhece, ou em busca de pistas para a minha maneira de ser conturbada.

As lembranças dessa época são mais decorrentes das fotos que vi e das quais retive ou recriei uma memória dos eventos por via fotográfica. O que mais persiste na lembrança, e disso não vi fotos, é o enorme fogão a lenha que havia na cozinha e o hábito de a minha avó tomar ao lanche um chá com leite, o chá inglês como ela lhe chamava e que por vezes me convidava a acompanhá-la. A casa tinha dois quartos para a frente, dois laterais, além da sala de jantar e cozinha. Se bem que tenha uma vaga recordação da maior parte dos quartos e da sala e cozinha, há dias interrogava-me onde estava localizada a mobília de escritório do meu avô, que o meu pai herdou.

A minha avó tinha no quarto de dormir uma pianola onde se entretinha a tocar e que mais tarde deixou de fazer parte da nossa mobília quando mudámos. Foi para casa da minha tia (irmã mais velha do meu pai) porque a minha mãe achava que era um "mono" demasiado grande para um apartamento e como não era dada às músicas viu-se livre da pianola e mandou a minha avó tocar em casa dos outros. Ainda está em casa deles.

Na casa do Amial havia uma criada ou "sopeira" como era vulgo conhecida em calão da época (nome usual na época, antes de se passarem a denominar empregadas domésticas, ou auxiliares de serviços domiciliários) que nos acompanhou na mudança e, mais tarde, casou de nossa casa para emigrar para França. Quando regressou de férias, tinha eu sete anos servi de padrinho ao filho dela, meu único afilhado o José Alberto Cortez que nunca mais vi e deve ter cinquenta anos... e a única coisa que o padrinho lhe deu foram os dois nomes...pequena herança.



1 (Mobil Oil, então chamada Socony Vacuum pela junção em 1931 da Standard Oil Co. de Nova Iorque (Socony) e a Vacuum Oil Co. Em 1955 tornou-se Socony Mobil Oil Co., e em 1963 Mobilgas, ou Mobil Oil, que finalmente em 1999, foi adquirida pela Exxon)

Desde tempos imemoriais que natal não é já sinónimo de momentos agradáveis que a memória deste autor registre. Passou a ser símbolo da representação farsista em nome da sagrada dicotomia dos filhos, mera extensão do fingimento que a desculpa do amor paternal sustenta. Entretanto, os dias se foram esvaindo rapidamente e a data chegou sem surpresas de maior.

Em vez do acordado natal com os primos Magalhães de Ponta Delgada (um mero encontro de seis pessoas) acabaram por estar lá uns 23 convivas, com os outros primos Cordeiro e seus apêndices.

A inclemência dos elementos fez temer que a curta viagem para a cidade fosse ainda mais desagradável e em vez dos usuais 30-35 minutos demorou-se uma hora a chegar, sob chuva impiedosa e ventos fortes. Felizmente, os primos haviam já pensado que o melhor era ficarmos aboletados lá em casa, na falsa que havia sido o primeiro local de pernoita em junho de 2005 quando viemos conhecer a ilha. A conversa, a comida e a bebida decorreram animadas até pelas três da manhã quando os convidados se foram e os restantes foram dormir.

Na manhã seguinte era necessário arrumar e limpar. Cuidar de todas as atividades domésticas que raramente se veem, mas que são fundamentais para o sucesso de qualquer lar. Ia-se almoçar no dia de natal a casa do médico mais jovem do clã Furtado-Lima Gouveia Cordeiro, já com os cinco mais jovens menos irrequietos e expetantes das prendas que no meu tempo eram trazidas pelo menino Jesus e ora vêm de rena com o pai natal. Isto passou-se até aos sete anos, data em que descobri as ditas prendas escondidas, dentro e por cima do guarda-fatos dos seus pais, e aí perdi a virgindade do natal.

Hoje em dia ninguém se contenta com umas camisolas, camisas, meias ou algo assim, querem todos um iPod ou o último modelo de telemóvel ou PlayStation. Por mais que me tente recordar poucos terão sido os brinquedos que tive no “sapatinho” ou na “meia” da árvore de natal.

Eram diferentes esses tempos, como aquela festa de anos muito especial em que os meus pais me levaram ao Palácio de Cristal a lanchar e da qual ainda evocava o Sumol e o bolo que fizeram as minhas delícias por não ser um artigo comum do dia-a-dia. Fora comido numa esplanada na avenida principal junto ao Teatro que ainda lá existe. Estavam já a cair as folhas amarelecidas pelo outono e a encherem de tons alaranjados o piso de areia daquela longa avenida por onde passava um comboio de fingir a apitar cheio de crianças contentes.

Eram outros os tempos e as expetativas dos mais jovens. Andar de barco a remos no pequeno lago em frente era um privilégio raramente utilizado e essas diversões resumiam-se a uma vez ao ano em anos bons, talvez bissextos, quem sabe? Aprendia-se assim a dar o devido valor ao que se não tinha e a que nem se podia aspirar. Hoje com a sofreguidão típica desta geração de “baby-boomers” dá-se tudo aos filhos e eles vão pedindo mais e melhor, insatisfeitos com o muito que têm nesta sociedade consumista que a todos assola e assolapa de dívidas.

Era este o natal possível, nem no país, nem na cidade, nem na região que se pretendia, mas apenas naquele em que era possível. Hossanas e graças deveriam ser dados por poder desfrutar dele na companhia do núcleo familiar atual e na reconstituição de um natal em família como há muito deixou de se fazer.

De facto, juntar mais de vinte primos sob um mesmo teto não ocorre todos os dias, primeiro porque as casas não têm condições, segundo porque as pessoas não têm disposição para tal, terceiro porque os primos nem se conhecem. Ali estávamos nós, primos segundos, terceiros, quartos e quintos, como dantes acontecera se bem que raramente. Teria havido umas Páscoas com dezenas de familiares, não muitas (umas duas ou três), e os natais eram normalmente limitados ao núcleo mais duro e mais reduzido da família, apenas uma dúzia de pessoas enquanto os avós foram vivos.

Neste aspeto a reunião foi deveras interessante, houve tempo e oportunidade de falar com primos, consanguíneos ou não, trocar impressões, darem-se a conhecer um pouco para lá do bom-dia, boa-tarde, tudo bem? Que a pressa do quotidiano obriga a serem parcos em palavras, gestos e emoções, com medo de que se não chegue a tempo a sítio nenhum e onde se fará sentir a solidão e a vacuidade da vida que esta sociedade vem impondo nestes últimos vinte ou trinta anos. Poderia então concluir-se que esta reunião de família pelo natal seria um evento a recordar, e não é a primeira vez que ela sucede nestes cinco natais insulares, dos quais apenas o primeiro foi passado na metrópole continental do país. Foi preciso eu vir da Austrália para os Açores para reviver natais com a família alargada. Os restantes dias de férias passaram-se sem nada digno de assinalar salvo a continuação do mau tempo, chuvas, enxurradas, deslizamentos, o costumeiro da época. Depois, foi a passagem de ano, trivial com a mulher e o filho mais novo a verem e ouvirem as badaladas a tocarem nas Portas da Cidade de Ponta Delgada ao som de fundo de uma música extremamente pirosa como convém para agradar ao povo.

Assim fomos comendo apressadamente as doze uvas em vez das “passas” e outras coisas típicas da passagem de ano. Depois, a mãe, a irmã e o sobrinho ligaram a câmara do computador. Falaram e viram as caras, mais velhas um ano desde a última ligação, que nisto de tecnologia não precisam de estar perto para se verem e ouvirem na pretensão infundada de estarem sempre juntos em espírito. Eu acabei o ano a traduzir o Guia de Mergulho do grupo central depois de ter feito o de Mergulho na Madeira e sonhava que muitos outros se lhes sucedessem.

Foi então que decidimos arriscar e tentar a sorte e uma vida nova em Bragança, liderando o projeto do Museu da Lusofonia. Escrevemos as condições pretendidas a um amigo de longa data e iríamos aguardar a ver se a ida se concretizava. Um projeto mais para um novo ano que nestas coisas convém manter vivos os sonhos e os projetos para justicarmos a existência que de outro modo seria parda e desprovida de motivações.

A minha mulher iria arrancar com a Antologia de autores açorianos contemporâneos e eu prosseguiria a saga dos colóquios da lusofonia. Assim se passara o natal número sessenta com a felicidade de ter ainda viva a mãe com os seus quase 87 anos e de pertencer a essa raça em vias de extinção, a família heterossexual nuclear.

Mas deixemos de lado as preocupações passageiras que, dentro em breve, serão olvidadas e passadas a plano secundário, onde aliás deveriam ter estado desde a primeira hora. Penso que o mundo ocidental atravessa uma crise semelhante à de outros tempos e impérios. Já o escrevi e repeti algumas vezes em Crónicas várias.

A nova geração no poder na Europa, retratada exemplarmente pelos patéticos e ridículos Sócrates em Portugal e Sarkozy na França, ronda os 40 e poucos anos, geração “rasca” de conhecimentos parcos, muita prosápia e pouco conteúdo intelectual, que nisto de estudos nenhum se excedia para além do medíocre.

Já na Itália está de pedra e cal um político mais velho, mais vaidoso e pomposo do que sabe-se bem lá quem. Talvez um Napoleão à moda atual, cujos exércitos são as leis que moldaram a sua imunidade e impunidade e os canais de rádio e TV, mais o clube de futebol, que controlam as mentes dos italianos. Já em tempos disse que o mal da História era não a conhecermos nem sabermos reconhecer erros passados para evitar repeti-los.

Num estudo sobre 21 civilizações extintas, um grande historiador inglês do século 20, Arnold Toynbee, descobriu dois fatores em comum a todas elas: a concentração de riqueza e propriedade nas mãos de poucos e a incapacidade de fazer mudanças necessárias em tempo, antes de sua extinção.

O mesmo acontece hoje. O mundo está doente e precisa de líderes corajosos e sábios. Infelizmente, de nada servirá ter conhecimento deste estudo. A incapacidade de mudar e a repetição dos erros são constantes. Eles são duplicados por gente pouco culta, gananciosa e interesseira, apenas preocupada com o próprio umbigo e não com o bem-estar geral. Até imperadores como Júlio César mostravam mais compaixão pelo povo do que os líderes atuais da Europa a 27.

Outra das preocupações no avanço islâmico, e sobretudo fundamentalista, tem a ver com a crise dinástica que se irá seguir à morte de Muhamar Ghaddaffi e de Hosni Mubarak, respetivamente líderes há várias décadas, da Líbia e do Egito.

Na Líbia há muito que nada acontece sem esse personagem camaleónico estar envolvido, e no Egito há uma tradição sangrenta de assassinar os líderes ao fim de muito tempo. Anwar Sadat já era idoso quando perante uma marcha das suas forças armadas foi abatido, sendo depois substituído por aquele que hoje ocupa o poder.

A turbamulta sairá à rua e provavelmente os líderes militares tomarão conta do poder para manter as hordas tranquilas. São dois países às portas da Europa e uma mudança de liderança trará, decerto, resultados inesperados e indesejados para a velha senhora europeia.

No resto de África, um pouco por toda a parte do Saara ao Corno de África passando pelo resto do continente, há dezenas de pequenas guerras, umas maiores, outras mais pequenas, sempre prontas a desenvolverem-se em focos maiores, fruto da sofreguidão mercantilista de vendedores de armas e de regimes corruptos.

Grande parte do continente europeu nestes últimos 50 anos tornou-se islâmico e será fácil no meio de tanta pobreza, injustiça social e miséria humana um qualquer fundamentalismo prosperar. A Europa continuará a adiar a entrada da Turquia na UE alargada, continuará a impedir a entrada ilegal de imigrantes africanos (muçulmanos ou não) mas será incapaz de expulsar os ilegais que, entretanto, já estão dentro das suas muralhas.

A crise global de 2009 veio trazer a lume que os governos estavam mais interessados em salvar os bancos da bancarrota do que em devolver às pessoas os dinheiros que estas tinham confiado aos bancos. Estranha e perversa lógica.

O certo é que todos estes líderes europeus não merecerão mais do que uma curta nota de rodapé quando o livro da História for finalmente escrito pela sua incompetência e total incapacidade de decidirem seja o que for para uma maior justiça, equidade e democracia.

Viva a ditadura capitalista que a todos subjuga numa forma quase tão tenaz como as velhas ditaduras fascistas e comunistas. Será com ela que terei de ainda viver uns anos, e os filhos e os netos cá estarão para pagar uma fatura que ameaça tornar-se eterna como Matusalém. Podíamos chamar-lhe o preço da longevidade, mas outra civilização surgirá depois da ocidental, a menos que um qualquer asteroide resolva interromper a sua órbita e reduzir isto a cacos.

Enfim, nem fiz votos para 2010, mas limitei-me a constatar o triste estado do que me rodeia. O sorriso amarelece nos meus lábios.

78.2. CHUVA DENTRO DE CASA

Em finais de 2009, o senhorio decidira reparar o telhado da metade da frente da casa, responsável pelos lagos que se formavam aos pés da cama no andar térreo e no outro quarto da frente. As obras demoraram semanas, as telhas foram mudadas, deixando em toda a falsa uma camada bem substancial de detritos poeirentos que se infiltraram pela fina criptoméria que faz as vezes de teto.

Mesmo assim num dos quartos onde nunca chovera, passou a cair água abundantemente o que requereu a vinda dos “mestres”. Noutro quarto continuava a chover mesmo com o telhado novo. Vá lá a gente perceber se os “mestres” sabem da poda. Seguiram-se as obras de alargamento das fossas sépticas no pátio das traseiras, causadoras de maus cheiros constantes e outras inconveniências.

O curioso disto tudo é que coincidiu, de novo, com um feriado, o do 1º de dezembro, mais um dia de descanso perdido e banhos adiados...depois da trincheira de 2x2 metros aberta e da sua consolidação em cimento e madeira, fecharam tudo e esperou-se, uma semana mais, para que viessem colocar as tampas de plástico.

Nesses sete dias, a casa estava infestada de cheiros da fossa que penetravam pela canalização adentro e teve de se queimar incenso para que os odores se disfarçassem...

CRÓNICA 79 (DES)IGUALDADES E DISCRIMINAÇÕES 17 JAN 2010

“Torna-se evidente que, ao esperar o final da crise financeira e económica, de um mês para outro nos encontramos diante de problemas económicos e ecológicos fundamentais que exigem de todos um esforço muito difícil de conseguir. Temos que reconhecer que chegamos ao limite do possível tentando manter nosso modo de vida e nossos métodos de gestão financeira. A soma destes problemas situa-nos indiscutivelmente frente a um perigo de catástrofe maior”, analisa Alain Touraine, sociólogo, em artigo publicado no jornal El País, 06-01-2010.

A comunidade homossexual portuguesa viu hoje (8 janeiro 2010) aprovada no Parlamento uma lei que permite que dois homens ou duas mulheres possam contrair casamento civil entre si, nas mesmas condições em que o podem fazer um homem e uma mulher.

Eu nem sou contra nem a favor, é-me indiferente, em termos pessoais. mas o resultado das folias do PS é este...a partir de agora não se admirem de maior intolerância e menos aceitação da diferença. É o que dá impor à força o casamento homossexual em vez de debelar as crises do país...uma delas, curiosamente, tal como no resto da Europa é a baixa natalidade.... Devagar, podia ter-se conseguido o mesmo resultado com uma maior aceitação das pessoas, mas não, como em tudo o que mete mãos à obra, este primeiro-ministro só sabe fazer as coisas numa forma: a sua e mais nenhuma, seja, pois, à força, mas não convenceu a maioria das pessoas. A menos que se prepare para decretar a homossexualidade obrigatória, mas isso só com maioria absoluta...eu até venho dum país cheio de homossexuais com direitos de lei, mas lá foi a sociedade que aceitou (embora até 2017 ainda não tenha aceite o casamento homossexual) e não o governo a impor...vantagens australianas sobre Portugal.... Curiosamente nesta mesma data o governo reacionário e retrógrado do estado norte-americano de Nova Jérсия proibiu o casamento entre seres do mesmo sexo.

79.1. GAIOLA DAS MALUCAS. UM PAÍS DE EUNUCOS

O Primeiro-ministro, que ontem esteve em missão em Paris, fez questão de estar hoje presente no Parlamento. Sua Exa. estará cansada da viagem; Sua Exa., dirigindo superiormente o País como dirige, e estando o mesmo mergulhado na crise em que está, teria certamente mais que fazer do que ir hoje ao Parlamento. Mas insiste: vai. E porque vai? Porque é hoje discutida no Parlamento uma Proposta de Decreto-lei que envergonha qualquer Homem ou mulher, mas que lhe é cara: o casamento dos invertidos. Passa este assunto à frente de tudo. Sua Exa. faz questão em estar presente, em falar, em defender o indefensável: casar seres humanos do mesmo sexo. Trata-se certamente de uma questão de fundo, para fazer o País sair da crise em que alguns malvados o mergulharam. Os invertidos e as invertidas vão poder casar, e sua Exa. quer ficar na História intimamente ligado a este facto. E ficará, certamente. Não é já

certamente ofensa chamar invertido ou homossexual a qualquer ser humano em Portugal. Todos têm o direito a existir, a viver como bem querem, a chocar quem entenderem. E como já não é ofensa chamar invertido a ninguém, eu ponho uma pergunta inocente e respeitosa: será que sua Exa., o Bacharel Pinto de Sousa, deseja tanto ligar-se a esta causa, porque é também invertido? É uma questão legítima. E se o for, Portugal passa a ser um País com uma democracia ainda mais avançada que a dos outros Países: tem um invertido como Primeiro-Ministro. Ainda para mais, sob suspeita de ser corrupto. Mas isso são boatos da reação.... Teremos então que mudar o nome à nossa Pátria, com tantos desmandos a ser cometidos: em vez do nome secular de Portugal, passará a nossa Pátria a chamar-se de GAIOLA DAS MALUCAS. E eu pedirei em breve a naturalização num outro País qualquer. Nem que seja na Somália, onde provavelmente os homossexuais serão punidos, por viciosos. Como deve ser.

António de Oliveira Martins – Lisboa

79.2. E PORQUE NÃO A POLIGAMIA E A POLIANDRIA?

A comunidade homossexual portuguesa viu hoje aprovada no Parlamento uma lei que permite que dois homens ou duas mulheres possam contrair casamento civil. Evocavam para tal o direito à liberdade e à não-discriminação. Então, em nome dessa mesma liberdade e da não-discriminação, deve ser permitida a poligamia e a poliandria. Porque é que 1 homem não há de poder casar com 3 ou 4 mulheres ao mesmo tempo? E uma mulher porque é que não há de poder casar com 3 ou 4 homens ao mesmo tempo? Se há liberdade para os casamentos de duas pessoas do mesmo sexo, então, por maioria de razão, também deve haver liberdade para os casamentos poligâmicos. Aliás nos países muçulmanos, os homens podem casar com 4 mulheres ao mesmo tempo. E já que falamos em muçulmanos, é preciso não esquecer que a comunidade muçulmana está a crescer em Portugal. E certamente que se sente discriminada pelo facto de os seus membros masculinos não poderem casar com mais do que uma mulher. Acabemos com as discriminações, conforme apregoam aos 7 ventos os dirigentes do PS, PCP e BE. Espero é que em Portugal não sejam obrigatórias a homossexualidade e o casamento de duas pessoas do mesmo sexo. Se o for, eu mudo de País.

Miguel Costa Marques

Face a estas e outras reações, lidas neste dia na internet, várias coisas podem acontecer. Muitos dos que andavam ocultos em casamentos e matrimónios felizes com filhos, podem sair do «armário (closet em inglês)» e dar finalmente o nó com os/as seus/suas amantes do mesmo sexo sem medos nem temores. Outros irão, como bons portugueses ver em que pé as coisas param, a fim de se certificarem que é seguro sair à rua e assumirem-se abertamente sem sofrerem represálias. Outros ainda, virão celebrar para a rua e nos locais de trabalho e aí é bem provável que sintam agora uma discriminação que, até então, nunca tinham sofrido. Pode até acontecer que tudo continue na mesma, dado tratar-se alegadamente de um país de brandos costumes (a história desmente esta ficção) onde todos os crimes graves se escondem debaixo do tapete ou com condenações e penas suspensas.

Mas os resultados só serão visíveis nas próximas eleições quando o lóbi dos “gays e lésbicas” votarem no partido que lhes deu a liberdade de contraírem casamento civil, isto para usar a palavra que normalmente se associou ao longo dos tempos a uma união entre duas pessoas de sexos opostos.

79.3. CURIOSAMENTE, CELEBRAM-SE TAMBÉM AGORA SESSENTA ANOS SOBRE A PUBLICAÇÃO DE “O SEGUNDO SEXO” DE SIMONE DE BEAUVOIR.

Não nego ter, outrora, admirado a obra desta maravilhosa escritora. Mas para se compreender a autora é preciso entender o tempo e as condições sociais prevaletentes na época. Simone escreveu «O Segundo Sexo» retratando a mulher de então. Dizem mesmo que ela própria era espezinhada e humilhada por Sartre. Há, porém, um livro atual que retrata uma nova realidade [«O Primeiro Sexo» (Random House, NY) de Helen Fisher, a socioantropóloga norte-americana que tenta colocar a mulher no seu lugar, remetendo-nos para a sua visão holística.

Em tempos ancestrais, tivemos a mulher da Idade da Pedra administrando a sua caverna, preenchida por seres humanos e animais, mal preparados para se defenderem de predadores. Ela cuidava de alimentar o fogo e a prole. Assim se manteve durante séculos com pequenas interrupções, ao longo dos séculos, em várias civilizações. Em Atenas as mulheres só podiam obter instrução depois de serem mulheres de fulano ou beltrano. Já então havia prostituição que completava a família para proteger a sociedade como um todo. Nas sociedades judias de então, a mulher era objeto de compra e venda pela família, e na sociedade ocidental recorde-se que a igreja católica só admitiu que a mulher tinha alma, no Concílio de Latrão (1123), depois de acirrada disputa ideológica e com apenas um voto de margem. A mulher de hoje traz embutida uma função multidisciplinar, concomitante. A sua tarefa e o desafio é quebrar as barreiras da história. Ora será mais fácil dado que os homens não se oporão, pois, estarão preocupados em sobreviver mais do que qualquer outra coisa. Está difícil o futuro, e quem sabe se agora irão acabar, de vez, os machos latinos que tanta tinta fizeram correr ao longo do século XX. Atualmente haverá um Sócrates português que entende a sociedade doutra forma e vai querer moldá-la a seu bel-prazer e a seu modo. Depois de lerem isto tudo todos os que me conhecem mal, dirão que sou um perigoso homófobo, um conservador arcaico. Como não me revejo nessa definição, devo acrescentar apenas que coabitei com vários homossexuais (quer a nível de família, quer a nível profissional) sem jamais ter qualquer problema com as opções sexuais deles e delas. Respeitei-os e respeitei-as como a todos/as os/as outros/as, numa relação biunívoca de equidade, mas não compactuo com a ideia ridícula de casamentos entre seres do mesmo sexo.

Sou um eterno romântico que ainda acredita na instituição do matrimónio como sólido garante do tecido básico da sociedade ocidental. A prová-lo a minha crença pessoal de que por um (ou mais) casamento falhar, não ser razão para se tentar de novo até se acertar com o par ideal que queremos fique connosco até ao fim dos dias. Reconheço idêntico direito aos homossexuais de ambos os sexos, mas sem prostituírem o casamento que deve ser reservado aos heterossexuais. Manias, incongruências ou crenças bem arreigadas. Isto passa com o tempo, aposto que daqui a anos até acho normal.

CRÓNICA 80 - DO HAITI A VIRIATO E SERTÓRIO - 22 JANEIRO 2010

80.1. HAITI

Há dias ouvi a frase bíblica "Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos" [Mt 22: 14]. E perguntei-me por que seria que os pobres cidadãos do Haiti têm sido chamados tantas vezes. Ainda agora por ocasião dos termos de tremores de terra e terremotos que devastaram aquela metade da ilha me interroguei sobre a triste história daquele país.

Haiti (em português europeu: [ajˈti]; em português brasileiro: [ajˈtʃi]; em francês Haïti, pronunciado: [a.iti]; em crioulo haitiano: Ayiti), oficialmente República do Haiti (République d'Haïti; Repiblik Ayiti), um país do Caribe.

Ocupa uma pequena porção ocidental da ilha de Hispaniola, no arquipélago das Grandes Antilhas, que partilha com a República Dominicana.

Ayiti ("terra de altas montanhas") era o nome indígena dos táinos para a ilha.

Em francês o país é chamado La Perle des Antilles (A Pérola das Antilhas), por causa da sua beleza natural. O ponto mais alto é Pic la Selle, com 2 680 m de altitude. Tanto em área quanto em população, o Haiti é o terceiro maior país do Caribe (depois de Cuba e da República Dominicana), com 27 750 km² e cerca de 10,4 milhões de habitantes, dos quais cerca de um milhão vivem na capital, Porto Príncipe. O francês e o crioulo haitiano são as línguas oficiais do país. A posição histórica e etnolinguística do Haiti, são únicas por várias razões.

Quando conquistou a independência em 1804, e se tornou a primeira nação independente da América Latina e do Caribe, foi o único país do mundo estabelecido como resultado de uma revolta de escravos bem-sucedida e a segunda república da América.

A Revolução Haitiana, feita por escravos e pessoas livres de cor, durou quase uma década; todos os primeiros líderes do governo foram antigos escravos.

O país é uma das duas nações independentes do continente americano (junto com o Canadá) que designa o francês como língua oficial; as outras áreas de língua francesa são departamentos ultramarinos da França.

O Haiti é o mais populoso membro pleno da Comunidade do Caribe (CARICOM). O país também é um membro da União Latina.

Em 2012, o Haiti anunciou sua intenção de obter o estatuto de membro associado da União Africana. É o país mais pobre da América, medido pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). A violência política tem ocorrido regularmente ao longo da história do país, o que levou a instabilidade no governo.

Mais recentemente, em fevereiro de 2004, um golpe de Estado originário do norte do país forçou a renúncia e o exílio do presidente Jean-Bertrand Aristide.

Um governo provisório assumiu o controlo com a segurança proporcionada pela Missão da ONU para a estabilização no Haiti (MINUSTAH).

Michel Martelly, o atual presidente, foi eleito nas eleições gerais de 2010.

Li este artigo, "Os pecados do Haiti", de 15 de janeiro de 2010 por Eduardo Galeano

A democracia haitiana nasceu há muito pouco. Na sua curta vida, esta criatura faminta e enferma não recebeu nada, além de bofetadas. Estava ainda recém-nascida, nos dias de festa de 1991, quando foi assassinada pelo golpe de estado do general Raul Cedras. Três anos mais tarde, ressuscitou.

Depois de terem colocado e retirado tantos ditadores militares, os Estados Unidos pegaram e impuseram o presidente Jean-Bertrand Aristide, que havia sido o primeiro governante eleito por voto popular em toda a história do Haiti e que havia tido a louca aspiração de querer um país menos injusto.

Para apagar as nódoas da participação norte-americana na ditadura carniceira do general Cedras, os infantas de marinha levaram 160 mil páginas dos arquivos secretos.

Aristide regressou acorrentado. Deram-lhe permissão para retomar o governo, mas proibiram-no de exercer o poder.

O seu sucessor, René Préval, obteve quase 90 por cento dos votos, porém qualquer burocrata de quarta categoria do Fundo Monetário ou do Banco Mundial tinha mais poder sobre o Haiti do que Préval, apesar de não terem sido eleitos pelo povo haitiano. Mais que o voto, pode o veto.

Veto às reformas: cada vez que Préval, ou algum de seus ministros, pediu créditos internacionais para dar pão aos famintos, instrução aos analfabetos a terra aos camponeses ou não recebia resposta, ou o contradiziam ordenando-lhe que seguisse as instruções que lhe davam.

Como o governo haitiano nunca aprendeu que devia dismantelar os poucos serviços públicos que ainda permaneciam, últimos pobres amparos para um dos povos mais desamparados do mundo, os professores do FMI e do BM acabam sempre por reprová-lo.

No final do ano passado (2009) quatro deputados alemães visitaram o Haiti. Assim que chegaram, ficaram chocados com a miséria do povo. O embaixador de Alemanha explicou-lhes, em Porto Príncipe, qual era o problema:

- Este é um país demasiadamente povoado - disse -. A mulher haitiana sempre quer e o homem haitiano sempre pode. E ri. Os deputados calaram-se.

Nessa noite, um deles, Winfried Wolf, consultou os dados. E comprovou que o Haiti é, juntamente com El Salvador, o país mais superpovoado das Américas. Na passagem pelo Haiti, o deputado Wolf não apenas foi atingido pela miséria: também ficou deslumbrado pela capacidade de expressar a beleza dos pintores populares. E chegou à conclusão de que o Haiti está superpovoado...de artistas.

Na realidade, o alibi demográfico é mais ou menos recente. Até há alguns anos, as potências ocidentais falaram bem mais claro.

Os Estados Unidos invadiram o Haiti em 1915 e governaram o país até 1934. Retiraram-se quando alcançaram os dois objetivos da invasão: cobrar as dívidas do City Bank e revogar o artigo constitucional que proibia a venda de terras aos estrangeiros. Robert Lansing, então secretário de Estado, justificou a prolongada e feroz ocupação militar explicando que a raça negra é incapaz de se governar por si mesma, que possui "uma tendência inerente à vida selvagem e uma incapacidade física de civilização". Um dos responsáveis pela invasão, William Philips, havia elaborado anteriormente a sagaz ideia: "Esse é um povo inferior, incapaz de conservar a civilização que os franceses tinham deixado".

O Haiti havia sido a pérola da coroa, a colônia mais rica da França: uma grande plantação de açúcar, com força de trabalho escrava.

Montesquieu havia explicado sem papas na língua: "O açúcar seria demasiado caro se não trabalhassem os escravos para sua produção. Esses escravos são negros desde os pés até a cabeça e têm o nariz tão achatado que é quase impossível ter deles alguma pena. Resulta impensável que Deus, que é um ser muito sábio, tenha posto uma alma e sobretudo uma alma boa num corpo inteiramente negro".

Em troca, Deus havia colocado um chicote na mão do feitor. Os escravos não se distinguem por sua vontade de trabalho. Os negros eram escravos por natureza e vadios também por natureza; e a natureza, cúmplice da ordem social, era obra de Deus: o escravo devia servir ao amo e o amo devia castigar o escravo, que não mostrasse o menor entusiasmo na hora de cumprir com o desígnio divino.

Karl von Linneo, contemporâneo de Montesquieu, havia retratado o negro com precisão científica: "Vagabundo, desocupado, negligente, indolente e de costumes dissolutos". Mais generosamente, outro contemporâneo, David Hume, havia comprovado que o negro "pode desenvolver certas habilidades humanas, como o papagaio que fala algumas palavras".

Em 1803, os negros do Haiti causaram uma tremenda derrota às tropas de Napoleão Bonaparte e Europa não perdoou jamais essa humilhação infligida à raça branca.

O Haiti foi o primeiro país livre das Américas. Os Estados Unidos haviam conquistado antes a sua própria independência, porém conservavam ainda meio milhão de escravos trabalhando nas plantações de algodão e de tabaco. Jefferson, que era senhor de escravos, dizia que todos os homens são iguais, mas também dizia que os negros foram, são e serão inferiores. A bandeira dos homens livres se içou sobre as ruínas.

A terra haitiana havia sido devastada pela monocultura do açúcar e arrasada pelas calamidades da guerra contra a França.

Um terço da população havia caído em combate. Então, começou o bloqueio. A nação recém-nascida foi condenada à solidão. Ninguém comprava, ninguém lhe vendia, ninguém a reconhecia. Nem mesmo Simão Bolívar, que soube ser tão valente, teve a coragem de assinar o reconhecimento diplomático do país negro. Bolívar poderia ter reiniciado sua luta pela independência americana, quando já havia derrotado a Espanha, graças ao apoio do Haiti. O governo haitiano tinha-lhe entregue sete navios, muitas armas e soldados, com a única condição que Bolívar libertasse os escravos, uma ideia que ao Libertador não lhe passava pela cabeça. Bolívar cumpriu com esse compromisso, porém depois de sua vitória, quando já governava a Grande Colômbia, virou as costas ao país que o havia salvado. E quando convocou as nações americanas para a reunião do Panamá, não convidou o Haiti, mas sim a Inglaterra.

Os Estados Unidos reconheceram o Haiti sessenta anos depois do final da guerra de independência, enquanto Etienne Serres, um génio francês da anatomia, descobria em Paris que os negros são primitivos porque "possuem pouca distância entre o umbigo e o pénis". Naquele instante, o Haiti já estava nas mãos de carniceiras ditaduras militares, que destinavam os farrascos recursos do país para pagar a dívida com a ex-metrópole: a Europa havia imposto ao Haiti a obrigação de pagar à França uma indemnização gigantesca, como modo de perdoar o delito da dignidade. A história do assédio contra o Haiti, que em nossos dias tem dimensões de tragédia, é também uma história do racismo na civilização ocidental.

80.3. DERRUBAR GOVERNOS NO HAITI, a Folha de São Paulo 19/01/2010, um artigo de MARK WEISBROT

Os EUA, ao lado do Canadá e a França, conspiraram abertamente durante quatro anos para derrubar o governo eleito do Haiti.

Muito tempo antes do terremoto, a situação do Haiti já era comparável à de muitos sem-abrigo nas ruas de grandes cidades dos EUA: pobres demais e negros demais para ter os mesmos direitos concretos que outros cidadãos.

Em 2002, quando um golpe militar com o apoio dos EUA afastou temporariamente o governo eleito da Venezuela, a maioria dos governos no hemisfério reagiu rapidamente e ajudou a forçar o retorno do governo democrático. Mas, dois anos mais tarde, quando o presidente haitiano democraticamente eleito, Jean-Bertrand Aristide, foi sequestrado pelos EUA e levado de avião para o exílio na África, a reação foi fraca.

Diferentemente dos dois séculos de saque e pilhagem do Haiti desde a sua fundação graças a uma revolta de escravos em 1804, da ocupação brutal por fuzileiros navais dos EUA entre 1915 e 1934 e das incontáveis atrocidades cometidas sob ditaduras auxiliadas e apoiadas por Washington, o golpe de 2004 não pode ser relegado ao esquecimento, visto como nada mais que "história antiga". Aconteceu há apenas seis anos e está diretamente relacionado com o esforço de ajuda e reconstrução que o presidente Obama está propondo agora. Os Estados Unidos, ao lado do Canadá e a França, conspiraram abertamente durante quatro anos para derrubar o governo eleito do Haiti, cortando quase toda a ajuda internacional ao país com o objetivo de destruir sua economia e torná-lo ingovernável. Eles conseguiram.

Para aqueles que se indagam por que não existem instituições governamentais haitianas para ajudar com os esforços de socorro e ajuda às vítimas do terremoto, essa é uma das grandes razões. Ou o porquê de haver 3 milhões de pessoas amontoadas na área atingida pelo terremoto. A política dos EUA ao longo dos anos também ajudou a destruir a agricultura haitiana, por exemplo, ao forçar a importação de arroz americano subsidiado e eliminar milhares de plantadores de arroz haitianos.

O primeiro governo democrático de Aristide foi derrubado após apenas sete meses, em 1991, por oficiais militares e esquadrões da morte que, mais tarde, se descobriu estarem a soldo da CIA (Agência Central de Inteligência dos EUA). Agora Aristide quer retornar ao seu país, algo que a maioria dos haitianos reivindica desde o seu derrube. Mas os EUA não o querem ali. E o governo Preval, que é completamente dependente de Washington, decidiu que o partido de Aristide - o maior do Haiti - não será autorizado a concorrer nas próximas eleições (previstas originalmente para fevereiro). O medo que Washington tem da democracia no Haiti talvez explique o porquê de os Estados Unidos agora estarem enviando 16 mil soldados e priorizando a "segurança", em lugar das necessidades de vida ou morte dos milhares de pessoas que precisam de atendimento médico urgente. Na manhã de domingo, o mundialmente renomado grupo humanitário Médicos Sem Fronteiras queixou-se que um avião transportando a sua unidade hospitalar móvel foi obrigado pelos militares americanos a mudar de rota, passando primeiramente pela República Dominicana. Isso custaria 24 horas cruciais e um número desconhecido de vidas. Essa ocupação militar por tropas dos EUA vai suscitar outras preocupações no hemisfério, dependendo de quanto tempo elas permanecerem -assim modo como a ampliação recente da presença militar dos Estados Unidos na Colômbia vem sendo recebida com insatisfação e desconfiança consideráveis. Organizações não-governamentais vêm levantando outras questões sobre a reconstrução proposta: compreensivelmente, querem que a dívida remanescente do Haiti seja cancelada e que sejam feitas doações ao país, e não empréstimos (o FMI propôs um empréstimo de US \$ 100 milhões). As necessidades da reconstrução chegarão a bilhões de dólares. Será que Washington vai incentivar o estabelecimento de um governo que funcione? Ou vai impedi-lo, canalizando a assistência por meio de ONGs e assumindo ele próprio várias outras funções, devido a sua oposição de longa data à autonomia do Haiti?

MARK WEISBROT, doutor em economia pela Universidade de Michigan, é Codiretor do Centro de Pesquisas Económicas e Políticas, em Washington (www.cepr.net).

Ao fim de uma semana de ajuda humanitária a máquina militar norte-americana distribuiu alguma ajuda com um poderoso dispositivo armado militar que se não justifica a menos que os autores citados estejam certos nas suas análises.

Como cantou em tempos Caetano Veloso, "O Haiti não é aqui".

Nesta ponta da Europa, tudo na mesma, ou seja, começa a ser difícil imaginar quanto mais teremos de piorar até que isto mude. Dê-se razão a Sérgio Galba, brioso capitão das Hordas Romanas que conquistaram a Lusitânia, onde se instalaram para dominar, mas só obtiveram a vitória com o assassinato traiçoeiro de Viriato. Quando escreveu a César Augusto a dar notícias das gentes deste extremo do Império, fê-lo nestes termos: "*Estes lusitanos nem se governam, nem se deixam governar*". E os tempos parecem dar-lhe razão. Vamos ver se aprendemos com eles. Como pacificaram os Romanos esta terra e gentes há quase vinte séculos atrás? ([LER CRÓNICA 66](#))

Hoje perguntam-se, alguns mais esclarecidos, por que razão a nova Lusitânia não mergulhou numa crise grave internacional, como aconteceu após a proclamação da República, com a I Grande Guerra, com a guerra colonial e com o 25 de abril, mas é certo que as Forças Armadas ainda não recuperaram dessa Abrilada e do PREC, exauridas por sucessivos governos que lhes têm retirado o pouco poder e margem de manobra, já que a influência a haviam perdido há muito. Talvez o fator mais importante para nada se ter passado de grave esteja no fluxo financeiro originado na União Europeia desde 1986, e que ronda cerca de dois milhões de contos por dia. Com esse dinheiro compram-se muitas consciências e muitos carros de luxo. O excesso de informação, desinformação e manipulação política acabam por condicionar o rebanho dócil dos portugueses que falam e se queixam muito, mas pouco ou nada fazem. Sempre prontos a criticar o governo e os outros sem perceberem que a verdadeira culpa radica neles mesmos.

O país (mais propriamente a sua máquina de Estado) continua diariamente - há muitos anos - a gastar muito mais do que produz e a hipotecar-se sem nada de produtivo construir. Esta irresponsabilidade coletiva vai ser paga pelas gerações futuras, que estão hoje demasiado preocupadas na sua ignorância para se aperceberem de que a conta foi passada em seu nome coletivo. Mas ainda não chegámos lá. Os portugueses habituaram-se a ir de férias à República Dominicana e a Cancún, pagando em dinheiro ou com cartão de crédito e não se importam com os que roubam à sua volta, sejam eles do governo ou da privada. Por outro lado, os que se aproveitam desta e doutras crises, os que beneficiam das benesses do governo, dos subsídios que a Europa paga para outros fins, e outros que orbitam na sua esfera continuam a poder ir aos stands de automóveis de desporto e de luxo comprar Ferrari, Porsche e outros. Não há rotura de abastecimentos, e os supermercados continuam a oferecer milhares de artigos à escolha. A maioria dos habitantes desta Lusitânia sem alma, não quer saber de princípios, e tem horror a quem os tem. Se bem que poucos ainda existem e se não são mais ouvidos os poucos que ainda têm direito a tempo de antena nas rádios televisões é porque só são transmitidos quando já todos dormem e só os alcoólicos com insónia estão despertos. A educação é o que sabemos, uma fábrica de analfabetos para irem ensinar mais analfabetos futuros.

Outra coisa verdadeiramente preocupante é o desemprego, que já levou milhares de imigrantes a deixarem o país. Se nem os pobres imigrantes e refugiados querem vir para cá, para onde iremos nós? Para qualquer país, menos Espanha onde fazem de nós escravos numa qualquer pocilga agrícola. O subsídio de desemprego é uma brincadeira que apenas atrasa a miséria profunda que já afeta mais de dois milhões de portugueses, ou seja 20 por cento da população do país já está abaixo do limiar da pobreza. Ninguém se preocupa, esses já estão tão pobres que nem devem votar, por isso não vale a pena preocuparmo-nos com eles. De qualquer modo o que é que o homem e a mulher comuns podem fazer, além de falar alto no café e queixarem-se aos amigos e conhecidos? Mesmo que quisessem escrever uns artigos, provavelmente não seriam publicados. Vive-se numa ditadura dissimulada em que mesmo com 200 mil pessoas em manifestações de rua nada se consegue. O poder não treme nem pestaneja, coça-se como se estivesse a ser atacado por uma ridícula e inofensiva, mas irritante pulga. É essa a opinião dos governantes sobre o povo que manietam. Para quê denunciar escândalos? É raro o dia em que um ou mais são denunciados seja nas redes ainda livres da internet seja mesmo na rádio e televisão. A justiça que sempre esteve ao lado dos poderosos agora parece estar ao lado dos que mais roubam e lesam o país.

É por isso que no começo do ano de 2010, os nossos corruptos e devassos políticos além de aprovarem o casamento homossexual (que como sabem era uma das maiores preocupações do país, de que país?) decidiram que o país vai continuar a viver de empréstimos e a punir o Zé Povinho com mais impostos para que as duzentas mil famílias que vivem à sombra do poder e detêm a maioria da riqueza existente no país se mantenham poderosas. Não há maneira de os deitar abaixo a menos que o sistema resolva suicidar-se, uma nova versão do Salazar que caiu da cadeira e a ditadura foi-se, só que agora em versão do século XXI, uma implosão do sistema e todos a fazerem como o Guterres e o Durão Barroso a fugirem e quem ficar que apague a luz.

A história sempre se repete e nunca aprendem nada pela razão óbvia de que a não leram e muito menos a estudaram. A grande dúvida é sobre quando chegará (se chegar) o ponto de rotura, pois não existem dúvidas de que a situação vai piorar até este lamaçal ficar totalmente ingovernável.

As grandes instâncias internacionais já alertaram de que depois da Islândia e da Grécia será a vez de Portugal chegar ao limiar, ao portal de entrada na bancarrota e já há iluminados a dizerem que na nossa história toda de mil anos fomos sete vezes à bancarrota e continuamos ainda orgulhosamente independentes. Talvez se equivoquem que de independentes temos pouco, já devemos quase tudo o que se produz ao estrangeiro. Dizem outros que não faz mal pois os EUA têm bilhões da sua dívida nas mãos dos chineses e continuam a mandar no mundo, mas Portugal não manda em nada....

Pode sempre haver uma ou outra explosão social, começando por uns carros queimados, umas lojas assaltadas, e coisas assim. Mas isto só ocorrerá quando a quantidade de portugueses a viverem abaixo do limiar da pobreza passar os 40-50 por cento, e a maioria dos restantes estiver toda na bancarrota menos os iluminados que se safaram até agora. Pode ser que surjam então pequenos grupos lusitanos que consigam criar um movimento de rebeldia capaz de iniciar a desmontagem do regime e de o apear, mandando os seus líderes para um exílio dourado em Cancún ou nas Seychelles a fim de gozarem o resto dos seus dias lamentando-se e gozando os lucros desta desgovernação.

E apesar dos iberistas todos que por aí pululam, à sombra deste governo, nem os mais otimistas acreditam que a Espanha quereria tomar conta desta província ingovernável, pois já lhe basta o País Vasco e os etarras. Já a dominam economicamente e não estão interessados em ter de pagar as suas contas.

Que se desiluda o primeiro-ministro Sócrates e seus muchachos, Viriato e Sertório foram apunhalados pelos seus mais chegados conselheiros e assessores.

Aprende-se mesmo pouco em Portugal.

Falta agora um novo Viriato a liderar os Lusitanos contra os usurpadores da República.

Os transmontanos sempre tiveram uma atração peculiar pelo Brasil, em particular quando a avó paterna lá nasceu ou quando o bisavô materno transmontano lá ia ficando para sempre.... Pode ser do clima, ou então, é, decerto, das hormonas. Dizem que as brasileiras têm mais «je ne sais quoi», mas não descobri se era verdade. Nem ia lá fazer descobertas destas, apesar de saber que as mulheres com pouca libido mostram melhoras na função sexual após usarem um adesivo com hormonas masculinas de testosterona.

A hormona, a que lá chamam hormônio apesar de masculino, está presente na mulher, como o verdadeiro Viagra feminino. Isto li em <http://www.terra.com.br/istoegente/204/saude/index.htm>.

A verdade, porém, é que o grupo em que me encontrava nesta viagem a terras de Vera Cruz, para o 13º colóquio da lusofonia, tinha na bagagem excesso de livros e de intelecto. Podem ter ponderado a hipótese de verem algumas belezas naturais, mas o motivo que nos levava a estar encafuados numa caixa de metal a 11 km de altitude durante nove claustrofóbicas horas, nada tinha a ver com as belezas, naturais ou outras.

Dizem que o Brasil é a terra da farra e tudo serve de desculpa para a folia. Pior que a ilha Terceira. Constava que aquela gente é toda de folclore e festa e pouca atenção dá a assuntos sérios, mas eram esses que nos levavam a atravessar o Grande Mar Oceano. Para muitos, era o batismo daquele continente sul-americano, para outros era uma mera revisitação. A terra é grande, sem fim à vista, povoada por mesclas de gentes diferentes com sotaques bem variados e sangues de muitas etnias.

Antes de partirmos em Ponta Delgada íamos tendo um aacheque. Como a SATA e a TAP não partilham sistemas informáticos, apenas um dos quatro membros da delegação dos Açores, tinha voos confirmados no computador do «check-in».

Uma funcionária da SATA pediu autorização ao «chefe» e resolveu o problema. Tudo se devia a uma greve anunciada de pilotos da TAP que nos fizera antecipar a partida de 27 para 25 de março.

Afinal, não houve greve, e as viagens foram alteradas, mas a TAP esqueceu-se de alterar as reservas no sistema de «code-sharing» com a SATA.

Chegámos ao aeroporto pelo meio-dia e entramos na última chamada às 15.30.... Depois fomos surpreendidos por o avião fazer escala pela ilha de Santa Maria para se abastecer.

Uma paragem infundável no alcatrão da pista, já que ninguém se lembrou de nos autorizar a esticar as pernas. Podíamos ver a calma ilha, cuja única atividade anual de grande relevo é a Festa da Maré de agosto, para os jovens que nem sequer ouviram falar do movimento hippie e da geração de 60. A viagem acabaria por se prolongar por quase 4 horas em vez das habituais duas...

Depois, em Lisboa, houve que pagar multa pelo excesso de peso: levávamos 146 kg em vez de 60..., mas só cobraram 7 kg, ie, 50 euros...

Conhecidos e desconhecidos juntaram-se, no aeroporto de Lisboa, aos que tinham vindo do Porto, da Galiza e dos Açores. Da comitiva de 18, dois iriam fazer turismo extra antes dos trabalhos e, seis iriam mais tarde uns dias. A viagem, sem nada de especial a assinalar, além do tormento que estava reservado aos fumadores. Nove horas de privações, mais as horas que antecedem o embarque.

Pelo que toca a este autor, o maior inconveniente acabou por ser uma coisa trivial. Dada a rigidez das novas normas que impedem líquidos, gelatinosos e pós, na bagagem de cabine, acabara por não colar a dentadura e foi a viagem toda com a cremalheira solta sem cola para fixar a falsa dentição. Um tormento, com os maxilares dançando ao som de castanholas imaginárias, dificultando a respiração e, subsequentemente, o sono. Se não acreditam experimentem ... mal se consegue falar. Após as formalidades do aeroporto, fui a correr a um banheiro ou tualete (a nossa vulgar casa de banho) fixar a dentição. Se acharam a cena hilariante imaginem como se vão sentir velhos quando espirrarem a placa...

Rumávamos a Brasília, muito arrumadinha em setores idênticos, capital artificial, cinquentenária que marca a era do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (Diamantina, 12 de setembro de 1902 - Resende, 22 de agosto de 1976) médico, militar e político brasileiro. Foi também o início da carreira internacional do arquiteto Óscar Niemeyer, ainda vivo e lúcido, com 103 anos (viria a falecer em 5/12/12). Uma cidade artificial construída no planalto do estado de Goiás, que me fazia lembrar a Camberra australiana, outra capital artificial, bem ordenada, limpa e metódica. Em ambas faltava um pouco do calor e da vida humana das grandes cidades desordenadas e caóticas que se encontram na maior parte dos países.

Diz a Wikipédia:

Brasília é a capital da República Federativa do Brasil e sua quarta maior cidade. Na última contagem em 2009, sua população foi estimada em 2.606.885 de habitantes. Possui o segundo maior PIB per capita do Brasil (40.696,00 reais) entre as capitais, e é a região mais desenvolvida do Centro-Oeste brasileiro. Inaugurada em 21 de abril de 1960, pelo então presidente Juscelino, Brasília é a terceira capital do Brasil, após Salvador e Rio de Janeiro. O plano urbanístico da capital, «Plano Piloto», foi elaborado pelo urbanista Lúcio Costa, vencedor do concurso, em 1957, para o projeto urbanístico da Nova Capital, que, aproveitando o relevo da região, o adequou ao projeto do lago Paranoá, concebido em 1893.

Uma cidade quente nessa manhã e na seguinte: 30 °C pelas 06.30. As temperaturas baixavam, apenas um pouco, de noite, mas de dia mantinham-se sempre acima dos 30 nesse final de março. O primeiro percalço foi a «van» não estar à nossa espera no aeroporto. Momentos de espera, aproveitados para começar a descobrir o intrincado sistema de multibanco. Nem todos os bancos permitiam levantamentos de cartões estrangeiros. Na maior parte dos casos, o levantamento de dinheiro era feito em pequenas prestações até 300 reais (aproximadamente 120 euros) mas sem se saber porquê.

Tivemos o apoio de um membro da organização da Conferência Internacional sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial, organizada pela CPLP, que ali estava à espera de conferencistas que não chegaram. Depois, desistimos e metemos pés à jornada. Que é como quem diz, arranjam os meios de transporte para uma comitiva de dez pessoas e aquilo que pareciam ser 50 peças de bagagem. O calor apertava e o trânsito também. Chegamos ao Hotel, apenas dois quartos estavam já vagos. Os que quiseram e puderam foram tomar um banho, mas as representantes da Academia Galega (Concha Rousia e Isabel Rei) e o nosso patrono dos colóquios (Malaca Casteleiro) foram diretamente para o Palácio Itamaraty, onde decorria a conferência da CPLP. <http://www.conferenciapl.itamaraty.gov.br/pt-br/participacao.xml>. Só os tornaríamos a ver pela hora do jantar.

Entretanto, a acomodação ia, devagarosamente, vagando e era quase meio-dia quando todos nos pudemos instalar. Refrescados, fomos cuidar do estômago que há mais de 24 horas não tinha uma refeição digna desse nome. Havíamos já decidido ir conhecer a capital nessa tarde, após a refeição (a quilo). Um circuito de quatro horas na qual se constatou que as crianças das escolas vão regularmente a Museus, por mais entediadas que eles possam parecer, como o do Presidente Juscelino. Vimos ainda a sentinela no Palácio do Planalto que tem de estar imóvel durante duas horas e sujeitar-se, a ser fotografado por todos. Achei grotesco, impróprio e desumano. O palácio onde se albergam os Senadores é bem melhor do que o dos deputados, mas isso não explica a corrupção nem o «mensalão» que era crise corrupção naquela época.

Sobremodo digna de menção é a igreja de Dom Bosco, na aparência discreta, com iluminação natural e albergando belos vitrais que merecem ser vistos. Toda ela em vitral azul, isso quer dizer, que nunca se vê essa igreja da mesma maneira.

Se for de manhã, verá um azul mais claro, quase que angelical. Ao meio dia, terá um azul mais vivo e no fim da tarde, pode ter um azul quase preto, ou um azul com abóbora, dependendo da intensidade do Sol e se uma outra janela estiver aberta. À noite, quando o grande lustre se acender, bom... aí.... Aí é mágico...

Deceção foi a célebre catedral, de mãos erguidas, em obras de beneficiação pelo seu cinquentenário. Ocultava-se, envolta em lonas brancas que lhe encapotavam a beleza e dificultavam imaginar a sua forma agradável. Dizem que é demasiado quente para os fiéis, segundo nos confirmou o guia, bem satírico, que se não fartava de criticar o Lula da Silva, atual presidente (e o homem mais influente do mundo, segundo a revista Time).

Duma forma geral achei sem alma, esta cidade desenhada na forma de um avião, com os seus quarteirões divididos em setores, um do governo autárquico, outro do federal, outro para farmácias, outros para compras, outro para...O metro (aliás, metrô) vai só para os subúrbios mais desfavorecidos. Foi na entrada duma das estações onde vimos, pela primeira vez pobres. Em todas as cidades brasileiras, a riqueza está paredes meias com a extrema pobreza...jantou-se rodízio naquela que seria a refeição mais cara das que pagámos (60 reais por cabeça, ou seja, 24 euros).

Na manhã seguinte fomos tomar o «café da manhã», que é um mero eufemismo para pequeno-almoço, pois café é coisa que se não consegue beber no Brasil, em especial para os viciados em «expresso» ou «italianas» bem curtas. Já as colegas galegas tinham saído na sua missão de salvar a língua falada na Galiza, ameaçada pelos castelhanos. O mundo inteiro desconhece a sua guerra sem quartel. Ali, no palácio das Relações Externas, Itamaraty, de seu nome, também em obras de beneficiação para o cinquentenário, acabaríamos por fazer contactos úteis com a delegação de Timor-Leste e de Cabo Verde. Veremos se frutificam. De Timor estavam, entre outros conhecidos, o Roque Rodrigues (ex-ministro e atual conselheiro do Presidente Ramos Horta), e o Benjamim Côrte-Real, reitor da Universidade. Se quiser ver fotos, <http://www.lusofonias.net/coloquios-todos/imagens-dos-coloquios/683-brasil-slideshow-2010-13o-coloquio.html>

28 de março: domingo. São Paulo, a agenda indicava, Visita e receção pelo Diretor do Museu da Língua Portuguesa <http://www.museulinguaportuguesa.org.br/museudalinguaportuguesa/index.html>. _ Afinal não fomos recebidos nem pela «van» no aeroporto, nem pelo diretor. Estavam lá os velhos companheiros dos colóquios, a Zélia e o Cícero, para nos saudarem, dado que vivem naquela cidade de onze milhões de almas. Tivemos de andar às voltas com a bagagem, antes de decidirmos que o melhor era deixar tudo no «guarda volumes», arrumar três táxis e caminhar para o Museu. Começara a chover. Eram duas e meia da tarde e ninguém almoçara nesse dia. Ao sair dos táxis, à entrada da Estação da Luz, onde hoje se encontra o Museu da Língua Portuguesa, deparamos com gente de aspeto dúbio, inativa, olhando em volta para a estação de trem e encostada às paredes.

Um policial disse que para comermos seria melhor seguir em frente uns quinhentos metros, por aquela avenida nas traseiras, interdita ao trânsito, sem parar em lanchonete alguma, até um determinado sítio que nos indicou. Todos o fizemos. Ninguém se interrogou porque não parávamos em nenhuma das inúmeras tascas peçadas de travestis, mulheres de vida (fácil?) difícil, drogados, bêbedos, mendigos e outro refugio da sociedade de consumo impiedosa. Comemos e bebemos numa lanchonete aliás, taberna, mais típica do Portugal dos anos cinquenta do século passado, do que de São Paulo em 2010. Depois corremos para o Museu, que o tempo urgia e havia outro avião a não perder. Ainda houve tempo de ir atrás, a correr buscar a pasta com os bilhetes e toda a documentação que ficou esquecida sob a mesa da lanchonete... ninguém viu ou roubou. Na receção, depois de cumpridas as formalidades, fomos recebidos por uma guia que pediu desculpa, pois, o diretor ficara em Brasília e só chegaria ao final do dia. Fotos em <http://www.lusofonias.net/coloquios-todos/imagens-dos-coloquios/673-sao-paulo-slideshow-13o-coloquio-2010.html>

Estava lotado o Museu da Língua. É um espanto e dá largas à imaginação na preservação da cultura linguística que nos une. Além da parte informativa, o conteúdo lúdico atrai inúmeras pessoas de todas as idades. Pensei se e quando isso aconteceu em Portugal.... Era tanto mais para admirar pois era domingo e a entrada era paga (4 reais: 1,5 euros). De lá retiramos as ideias necessárias para os nossos projetos de Museu (da Lusofonia em Bragança e da Açorianidade na Lagoa, Açores).

Chovia a cântaros quando entramos nos táxis de regresso ao aeroporto, através de um congestionamento de trânsito memorável. O percurso fez-se em 40 minutos, mas o motorista disse que dois dias antes demorara três horas...Tivemos ainda tempo para jantar num «self-service» do aeroporto, com vista para a pista, antes de voarmos para o Rio, Cidade Maravilhosa. Ali chegamos já pelas 23 horas, e, felizmente, estava à nossa espera um magnífico «autopullman», um ônibus privativo do Hotel, que nos iria levar ao Hotel Copacabana Mar, num dos distritos mais conhecidos do Rio.

Fora um dia agitado, acordáramos em Brasília, almoçáramos em São Paulo e dormíramos no Rio. Vida de político deve ser assim. A temperatura acima dos 30 °C, àquela hora da noite, tornava-se mais insuportável pelo excesso de humidade do ar. Já em 1994, quando ali estive, suportei temperaturas de 35 °C e mais, com humidades próximas da saturação. A má recordação da comida brasileira que datava de então iria ser dissipada com a boa comida que nos foi servida este ano. Havia que dormir e levantar bem cedo na manhã seguinte.

O horário era apertado:

29 de março: segunda-feira Rio De Janeiro

12.00 Almoço privado com o Presidente da Academia Brasileira de Letras, Marcos Vilaça,

14.00 Palestra na Academia Brasileira <http://www.academia.org.br/> presidida pelo Presidente e pelo nosso patrono Evanildo Bechara.

Sessão pública na qual participaram Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Concha Rousia (Academia Galega da Língua Portuguesa) e Chrys Chrystello dos Colóquios.

18.00 Visita ao Real Gabinete de Leitura onde Isabel Rei (Academia Galega) deu um curto recital e os Colóquios assinaram um convénio com o Liceu Literário Português

<http://www.realgabinete.com.br/real.htm> / <http://www.liceuliterario.org.br/>

Sáimos do hotel (Malaca, Anabela Mimoso, João, Helena, Telmo Nunes e o transmontano Francisco Madruga, nosso editor convidado deste ano) pelas oito e meia da manhã, sempre em busca de um ATM ou banco que desse dinheiro. Bancos havia muitos, mas dispostos a darem dinheiro eram poucos. Tivemos sorte na entrada dum supermercado Pão de Açúcar numa máquina, que não era o habitual buraco na parede. Pouco depois, o Prof. Malaca recolheu aos aposentos devido ao calor e humidade excessivos. Mesmo em frente ao Hotel Copacabana (os Rolling Stones deram ali um dos seus maiores concertos em 2008), o meu filho João foi dar um mergulho nas águas quentes de Copacabana, naquilo que será, decerto, um momento alto nas suas memórias futuras. Quem sabe se não estaria a viver o melhor dia da juventude sem o saber? Andamos cerca de 5 km, para trás e para a frente, ao longo daquela marginal infindável. Tive de regressar ao hotel para me aprontar para o almoço. Viria a ser um momento inolvidável, rodeado de «mortais que não imorríveis», como diz o Bechara.

Um mero aprendiz de feiticeiro no Olimpo com os Deuses. Fotos em <http://www.lusofonias.net/coloquios-todos/imagens-dos-coloquios/730-abl-rio-2010.html>

O Presidente da Academia Brasileira de Letras, Professor Marcos Vilaça, foi muito simpático ofertando livros, uma medalha comemorativa de Machado de Assis e um lauto almoço com uma especialidade de bolo de Pernambuco que é uma réplica da bebinca de Macau e de Goa. Vilaça insistiu em presidir à abertura da palestra, antes de ceder o lugar ao Bechara. Dezenas de jovens e alguns ilustres académicos enchiam o auditório, naquela sessão de pouco

Depois do jantar abateu-se uma enorme tempestade de chuvas torrenciais e trovoadas altissonantes que, por mais de uma hora, nos impediu de regressar. De manhã, estávamos, deabalada para o estado catarinense. Nos dias seguintes seria uma agenda plena de atividades, visitas, seminários, palestras e sessões de esclarecimento, antes do começo formal do colóquio.

Programa:
31 de março quarta-feira
09:00 – Seminário das Cidades Fortificadas na UFSC.
10:30 – Visita, sessão de esclarecimentos e chamada para o Açorianópolis no Colégio Salvatoriano N. S. de Fátima, no continente (Educação Básica e Ensino Médio)
15.00 Receção na Câmara de vereadores, homenagem à comitiva
17.00 Sessão de esclarecimentos na UNISUL
01 de abril, 5ª feira – Florianópolis
Passeio ao sul da ilha. Visita ao Ribeirão da Ilha, Ecomuseu (com palestra do professor Nereu do Vale Pereira), passando pelo Porto do Contrato (petiscos)
Almoço no Pântano do Sul, restaurante Arantes
02 de abril, 6ª feira santa - Florianópolis
Passeio de escuna as Fortalezas de Santa Cruz na ilha de Anhatomirim e de santo António de Ratones, e São José da Ponta Grossa (Seminário)
03 de abril, sábado – Florianópolis
Norte de Ilha, Santo António de Lisboa uma das povoações mais antigas da Ilha de Santa Catarina. Essa área de preservação cultural guarda a tradição da comunidade pesqueira, juntamente com casarios centenários e uma rua pavimentada com pedras brutas do tempo da escravidão. Destaque para a Igreja de Nossa Senhora das Necessidades, construída entre 1750 e 1756, considerada uma das mais charmosas da Ilha, e a bicentenária Casa Açoriana, galeria de arte e museu popular.
Almoço no Restaurante Chão Batido em Santo António de Lisboa. Retorno ao hotel. Encontro com a imprensa.
04 de abril/domingo/Páscoa – Florianópolis
10.00 A Prefeitura Municipal de Palhoça recebe a comitiva oficial para um dia cultural com oferta de almoço
19:00 O Prefeito da cidade de Governador Celso Ramos homenageia a comitiva com um documentário «Ganchos entre mares e montanhas» no hotel Maria do Mar
05 de abril de 2010 - 2ª Sessão de esclarecimento UFSC e visita ao NEA (núcleo de estudos açorianos de Joi Cletison)

CRÓNICA 82 - BRASIL SANTA CATARINA MARÇO 2010
82.1. SANTA CATARINA, A DÉCIMA ILHA AÇORIANA?

Escrevo em pleno domingo do Santo Cristo, com o sol a brilhar e todos os aviões parados devido à nuvem de cinzas do vulcão da Islândia, aquele que tem um nome bem difícil de se pronunciar Eyjafjallajokull. Há um mês fecharam a Europa durante uma semana, em meados de abril, e fecham-na agora aos soluços. Hoje foi Portugal mais os Açores e a Madeira, a Áustria e a Itália, ontem, foi a vez da Espanha, mas ainda não vi qualquer nuvem de cinzas. Os meteorologistas e vulcanólogos de serviço já vieram à TV alertar para os perigos. Nuvens sempre as tivemos, muitas, com mais ou menos cinza que é a cor favorita das nuvens, embora de há uns anos a esta parte surgissem os chemtrails tóxicos com que nos andam a envenenar e a chamar-nos teóricos da conspiração... O parapeito da janela, que é branco, assim continua, e a chuva que cai não suja mais do que dantes. Devem querer os céus limpos, sabe-se lá para quê.

Espionagem? Testes? Isto é estranho pois já se ouve, um ou outro, cientista a dizer que as autoridades europeias se precipitaram e que não havia perigo para os aviões, mas insistem em fechar os céus e deixar milhares de pessoas em terra. Já houve erupções bem piores e mais demoradas e nunca se ouviu falar em fechar o espaço aéreo. Será que estes cientistas andaram todos a tirar cursos de «Novas Oportunidades» como o nosso primeiro-ministro? Só se a nuvem do vulcão tem produtos tóxicos que eles conhecem, mas não nos dizem...ou será mais uma daquelas coisas não muito bem explicadas como o atentado ao Pentágono? Lá estou eu com a teoria da conspiração. Quem lucra com isto? Serão talvez os países, hotéis e transportes coletivos, incluindo comboios, já que as companhias de aviação devem perder uma fortuna. Mais um argumento para se construir o TGV em Portugal.

Voltando ao Brasil e a Santa Catarina, no 13º colóquio da lusofonia e o primeiro em Terras de Vera Cruz, no Estado mais açoriano de todos. Ali chegamos dia 30 de março e fomos almoçar com os organizadores locais. Antes de recolhermos ao hotel, levaram-nos ao Morro da Cruz, o ponto mais alto de Florianópolis, donde se podia desfrutar uma bela vista de 360º.

Houve apenas o senão de sermos escoltados pela Polícia Militar com um certo aparato policial que todos estranharam. Sirenes a apitar, luzes a piscar, um batedor em moto e um jipe da PM com um casal de jovens policiais. Disseram que era pelo perigo de sermos assaltados no Morro da Cruz, mas como os policiais eram todos militares e da secreta mais nos pareceu que quiseram ouvir o que tínhamos para dizer. O carro oficial do governo, que nos primeiros dias eu cedera aos Professores Malaca e Bechara, desapareceu ao terceiro dia, tal como surgira. O motorista devia ter reportado que éramos inofensivos e não estávamos ali para intentar nada. Também nos dissera abertamente, logo no primeiro dia, que tinha sido da «secreta» e agora se dedicava apenas a conduzir carros oficiais, seguindo-nos como uma sombra, de ouvido atento ao que dizíamos. Nesse dia estivemos relaxados e houve mesmo tempo para uns mergulhos na piscina e uns banhos retemperadores no «jacuzzi», com excelente vista para o continente e para a enorme baía fronteira ao hotel Maria do Mar.

Na manhã seguinte, dia 31, fomos à UFSC (tínhamos de comprovar que éramos assistentes presenciais no Seminário das Cidades Fortificadas) e saímos para visitar o colégio Salvatoriano N. S. de Fátima no continente (Educação Básica e Ensino Médio) onde os professores haviam preparado uma receção musical e dançante com alunos em curiosos bailados elogiando a Língua Portuguesa. Havia, igualmente, um varal donde estavam suspensos trabalhos dos jovens a justificarem as vantagens de adoção do novo acordo ortográfico. Curiosamente alguém notou que não se viam índios nem negros entre os alunos, na sua maioria brancos e louros. Colégio católico, provavelmente dispendioso para as minorias desprivilegiadas. Depois, ainda assustei uns alunos com o meu sotaque australiano em plena aula de inglês do 5º ano...antes de irmos para uma sessão de esclarecimento a professores e alunos, com debate e uma pequena mostra de poesia por três alunas. Após o almoço, seguimos para a baixa da cidade onde tivemos uma Receção na Câmara de vereadores, com homenagem à comitiva e proposta de estreitamento de laços e de futuros protocolos com a Cidade de Florianópolis. O próprio Presidente nos quis apresentar a todos, numa cerimónia simultaneamente descontraiada e formal. Saímos de lá para a UNISUL onde demonstraram o funcionamento da UNISUL Virtual de ensino a distância. Era nesta Universidade que tínhamos previsto ter o nosso curso de Estudos Açorianos a distância. A coordenadora desse curso era uma das coorganizadoras locais do nosso colóquio, mas perdeu neste colóquio a confiança da Comissão Executiva por plágios vários e outros motivos que aqui não vêm à liça.

Dia 1 de abril saímos bem cedo para um passeio ao sul da ilha. Estavam connosco quatro colegas do Politécnico da Guarda, que vieram trazer uma lufada de ar fresco aos colóquios e logo ficaram apodadas de «mininas» da Guarda. Tentamos que se integrassem rapidamente apresentando-as aos patronos e dando-lhes a oportunidade de falarem longamente com eles. Lá fomos na nossa visita ao Ribeirão da Ilha, uma pequena cidade costeira com muitos traços açorianos e habitantes orgulhosos do seu passado, bem visível nos nomes «açorianos» que davam a tudo. Fomos depois a uma pousada, onde se encontra o Ecomuseu em honra de Franklin Cascais, sendo nosso guia o veterano professor Nereu do Vale Pereira, dono do local e amante da história açoriana. Antes, estivéramos nas águas calmas do Porto do Contrato, um belo local para se viver e onde se fixaram há mais de 200 anos os primeiros açorianos que para ali foram contratados e se fixaram antes de formarem o Estado de Santa Catarina com a sua força. Seguimos para outra cidade costeira açoriana, o Pântano do Sul, com almoço no restaurante Arantes, o mais açoriano de todos os que existem na ilha e que tem nas suas paredes uma homenagem a Vamberto Freitas. Foi aqui que a colega Manuela Marujo, do Canadá, comprou uma vivenda para passar seis meses do ano enquanto não se reforma da sua universidade canadense.

Dia 2 foi a vez de sair bem cedo para um passeio de escuna às Fortalezas de Santa Cruz na ilha de Anhatomirim, de Santo António de Ratones, e São José da Ponta Grossa (este passeio fazia parte do Seminário). Almoço descontraiado sob calor intenso em plena Praia dos Golfinhos, que não vimos. Belas construções fortificadas com lendas de heroicas defesas contra os espanhóis, franceses e holandeses, sendo em Anhatomirim que se construiu a primeira residência oficial do governador do estado. Ali fomos apresentados com uma representação do Imperador e de Dona Carlota Joaquina a agradecer os nobres locais e a armá-los cavaleiros. O mais espantoso era a semelhança que a senhora tinha com os retratos de Dona Carlota. A viagem foi cansativa e acabou tarde e a más horas, pois os organizadores do seminário das fortalezas excediam-se em explicações científicas detalhadas de cada fortificação. Chegamos já noite cerrada.

Tal como nas noites anteriores, para a comitiva hospedada no hotel, havia um grupo a interpretar música brasileira (nisto de farra e folia ninguém o faz melhor do que eles).

Sábado, dia 3 de abril, fomos a mais uma cidade costeira, no norte de Ilha, Santo António de Lisboa, uma das povoações mais antigas de Santa Catarina. Essa área de preservação cultural guarda a tradição da comunidade pesqueira, juntamente com casarios centenários e uma rua pavimentada com pedras brutas do tempo da escravidão. Destaque para a Igreja de Nossa Senhora das Necessidades, construída entre 1750 e 1756, considerada uma das mais charmosas da Ilha, e a bicentenária Casa Açoriana, galeria de arte e museu popular. Almoço no Restaurante Chão Batido em Santo António de Lisboa. Devo confessar que apesar de tudo não vi nestes locais todos, tantas semelhanças como as que dizem existirem com os Açores. As recordações avivadas pelas fotografias não me deixam falar da açorianidade arquitetónica ou urbanística. Ela existe como um elemento metafísico, invisível e intangível, mas sempre presente. Digamos que a açorianidade daquelas gentes e terras é mais um estado de alma. Um mês passado, recordo melhor as paisagens da costa, os mares calmos, a neblina ao amanhecer e os magníficos pôr-do-sol, do que a herança açoriana. Eles sentem-na e defendem com unhas e dentes, essa descendência de gerações. Aparte uma ou outra casa de “tipo açoriano” qualquer que seja a definição que a tal se dê, encontrei mais o sentimento de pertença aos Açores mais de duzentos anos passados do que encontro noutras partes do mundo. Este sentimento, já o disse no livro CrónicaAçores, é bem peculiar dos açorianos estejam no Canadá, Estados Unidos ou Brasil. Ali era notório como todos se queriam afirmar mais açorianos do que os açorianos. Esses locais eram paradisíacos com belas praias e uma paisagem maravilhosa em inúmeras baías povoadas de pequenas ilhas a estimularem a nossa vontade de as comprar e nelas habitar.

Nesses dias ainda nos dedicamos a sonhar deixar os Açores e ali fixar residência. Com mil euros já se vive confortavelmente, pois o custo de vida é relativamente barato, se não se andar atrás de modas e marcas. Era uma solução para a Helena se desvincular deste ensino secundário, ou o liceu como insisto teimosamente em chamar-lhe, que tanto a desgasta e tão poucas satisfações lhe trás. Anda cansada, desanimada e desiludida com a missão de ensinar que está limitadíssima, num ensino que se ocupa de tudo menos da sua função primordial que era a de formar jovens com conhecimentos.

O resto da comitiva ia chegando aos poucos e domingo de Páscoa foi a vez de chegarem o Luciano Pereira (presença habitual desde o colóquio nº 1) com a Edma Satar, ambos corresponsáveis pelo nosso projeto da Diciopédia agora rebatizado de Lexicopédia pelo nosso patrono Malaca. Com eles veio o Tiago Mota do Chá da Gorreana. Nos dias seguintes chegariam o José Carlos Teixeira de Okanagan na British Colúmbia (Canadá) e o jovem escritor, descendente de açorianos da Lomba da Maia, Anthony de Sá, mais a nossa pianista residente, a Ana Paula Andrade. O Brasil, de Santa Catarina, não é só feito de praias ilusoriamente divinais, este país vive numa burocracia napoleónica como Portugal já teve. Apesar dos inúmeros progressos e competitividade em várias áreas de desenvolvimento económico, é também, e ainda, um Brasil da Polícia Militar, sempre presente - diria mesmo, onnipresente - com suspeitas de corrupção e nepotismo em cada canto. Diga-se, a propósito, que os prefeitos que visitamos sempre nos apresentaram as suas primeiras-damas como tendo cargos executivos nas prefeituras...era demasiada coincidência. Aprenderam bem a lição de Portugal, disse com os meus botões. Quem exerce o poder, a qualquer nível, fá-lo de uma forma discricionária e despótica sobre os pobres e desvalidos que se lhe têm de submeter sob risco de perderem mordomias ou meros apoios a candidaturas futuras. Uma intrincada teia de interesses que o poder tece e que ameaçou, por várias vezes, implodir em pleno seio dos colóquios. Ou, como a Helena diz, este povo não só faz telenovelas, vive-as a cada minuto das suas vidas. Isto é perigoso, pois funciona no sistema teia de aranha que a todos enleia antes de os devorar na sua intrínseca fome de protagonismo e destaque. Ora eu nada disso busco, tive muitos 15 minutos de fama, como diria o Andy Warhol, mas, de todos, o mais notável fora uns dias antes na venerada Academia Brasileira de Letras. Estas guerras da manjerona deixavam-me agastado e incómodo em terras onde era considerado, e sempre seria, estrangeiro, apesar da vovó brasileira e do resto da família que ainda ali vive e se não dignou vir ver-me ou conhecer-me. O Brasil é um misto de muita pobreza generalizada e duma minoria muito rica, um conjunto de enormes conquistas tecnológicas e de atraso. Os bancos vivem nos anos 1960, a internet é lenta e cara, e os correios funcionam muito mal. Mas é um país de contrastes ainda pouco cosmopolita e demasiado coloquial, como escrevia há dias em Pesqueiro, Luis A Fischer (ver adiante).

Apesar de longo, não quis deixar de o juntar aqui para se entender melhor o que atrás escrevi.

82.2. O BRASIL PROVINCIANO.

Luís Augusto Fischer, www.brasilalemanha.com.br.

A cultura brasileira, em parte seguindo os passos da velha matriz portuguesa, nunca foi muito cosmopolita. O alcance de nossa vida mental foi e ainda é a paróquia, e isso se vê em vários níveis de evidência. Em nossos jornais, por exemplo, o noticioso sobre o mundo exterior não é muito vasto, nem detalhado, muito menos crítico ou capaz de formular visadas de longo alcance.

Até mesmo alguns de nossos maiores escritores ostentam uma curiosa virgindade em matéria de conhecer o mundo, no sentido geográfico: Machado de Assis nunca viajou para além de umas poucas dezenas de quilómetros fora do Rio de Janeiro (foi a Vassouras, a Barbacena e a Petrópolis, e nada mais); Drummond só saiu do país para alguma viagem a Buenos Aires; Nelson Rodrigues nunca saiu do Brasil, e quase nunca saía do Rio de Janeiro; Mário Quintana só conheceu o Rio de Janeiro, tendo estado lá três ou quatro vezes, nada mais.

(Em compensação alguns outros grandes não só saíram bastante, caso de Érico Veríssimo e Jorge Amado, como alguns foram profissionais da vida no Exterior, como os diplomatas João Cabral e Guimarães Rosa, ambos no entanto chafurdados na matéria local popular).

Essa dominante provinciana brasileira em parte se explica por sermos um imenso país, dono de riquezas incalculadas ainda e por isso virtualmente autônomos, e por sermos o único país a falar português na redondeza, na América – situação bem diversa de qualquer outro dos países sul-americanos, que vivendo em espanhol estão sempre em contato com outros países –, diferença que tem uma implicação grande, porque quem escreve em português escreve só para brasileiros, ao passo que um uruguaio ou guatemalteco, por caipira que seja, tem potenciais leitores em vários quadrantes.

Nossa ex-metrópole, ainda por cima, teve conosco uma relação que timbrou em ser anticosmopolita: uma das marcas das cabeças emancipadas é o gosto pela, e prática da circulação de ideias, e os portugueses enquanto puderam sonegaram à colônia brasileira tanto o direito a ter imprensa quando o direito a ter cursos superiores.

José Murilo de Carvalho tem dito que um dos motivos de o Brasil ter-se mantido com um território imenso unido, ao contrário do que ocorreu na América espanhola, tem a ver exatamente com a falta de circulação de informação e ideia, falta que privou as províncias de desenvolver localmente uma elite letrada e politizada, que poderia ter propostas de emancipação; na época das independências, havia nada menos do que 23 universidades distribuídas naquele território espanhol que daria origem a 13 diferentes países; e nenhuma havia no futuro Brasil.

Para a maior parte dos letrados de língua portuguesa, não ser caipira era apenas saber das modas parisienses, ponto; nada de debate crítico, nada de frequentar outras visões de mundo. Ainda hoje, o que há de gente que se guia pelo «último grito» (a expressão é velha, tanto que se dizia em francês, «dernier cri») não é pouco; suplementos culturais dos jornais, assim como vogas acadêmicas em áreas artísticas e humanísticas ou associadas, são marcados pela adesão ao que nos centros é moda.

Eis que o jornal inglês Financial Times de 20 de abril último toca no tema. Em extensa análise, diz que a mera «amabilidade» pode atrapalhar o Brasil em sua trajetória de afirmação internacional, trajetória que se vê no crescimento da presença brasileira nos organismos internacionais (para nem falar da figura de Lula, saudado mundo afora): seis anos atrás o Brasil foi tão somente convidado, como observador, a frequentar o G8, e contava na época com uns mil diplomatas; pois agora nosso país em certos aspetos lidera o Bric (Brasil, Rússia, Índia e China) e peita os Estados Unidos, ao lado da China e da Turquia, na defesa da legitimidade dos atos do presidente do Irão, o mais que controverso Mahmoud Ahmadinejad – o Brasil contando agora com 1,4 mil diplomatas e representações em toda parte do globo. (Não estou eu aqui a defender o presidente iraniano, nem a apoiar a posição de Lula quanto à falta de liberdade em Cuba, bem pelo contrário.)

Mas dizia o jornal que o Brasil, que já tem aspetos de país decisivo no grande jogo mundial do poder, carece de coisas fundamentais para chegar lá: «Os diplomatas brasileiros são amplamente reconhecidos como negociadores habilidosos, especialmente na área comercial. Mas o país carece de uma rede de pesquisa que lhe informe sobre as visões de mundo conforme as estruturas de, digamos, Washington ou Moscou. Ele não está acostumado aos holofotes da opinião internacional. E, inevitavelmente, o Brasil tem cometido erros».

Aí o ponto: o Brasil, em suas instituições e em sua mentalidade, é um país provinciano, que pouco presta atenção ao mundo exterior. Não temos, nas universidades, mesmo as mais relevantes, ativos e fortes centros de estudos e pesquisas sobre o mundo lá fora.

Para dar um exemplo local: na UFRGS, apenas nos recentes anos se criou uma Tateante política externa, com um ainda tímido centro de estudos da América Latina, de funcionamento frágil.

O que é que pensamos sobre o Oriente Médio ou a China, regiões para onde o Rio Grande do Sul exporta um monte? E sobre a África subsaariana? E sobre os EUA?

Estou me metendo de pato a ganso nessa conversa, porque não sou do ramo; mas aqui no meu canto, este pequeno jardim em que florescem a literatura e a história, também se nota o mesmo acanhamento de horizontes.

Que pensamos nós sobre o que se passa na literatura, na cultura, na sociedade de outras partes? Há algum curso de árabe e mandarim em alguma universidade do Rio Grande do Sul? E quando ocorre nosso contato com o mundo externo, na forma privilegiada de estudar línguas, rola um debate cultural digno? Como é que estudamos o inglês e o espanhol, línguas praticamente únicas a receberem cultivo aqui?

(Um tempo atrás, uns pragmáticos professores da UFRGS propuseram retirar o italiano, o alemão e o francês do vestibular, com o argumento imbecil de que os alunos precisam é de inglês para ler os manuais. A resistência que foi feita, ainda bem que com sucesso, lembrou a eles que o Estado tinha sido colonizado fortemente por gente de língua alemã e italiana, e o francês era ainda uma das línguas internacionais de imenso relevo, para nem falar da tradição cultural).

Sérgio Paulo Rouanet escreveu uma vez um artigo que até hoje me parece digno de atenção (está em As Razões do Iluminismo). Diz ele que sua geração, chegando na universidade junto com a bossa nova e Brasília, estava farta de beletrismo e bacharelismo, do latim e do francês; queria estudar engenharia, economia e inglês.

Bem: um anjo torto veio e atendeu seu pedido. Sumiram o latim e o francês do colégio, e em seu lugar entrou o inglês. Só que, depois se viu, junto com o latim e o francês sempre vinha alguma cultura letrada junto, um tanto de história e de literatura; já com o inglês, que manda em nós com quase exclusividade faz mais de 30 anos, o que é que veio? Não veio nem mesmo letra de boa canção dos Beatles. Nada de Shakespeare, nada de Walt Whitman. Pois é. O nome disso é provincianismo.

Viajantes

Sei que tem gente que torce o nariz para Érico Veríssimo, julgando-o escritor menor. (É gente vanguardista, que não tolera um romance que faça sentido da primeira à última linha, escrito em português comunicativo; é gente em mais de um sentido, provinciana). Mas olha só: o Érico, lá nos velhíssimos anos 1960, escreveu romances que se passam fora do Brasil – O Prisioneiro e O Senhor Embaixador, para não falar de Saga (1940), que bota um brasileiro servindo nas brigadas revolucionárias da Guerra Civil Espanhola.

Diz aí: quem mais fez dessas? Nem o megaviado (e celebrado onde houvesse Partido Comunista) Jorge Amado. Ultimamente, até têm aparecido romances que colocam personagem brasileiro a andar por ruas de outras línguas: Budapeste (2003), de Chico Buarque; Mongólia (também de 2003), de Bernardo Carvalho; Berkeley em Bellaggio (2002), de João Gilberto Noll; antes dele, em 1994, Caio Fernando Abreu andou longe, Bien Loin de Marienbad.

Atualmente, está em curso uma coleção editorial que levou escritores brasileiros para cidades estrangeiras, para colherem material de romances – Daniel Galera inventou uma escritora brasileira jovem em Buenos Aires, Luiz Ruffatto andou por Lisboa, e assim por diante.

Mas é pouco, vamos combinar. É pouco porque é parecido com a nossa pouca vontade e nossa escassa tradição de pensar sobre aquele mundo que vive além da nossa paróquia.

Luís Augusto Fischer é professor de literatura brasileira na UFRGS, doutor em Néelson Rodrigues, escritor, cronista e jornalista.

Retornamos ao hotel, onde havia uma pequena festa organizada pelo Vasco Pereira da Costa, nosso escritor convidado, em honra da Helena Chrystello que ali celebrava o seu aniversário. Foram ao supermercado buscar vinho, pão, chouriço e queijo e fizeram uma imitação açoriana duma farra qualquer, enquanto nos andares de baixo se celebrava um ruidoso casamento que só terminou pela madrugada dentro.

A Páscoa era no dia seguinte e tínhamos de nos deslocar ao continente pois a Prefeitura Municipal de Palhoça ali recebia a comitiva oficial para um dia cultural com oferta de almoço. Foi o nosso primeiro encontro com índios que me haviam dito estarem a ser integrados na sociedade (?), e dos quais apenas vislumbrara uns tantos, vendendo artesanato, na manhã em que fôramos ao mercado comprar lembranças. Pois bem ali estavam por detrás das janelas espreitando, como que a medo, espantados por verem gente de outras paragens a falar um português diferente. Deram um recital de música índia, mas as caras e a linguagem corporal eram de tristeza e temor, como se ali estivessem obrigados a representar um pedaço da sua cultura, como animais em feira de novidades ou circo de anormalidades. Houve ainda um trio vocal com uma cantilena tradicional e umas jovens de cinco ou seis anos vestidas com um qualquer trajo folclórico português a dançarem uma modinha dita açoriana, além de uns tantos discursos oficiais de entidades locais. Quando chegou a minha vez, não deixei de pôr o dedo na ferida, elogiando os esforços da prefeitura e das entidades locais, de trazerem os índios ao seio da comunidade, preservando e respeitando a sua cultura e tradições, pois tal como eu aprendera na Austrália com os aborígenes, eles eram os originais habitantes e deveríamos respeitar a ligação secular que tinham com a terra de seus antepassados.

Jamais esquecerei a jovem que nunca ergueu os olhos do chão nem olvido as expressões taciturnas dos restantes adolescentes de ambos os sexos. Apetecia ficar ali e lutar pela preservação da herança índia, mas como chefe daquela embaixada cultural açoriana nada mais podia fazer.

Depois da troca de galhardetes e de ofertas visitamos a igreja local e fomos almoçar. Outra cena me espantou, pois surgiu em pleno almoço, um padre a celebrar um qualquer rito pascal, de mãos dadas e cânticos religiosos, sem alguém cuidar de saber se a companheira Edma (de Moçambique) era islâmica, ou se havia não-cristãos naquela vasta comitiva. Monoteísmo oficial?

O Prefeito de Palhoça precisa de lições de multiculturalismo em alta dose. Aparte isso, havia uma vontade enorme de celebrarem protocolos com os visitantes e de criarem mais laços e entidades para perpetuarem a memória dos primeiros colonos açorianos.

A imagem da índia cabisbaixa perseguiu-me até hoje, sei que continuavam a viver à moda deles nos montes e raramente descem ao povoado. Havia naqueles olhares desconfianças seculares por promessas incumpridas, suspeito.

Ao fim da tarde teríamos, no próprio Hotel, uma recepção oferecida pelo Prefeito da cidade de Governador Celso Ramos, que homenageava a comitiva com um documentário intitulado «Ganchos entre mares e montanhas».

Na impossibilidade de irmos a todos os municípios que queriam receber a comitiva oficial, decidira aquele Prefeito ir visitar-nos, falar e mostrar em vídeo o seu município. Ia acompanhado da sua secretária dos assuntos culturais, curiosamente a primeira-dama, e queria igualmente celebrar parcerias com os presentes. Esta era a tônica de todos os encontros oficiais ali realizados até ao momento.

Havia ansiedade daquelas gentes e daqueles municípios em mostrarem que eram mais açorianos que o município vizinho...na manhã seguinte, a comitiva deslocou-se para uma visita com Sessão de esclarecimento na UFSC perante uma centena de alunos e professores (uma aluna dormiu descaradamente durante os 75 minutos da sessão). Por fim, impunha-se uma visita ao NEA (núcleo de estudos açorianos, dirigido por Joi Cletison), a entidade que há mais de 25 anos apoia a reconstrução histórica da memória açoriana em todos os pontos do Estado. Um trabalho dedicado com menos folclore e mais substância científica, pareceu-nos.

Nessa tarde iriam começar os trabalhos do XIII Colóquio. Joi Cletison iria estar presente todos os dias.

83.3. AS TRADUÇÕES DO DANIEL DE SÁ

O Daniel de Sá escreveu o seguinte texto em abril 2010

... que alívio senti ao ler o que me dizes!

Eu temia que os meus livros que o Chrys já traduziu, e muito bem, ficassem manchados com o nome de um Jesse James à nossa maneira modesta de ser.

Afinal, o homem não é nada disso, graças a Deus. Bem bom. Ou "re+bum", como se diria no dialeto do micalense que se falava na Maia. (Traduzo: "re+bem bom", o que é muito mais que bom.).

Pois se o homem até toma café, como poderia ser má criatura? Enredos de gente maldosa, isso é que é. É absolutamente inofensivo, garanto.

Uma espécie de Indiana Jones em versão civilizada. Só que, em vez de crocodilos, caça línguas.

Ah, e por ter referido que é um excelente tradutor, chamo em meu auxílio uma opinião que vale sem dúvida muito mais que a minha.

Uma senhora americana chamada Michele (que é que tem este nome de importante para ser referido? já digo) leu o livro e achou a tradução muito boa. Ela está, ou estava por Rabo de Peixe, e disse-o ao Michael Hudec, um pintor americano que ficou por cá há décadas.

Foi ele que me contou. A senhora falou-lhe de um livro que tinha lido e uma das coisas que referiu foi a boa tradução.

Quando o Michael Hudec viu o livro ("O Pastor das Casas Mortas") disse muito satisfeito: "Eu conheço-o! (Este "o" sou eu.) E essa tal Michele é a senhora que, quando era rapariga, inspirou aos Beatles a canção do mesmo nome.

CRÓNICA 83 SARAMAGO, UMA GOTA E UMA PNEUMONIA, 12 – 26 JUNHO 2010



I FOUND OUT WHERE THE VUVUZELA CAME FROM ...THINK OF THIS NEXT TIME YOU BLOW ONE!

O mês foi pródigo em eventos, como mais um campeonato do mundo de futebol, o que é excelente para levantar o moral às massas e anestesiá-las. Repetindo uma aventura de há 44 anos em que Portugal recuperou de 0-3 para 5-3 frente à Coreia do Norte, desta vez vingou-se e ganhou 7-0. O selecionador, Carlos Queirós, passou instantaneamente de besta a bestial, juntamente com os seus jogadores e houve festa nas praças e ruas.

Esqueceu-se a crise e os sorrisos voltaram às faces endividadas dos portugueses. Os jogadores franceses entraram em greve e recusaram-se a treinar o que só lhes fez bem, pois foram eliminados sem vitórias nem honra, cumprindo-se a vingança irlandesa, que ficara de fora do Mundial por um golo francês marcado com a mão por Thierry Henri...

E – por último - o barulho das vuvuzelas no Mundial pode fazer mal à saúde e aos tímpanos, mas o mais curioso é que a única razão para eu não gostar das ditas é saber que podem ter vindo da Papua Nova Guiné depois de usadas.

Há dias, morreu um homem que concitava grandes ódios e poucos amores, mas que ao receber o Prémio Nobel da Literatura levou a língua portuguesa a mais cantos do mundo do que muitas campanhas mediáticas.

Goste-se ou não da sua escrita, da sua pessoa, da sua ação, ele levou a língua mais longe, traíndo a pátria que o desprezou, proclamando a versão mais colonial do iberismo que imaginar se possa e vivendo em Lanzarote nas Ilhas Canárias com a sua segunda mulher espanhola. Esquecera há muito a primeira que durante mais de duas décadas lhe fizera a revisão dos seus textos e que nem a sua presença teve na hora da morte.

Encheram-se páginas de jornais, revistas e horas de televisão a discutir os méritos e deméritos de um homem a quem o homem que pensa que é Presidente da República, Cavaco Silva, amuado desde 1992, não quis prestar a última homenagem e veio aos Açores (Ponta Delgada) passar quatro dias de férias, mais um do que o luto oficial decretado.

Havia quem o criticasse pela pontuação ou falta dela, quem não gostasse do seu comunismo leninista enquanto se amancebava com lucros chorudos e negócios milionários, mas poucos ficavam indiferentes ao homem que ora morreu.

Ora o Estado Português que o menosprezou e censurou em 1992, quis recompensá-lo depois de morto e mandou a Dra. Canavilhas (ministra da cultura) no avião oficial buscar os seus restos mortais e trouxe-o para ser cremado em Lisboa onde ficará.

Lá onde na Casa dos Bicos funciona a sua fundação com fundos do Estado Português.

Todos sabem que o Sócrates, primeiro-ministro, tem muitos defeitos, mas os problemas de Portugal já ultrapassaram Sócrates, os socialistas e os portugueses em geral. É deplorável quando a política não se distingue do futebol, ou seja, quero que "ganhe o meu partido, quero derrubar o líder dos socialistas", e não se trabalha em conjunto para levantar a nação em geral, o que é geralmente o caso.

Estão todos estranhamente unidos na manutenção irrealista de pensões e mordomias enquanto, compungidos, suplicam ao país que aguente mais sacrifícios.

O povo sustenta estes e todos os outros sofrimentos, pois está, lentamente, a ser moldado para ser cordato e ordeiro como convém a quem governa.

Enquanto os políticos na tribuna falam, falam, falam e não fazem nada, o povo protesta, queixa-se e copia-os, não fazendo nada.

Um círculo vicioso perfeito apenas entrecortado pela famosa trilogia portuguesa do Fátima, Futebol e Fado, que ora retornou ao quotidiano lusitano.

Já ninguém promete dias melhores, apenas mais do mesmo e pior ainda.

Mais sacrifícios presentes e futuros em troca de nada.

Ninguém promete luzes ao fundo do túnel, pois se vive num feudalismo republicano, de acumulação de reformas para ministros, deputados, assessores, com uma imensa acumulação de privilégios para aquela minoria que come da gamela governamental e se alcandora a posições de poder, prestígio e benefícios financeiros. Há que entender que este país com estes políticos, quer sejam do PS do PSD ou de qualquer outro, não vai a lado nenhum...enquanto se não acabar com o sistema de cunhas e compadrios, bem pior do que no tempo do Salazar "Botas".

Tem de se acabar com a impunidade na justiça, há que parar e reduzir a corrupção rampante; há que deixar de aviltar a educação e de colocar os professores na lama; é imperioso deixar de fazer cortes no setor da saúde que se não tem; urge terminar com esta sociedade norteada pela falta de princípios e de exemplos (aqueles com que fui educado, conquanto tenha crescido numa sociedade demasiado conservadora judaico-cristã, cresci com valores que é coisa que não é frequente ver-se hoje); é essencial terminar com a proliferação do chico-espertismo, da ignorância, do quero, posso e mando.

Assim, quer o povo deixe ou não o governo continuará a fazer o que bem entende em proveito próprio e detrimento nacional, não se vai a sítio nenhum.

Dizem que já era assim na monarquia, na 1ª república, na ditadura e na 2ª república. Já o Galba dizia que "não se governam nem se deixam governar" e querem agora ser governados pelos espanhóis, mas isto é porque apenas veem o maior poder de compra do vizinho (cujo regime político se recomenda tanto como o nosso português). ([LER CRÓNICA 66](#))

Não vejo, infelizmente soluções nem saída, a não ser a minha eventual saída de cena (em data para a qual não posso contribuir pois não depende de mim) e o posterior silêncio, dado que o mote é: o último a sair que apague a luz.

Nem sequer tenho esperança de que haja solução neste mundo neoliberal globalizante em que o lucro e o dinheiro tudo comandam e o resto é nada.

Uma nova versão dos senhores feudais (agora bancos e seus correligionários) e da gleba que somos quase todos os restantes...as receitas financeiras que nos impõem nesta cura forçada servem para dar dinheiro aos bancos que nos levaram a este caos.

Ou seja, mais do mesmo, para que os bancos continuem a fazer dinheiro fácil sem olharem a meios. Para que continuem a especular e a investir mal para poderem continuar a receber prémios e bónus milionários quaisquer que sejam os resultados desastrosos da sua atuação.

Os nossos filhos e os nossos netos não vão poder pagar a fatura que existe.

Toda a vida deles, presente e futura, foi já antecipadamente hipotecada em troco de umas autoestradas e de projetos que não criam riqueza, apenas empregos temporários e bons lucros para construtores civis e outros.

Claro que os nossos filhos e netos podem sempre pensar que podem escapar impunes.

O meio ambiente e a própria Terra que habitamos podem dizer BASTA e acabar de vez com esta dilapidação de recursos.

Também, por vezes, parece ser este o desejo de muito boa gente...que imaginamos pensa sobreviver nos seus "bunkers" cheios de dinheiro.

Há já quem preveja na União Europeia que a idade da reforma suba até aos setenta anos, ou seja uma vida inteira a trabalhar para depois ficar na miséria (nessa altura já não deve haver reformas para o povo).

Deve ter sido por isso que em tempo de crise acabam de aumentar os vencimentos e mordomias dos seus deputados, vistos em várias imagens a dormir e a entreterem-se enquanto decorrem as sessões que ditarão os nossos maiores sacrifícios.

Aliás, deve a UE admitir a necessidade de acabar com privilégios dos últimos 50 anos que só tornam as pessoas infelizes depois de terem andado este tempo todo a enganá-las com a felicidade material à face da terra.

Cheios de razão, há por aí aqueles a que muitos chamam de Velhos do Restelo, começando pelo José Gil e outros grandes pensadores portugueses, mas poucos dos que os criticam pararam para pensar se não estarão certos no seu pessimismo, ou se não serão realistas na sua análise.

Os portugueses vão ter que aprender à sua custa e isso pode demorar gerações.

Há sítios no mundo bem piores, convenhamos, bem mais corruptos e violentos, mas nunca devemos olhar para os que estão pior, mas sim para os que já estão numa fase melhor.

Portugal já tem um mínimo de boas condições para se viver. Há um enorme desencanto, mas cada um tem que fazer o seu melhor.

Temos de trabalhar com o que temos de bom e positivo em vez de estar sempre a malhar no que é mau. Não sei se há alternativa.

Não podemos mudar os outros, infelizmente. Disse Gandhi "Be the change you want to see in the world."

Isso é o que faço, na senda da divulgação de autores portugueses (deveria dizer açorianos, mas alguns chateiam-se), numa visão ampla da língua portuguesa no mundo, daqui a cem anos. Isto e os outros projetos em que se envolvem os Colóquios da Lusofonia. Faço-o sem querer fama nem proveito, a custo zero e a isso dedico o meu tempo todo sem remuneração. Pensando melhor, se todos fizessem em 5 ou 10% das suas horas livres, o que faço com a minha vida (sim, os colóquios são já a minha vida), o país progredia, mas sozinho sou apenas mais uma gota no imenso oceano de dejetos (falta de moral, de princípios, de ética, etc.) que me rodeia.

Por vezes, assalta-me o desalento, a falta de compreensão dos outros, a falta de apoios, a falta de mecenas, tenho ganas de desistir e deixar a obra incompleta, mas desisto sempre, pois esta é a minha vocação, a marca terrena perene que quero deixar impressa na rocha, como se estas terras em que vivo não fossem elas mesmo um vulcão, mas sim eu.

Este é o meu magma, a minha lava ardente lavrando pequenos sulcos na paisagem. Sem isso não encontro grandes justificações para permanecer entre os vivos, sou uma gota minúscula neste imenso oceano que me rodeia, mas sou uma gota feliz, mais do que quando andava *workaholic* (trabalhólico) 18 horas ao dia, para ter mais e mais.

Admito que me sinto triste e impotente pela mole humana que me rodeia e por ver que posso fazer tão pouco por mais tolerante que tente ser.

Sou cidadão australiano, mas se fosse apenas eleitor português seria meramente mais um voto que de nada serviria...apenas me daria legitimidade para continuar a dizer EU NÃO VOTEI NELES...

Eles não são os mesmos do tempo em que eu no TUP (Teatro Universitário do Porto 1967-1972) me extasiava a ouvir o grande Zeca Afonso (que compôs a música da peça onde entrei Fuenteovejuna) cantar secretamente (paredes meias com o quartel general da GNR no Porto...) a cantar "eles comem tudo..."

Na altura não comiam nada comparados aos atuais, que são bem mais "chicos-espertos" e nos impelem a recordar:

No céu cinzento
sob o astro mudo
Batendo as asas
Pela noite calada
Vêm em bandos
Com pés de veludo
Chupar o sangue
Fresco da manada
Se alguém se engana
com seu ar sisudo
E lhes franqueia
As portas à chegada
Eles comem tudo
Eles comem tudo
Eles comem tudo
E não deixam nada [Bis]
A toda a parte
Chegam os vampiros
Poisam nos prédios
Poisam nas calçadas
Trazem no ventre
Despojos antigos
Mas nada os prende
Às vidas acabadas
São os mordomos
Do universo todo
Senhores à força
Mandadores sem lei
Enchem as tulhas
Bebem vinho novo
Dançam a ronda
No pinhal do rei
Eles comem tudo
Eles comem tudo
Eles comem tudo
E não deixam nada
No chão do medo
Tombam os vencidos
Ouvem-se os gritos
Na noite abafada
Jazem nos fossos
Vítimas dum credo
E não se esgota
O sangue da manada
Se alguém se engana
Com seu ar sisudo
E lhe franqueia
As portas à chegada
Eles comem tudo
Eles comem tudo
Eles comem tudo
E não deixam nada
Eles comem tudo
Eles comem tudo
Eles comem tudo
E não deixam nada

http://www.youtube.com/watch?v=ZUFeBhhuUos&feature=player_embedded

Infelizmente estamos condenados a ser gotas, devemos comprazer-nos com a nossa insignificância. É imperativo tratar de nos sentirmos bem como gota que somos dentro da nossa pele, sem jamais nos calarmos quando vemos coisas erradas. Mas claro está que não adianta reduzir a realidade apenas a estas coisas ou aos desgostos pela governação do país e do mundo. Não faz bem a ninguém.

Temos de continuar a acreditar que nós, a pequena gota, mais minúscula que uma lágrima furtiva, podemos fazer a diferença, nem que seja só no restrito círculo em que nos movimentamos.

Mesmo quando antecipadamente sabemos que isso jamais será suficiente para alterar o desvio da rotação da Terra, a perda do escudo magnético ou para impedir as profecias de Nostradamus, dos 3 pastorinhos ou outras...

Deixando estes assuntos, que tão importantes parecem no dia-a-dia, a fragilidade da vida humana veio bater à porta.

A minha mulher chegou da escola à hora do almoço, na véspera de São João, com febre de 39 °C que se recusou a baixar durante 12 horas.

Difícil doente que se recusa a ser tratada, insistiu para que eu tentasse contactar o médico de família na vizinha Gorreana. Apesar de centenas de chamadas para os seus três números de telefone entre as 14 e as 22 não foi possível chegar à fala com o clínico. Como a febre não baixava, o Conselho de Família, constituído por pai e filho menor de 13 anos, decidiu levar a doente a Ponta Delgada ao Hospital do Divino.

Entre as 22.45 e as 04.45 ali estivemos, até sabermos que a paciente estava com uma pneumonia e ficaria internada. Regressamos a penates e duas horas depois de adormecer já ela exigia que a fossem buscar pois queria vir para casa.

Apesar de vomitar o pequeno-almoço e desmaiar, os médicos entenderam que estava bem medicada e podia recuperar em casa.

Passados dois dias, ainda está fraca, mas sem febre. Isto só veio provar aquilo que já todos suspeitavam, este escriba não tem feito nem vocação para enfermeiro de doentes difíceis.

Esperemos que o recobro se faça sem mais problemas e que seja rápida a recuperação, a vida sem saúde é uma chatice.

CRÓNICA 84 EVOCAÇÃO DA MÁTRIA BRAGANÇA, JULHO 2010

Sobrevalorizo as memórias de infância. Durante anos fui admirador dos mares, da sua imensidão, mistério, sortilégio e temor. Evocava a História Trágico-Marítima que tanto me influenciara no liceu quando me identificava com os pobres colonos e naufragos abandonados em terras hostis de gentios. Nesta fase madura, prezo mais as vagas das serranias transmontanas banhando as dunas de montes e fragas. Se as águas do mar em Portugal eram gélidas, não menos frias eram as montanhas da Bragança, cujas marés vivas surgiam com grandes nevões entre dezembro e fevereiro. Eternamente na memória, pintam alva a paisagem de contrastes, autêntico estudo de paletas de cor durante o ano. Contraste com o verde eterno que vim a descobrir nos Açores. Esta beleza verde perene que até causa náuseas.

Curiosamente, cresci e amadureci a olhar o oceano, embevecido, apaixonado pelas ondas, seus movimentos, todo um ciclo lunar que me fascinava e no qual me deixava embalar enquanto escrevia poemas. Era no mar que encontrava a paz interior e a calma de que necessitava para resolver as contradições internas e os amores incorrespondidos. Com o passar dos anos voltei-me mais para o campo e as montanhas.

Eram estes que me propiciavam a paz interior e a acalmia de que carecia para me concentrar. Foi assim que (2002) em Bragança recomecei a escrever e nos Açores (após 2005) olhando, com saudades transmontanas, para tremidos de terra e de montes e vacas alpinistas, desabrochou em pleno a minha veia crônica.

Em Bragança todos se habituaram, ao longo dos anos, a ver-me como um australiano que falava português, sem pressagiarem os meus antecedentes genéticos. Nem eu os confessava. Fora preciso enxergar nas entrelinhas enquanto coligia o Cancioneiro Transmontano 2005 (ed. Santa Casa da Misericórdia de Bragança. Li testemunhos, lendas e contarelos.

Redescobri laços maternos de que andava arredado embora sempre tenha sabido como provinha dessa enorme ilha chamada Trás-os-Montes, encravada no oceano dos sargaços e algas enleantes e viscosas em rija fraga, chamada Nordeste. Portugal profundo, chamavam-lhe os governantes, como sinónimo de esquecido. Revisitei o baú das reminiscências.

Recriei passos perdidos, há quarenta anos, em aldeias, vilas e lugarejos perdidos na memória de tempos idos. Visitei-os a todos.

Raras vezes encontrei os coevos dos percursos da infância e adolescência. A desertificação humana maciça, a emigração, a imigração para o litoral e os limites da longevidade haviam impossibilitado a reconstrução. Poucos sobravam para falar desses tempos. Alguns, mais novos, mencionavam a memória dos meus avós maternos. Do tempo das aldeias pujantes e vibrantes. Ou seria da vida escrava nesse feudalismo que ainda era a Trás-os-Montes de 1960?

Teriam progredido? Mais casas novas havia e muitas. Maiores. Bem maiores e bem mais desertas. Desertas. Velhas casas senhoriais abandonadas, inabitadas. Vazias e sós, tristes se as casas tiverem sentimentos como as plantas. Em ruínas. Disto ninguém falava melhor do que o ilhéu micaelense (açoriano) Daniel de Sá no seu excelente livro "Os Pastores das Casas Mortas" e nem transmontano era. Das gentes sumira-se-lhes o rasto. Perdidas na voragem consumista das grandes urbes. Anónimas no litoral que o 25 de abril roubara à emigração a salto. Desaparecidas as "vendas", os cafés e as tabernas. Nem botequins havia. Não restara quem os sustentasse. Os escassos setuagenários, congregados no adro das igrejas. Vazias. Sem serviços dominicais. Escolas abandonadas às silvas. Destroços. Poucas aproveitadas e ocupadas por novas valências. Definhavam na vegetação que se reapoderava dos seus terrenos. Aqui e ali medravam em fíbias esperanças de turismo rural ou escolas convertidas em juntas de freguesia desertas reconvertidas em lares de terceira idade.

Em outubro de 2006, voltei a Bragança para mais um Colóquio da Lusofonia. Fiz o mesmo em 2007, 2008, 2009 e 2010. Senti uma sensação estranha a preencher o vazio interior. Na rua o ar bem fresco, muito seco da cidade. 16 °C. Não chovia por isso fui a pé até ao restaurante Poças, local privilegiado de almoços e jantares, guardado no baú mítico das memórias dos anos de 1960, bem antes de ter saído de Portugal rumo aos Orientes exóticos e à Austrália.

Na manhã seguinte caminhei até ao Café Torre da Princesa, porto de abrigo durante anos. Revi os donos. O filho João (Nigel) quis lá ficar com o seu amigo luso-suíço Stefan. Depois, visitei uns primos direitos do seu avô materno, então com 83 anos, satisfeitos por serem lembrados pelos mais novos (ambos faleceriam, um após o outro em 2015, com Alzheimer num lar).

Foi então.... Nesse dia, pela primeira vez, a escassos metros daquela que fora a minha casa em Bragança, senti um apelo inesquecível. Foi então que me senti transmontano dos quatro costados, apesar do pouco tempo contabilizado a viver na região. Não sabia dizer porquê, mas lembrar-me-ia sempre do instante exato, já era lusco-fusco, quando senti aquela picada no coração, aquela dor profunda de mágoa e alegria, em simultâneo. Tinha acabado de encontrar as raízes. Senti os pés pesados a colarem-se ao solo. Uma experiência que se assemelha ao que se sente quando uma pessoa sabe que está apaixonada e que encontrou a alma gémea para partilhar o resto da vida.

Como alguém disse, em tempos, a pátria não é o lugar onde nascemos, mas o lugar onde o coração habita. Ali estava bem visível. Descobri-a instantaneamente nas origens e raízes. Bragança mátria.

Que disso não restem dúvidas. Jamais senti um apelo emocional tão forte, em parte alguma. Estou mais apegado àquela terra do que imaginei. Inenarrável sentimento.

Não se descreve a quem nunca o experimentou. Sentimentos não se partilham em palavras.

Para os que têm pátria ou sempre pertenceram a um local, de nascimento, trabalho ou necessidade, esta noção não se explica. Para os apátridas, sem bússola geográfica a marcar o ritmo de pertença, é fácil entender o que atrás se disse. Um dia, tentarei explicar esta afeição. Não se define. É inexpressável.

Já há muito dizia que Sidney (e depois, Bragança) eram a base terrena. Se bem que goste de estar nos Açores e me identifique com a luta de alguns (ainda?) não os sinto (ainda) a todos como irmãos. Partilhamos projetos de vida e sonhos, mas não estou na pátria.

Por mais que me esforce nunca serei um deles nem me aceitarão como um igual, como um par inter pares.

Jamais sentira eu - antes deste momento mágico -, um tal sentimento de pertença. Mesmo que os coevos bragançanos me não aceitem, não preciso deles para ser aceite.

Podemos até não ter projetos comuns ou seguir vias díspares, mas fazem parte da família e esta não se escolhe.

Tal como o meu pai, que dissera sempre ser de Afife (Viana do Castelo) embora nascido no Porto, sempre me afirmei australiano. De nacionalidade, que não de nascimento. Quando me perguntarem donde sou, direi TRANSMONTANO. De Bragança.

Nem de propósito li, no jornal diário, que uma pessoa radicada em Castelo Rodrigo, há anos, dizia sempre “Quando me perguntam donde, digo que sou donde está o coração.” De facto, em Bragança ficou a minha alma. Podia ser habitada por nazis, por espanhóis invasores, por extraterrestres ou pelos meus maiores inimigos, mas sempre a sentiria minha. Essa sensação não se apaga, nem se limpa com lixívia que para esses sentimentos não há branqueador que chegue.

Nada disto sinto em relação ao Porto natal onde vivi um terço da vida. Nada me diz. Turisticamente, acho a Ribeira e a Foz do Douro espantosas em dia de borrasca e atraentes no período estival. Já a medieval Sé e as velhas ruas do antigo burgo me deixam quase indiferente, talvez por terem sido desbaratadas e maltratadas, em vez de estimadas e recuperadas.

O clima cinzento, as gentes de sotaque desagradável e palavrões vernaculares incómodos. Sonoridades agrestes e demasiado vulgares para ouvidos sensíveis. Pessoas, macambúzias, preocupadas com futilidades.

Vi gente em casas da Câmara, pretensamente necessitadas, com carros novos. Iam almoçar e jantar a restaurantes e marisqueiras. Vidas sem um único livro. Mas gabavam o último modelo de telemóvel e TV de plasma.

A minha mulher reencontrara ex-alunos do Politécnico de Bragança, habituais voluntários do secretariado do Colóquio. Sempre alegres e contentes por a verem, sem que persistam elos de professor e aluno. Contaram projetos adiados e os já realizados. Histórias de conquistas e derrotas.

O percurso de cada um que só se conta aos amigos. Tudo isto fazia uma pessoa sentir-se bem. Parecia que sempre os conhecera. Nem fora professor deles, embora tivessem assistido a palestras que dei na Escola Superior de Educação.

Jantamos no Poças (pronunciado Pôças, assim como Sabor é pronunciado Sábôr). Fomos ao dentista, ao relojoeiro e ao sapateiro, num ritual de repetir atos quotidianos como quando lá vivíamos. Recriei rotinas que já não eram atuais. Reminiscência de tempos felizes, quando sonhei permanecer ali até ao fim dos dias.

Repeti atos singelos como se nunca me tivesse apartado daquelas calçadas, daquelas casas com histórias centenárias. Idealizava que saíra apenas uns dias antes e ora estava de regresso.

Vinham à memória recordações várias do tempo em que ali vivera. Não tinha a ver com pessoas, antes com o ar que respirava, com a memória das pedras, das casas, do Castelo, do nascer e do pôr-do-sol, com o calor, o frio e a neve, as trovoadas, os sotaques e a memória de tempos ancestrais que não vivi, mas que sentia como se fossem meus.

Passei hora e meia na feira. Comprei fatos, calças, sapatos, camisas, e o que a minha mulher necessitava para ela e filho. Na primeira tenda disseram-me que já ali tinha comprado uns pares de calças. Noutra, reconheceram o casaco que levava. Rapidamente me enrouparam como novo.... Se bem que fizesse muitas compras, nas feiras trimensais jamais me ocorrera ser recordado pelos feirantes, quinze meses depois.

Encomendei no antigo açougue, as típicas alheiras de fabrico artesanal, cuja falta sinto em São Miguel. Gosto de quase todos os enchidos, e na Austrália deliciava-me com os húngaros, mas nunca me acostumei aos dos Açores.

Evoco com saudades o tempo em que a avó materna, as tias-avós e primas faziam a matança do porco e em outubro enviavam as primeiras alheiras; na Páscoa, os folares e bolas de carne; e no verão, a compota de ginjinha. Seguiram-me para todos os países menos para a Austrália que ali não podia entrar comida estrangeira. Comera alheiras e ginjinha feitas pela minha família em Timor, em Macau e noutros locais. Ainda sentia no palato o seu sabor distinto, sempre me acompanhara como um cordão umbilical. Há paladares que são como os odores, nunca se apagam do subconsciente.

No antigo Largo do Tournal encontrei idosos repetindo tradições centenárias, agora que já não se mercadejava gado naquele local ocupado por delegações bancárias e outras instituições.

Ali estavam em amena cavaqueira como haviam feito durante um século ou mais sempre que se deslocavam das suas aldeias para virem à feira nos dias 3, 11 e 22 de cada mês.

Também eles recriavam uma memória coletiva de um povo para quem as várias mudanças de local da feira e o progresso urbano pouco ou nada representavam, pois sabiam qual o lugar que ocupavam.

Vi casas renovadas na velha urbe e na Cidadela. A cidade continuava galante, aprazível e bela. Paisagens de quilómetros.

Até onde a vista alcança na Serra de Sanábria e nos montes do Parque Natural de Montesinho.

A parte de cima da rua onde viviam, Avenida do Sabor, ora denominada Cidade Zamora, estava nesse ano a ser vítima de um esventramento com modificação de passeios e eixos viários.

Decerto a embelezaria mais. Não conhecia obras há quatro décadas, desde que fora rasgada como última saída da cidade, rumo a Espanha, o reino vizinho onde se ia ao supermercado.

Ou meter gasolina, mais barata. Que algum proveito sobraria para os espanhóis além de despertarem ódios antigos e rivalidades nunca extintas na construção da independência de Portugal, mas que hoje eram frequentemente esquecidos.

Se bem que nalguns locais do distrito não se notasse diferença entre a fronteira que os homens marcaram e as pessoas que lá habitavam, como era disso exemplo Rio de Onor, noutros a fronteira era meramente um inconveniente, memória de contrabandos e de perseguições da Guarda Fiscal de Portugal e da Guardia Civil espanhola. A história comum das gentes da Raia era feita de famílias unidas ancestralmente pelos laços do matrimónio, por interesses comerciais e pelo apoio mútuo que substituíra a atenção que as capitais dos dois Reinos não prestavam às gentes esquecidas naquele interior profundo de ambos os países.

Surpresa foi ver o sonho antigo da Ponte de Quintanilha erguida por entre vales e montes. Acabara a ridícula continuidade do itinerário IP4, pela estreita estrada de montanha, ao longo de seis quilómetros até à fronteira. A ponte estaria completa e inaugurada em 2009.

A prometida autoestrada finalmente chegará, um dia, e dera já os primeiros passos com o túnel do Marão que começara a ser aberto nas entranhas da serra (em meados de 2009) antes de uma providência cautelar o mandar parar por seis meses.

As obras iam lentamente progredindo em 2010 como ouvira nas rádios locais que escutava na internet a mil e oitocentos quilómetros de distância nos Açores, embora depois parassem por três anos até serem retomadas em finais de 2015....

Continuava a escutar os programas radiofónicos da região para fingir que ainda fazia parte daquele rincão.

Neste ano, o passeio dos colóquios levou-nos a Miranda do Douro, sempre bonita, limpa, bem recuperada e interessante. Receção com a Capa de Honras na Câmara Municipal. Visitas ao Museu, Biblioteca e Centro Cultural, fora de horas. Encheram-nos de explicações e partilharam o orgulho transmontano e mirandês que bem falta ao resto do país.

Nota negativa para a velha funcionária da Sé que não nos deixou visitar a Catedral. O clero consegue ter destas simpatias. Talvez fosse a megera que há anos repetira a proeza. Desde 1980 que não fotografava o Menino Jesus da Cartolinha. Iria finalmente fazê-lo em 2008.

Todos gostaram.

Além do mais, aprenderam a existência duma segunda língua oficial portuguesa.

Os dias passados nessa viagem da descoberta da matéria chegaram ao fim, era hora de fazer as malas. O João (Nigel) de volta, delirando de alegria. Revira o melhor amigo e a aldeia dele, Babe. Este filho mais novo adora aldeias e velharias como igrejas, castelos, etc. Saiu rural. Para o ano regressará.

As hipóteses de ali voltar a viver são profissionalmente impossíveis na atual conjuntura.

(ADAPTADO DE CRÓNICA AÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO VOL. 1, DE J CHRYS CHRYSTELLO, ED. VERACOR www.veracor.pt/)

Ainda bem para Bragança e sua Comissão de Toponímia que os Colóquios não previram a presença de luminárias do velho regime político como Hermano Saraiva e como Veiga Simão pois tínhamos uma mudança radical da toponímia local. Em verdade, vos digo que nunca imaginei ao convidar (pela primeira vez) Adriano Moreira em 2008 para o Colóquio desse ano que ele fosse doar o seu espólio a Bragança e jamais esperaria que ele quisesse ser convidado, de novo em 2009, mas daí a termos o Centro Cultural com o seu nome, uma praça e sabe-se lá que mais, vai uma grande distância.

Que me perdoem os que não simpatizam com ele, pois sempre o achei um politólogo brilhante, refulgente na oratória de uma cultura vasta, o que nunca me fez simpatizar com os seus ideais políticos ou outros, e, longe estava eu de o querer ser motivo de controvérsia para a autarquia. Convidei-o para os colóquios por se tratar de uma figura notável que poderia acrescentar mais-valias aos oradores convidados em 2008 e 2009, mas daí a ele ser a causa do batismo de centros culturais e outros vai uma grande distância.

Grato fico pela doação do seu espólio que constituiu um enriquecimento do património cultural local, mas haja tento na retribuição dessa doação. Um dia contarei a epopeia da sua chegada ao colóquio em 2 outubro 2008.... Dito isto, garanto que não convidarei mais nenhum membro do antigo regime para se deslocar aos Colóquios da Lusofonia a fim de evitar divisionismos políticos, ou outros, no seio das boas gentes minhas conterrâneas. Caso contrário ainda mudavam o nome de Bragança...

Pela parte que me toca, ao manter ao longo destes oito anos, os Colóquios da Lusofonia em Bragança, trazendo aqui alguns dos grandes académicos da Língua Portuguesa, servi de contributo para colocar essa ancestral Bragança como cerne e capital da Lusofonia durante os dias dos colóquios.

Infelizmente, desde a primeira hora, as gentes da terra sempre ignoraram esta iniciativa, quando não a boicotaram mais ou menos ostensivamente. É pena, pois foi uma inteligente aposta inicial da autarquia apoiar os Colóquios, que há muito têm o seu nome e logótipo como marca registada em todo o mundo, mas que estão indelevelmente ligados a Bragança, porquanto daqui cresceram até ao que hoje já são: uma voz incómoda que martela incessantemente a necessidade de lutar pela Língua de todos nós, pela aplicação do novo Acordo Ortográfico, pela tradução de obras portuguesas, pelo ensino de português no mundo, como língua estrangeira e segunda língua (segunda), como motor da tradução de obras portuguesas.

Pena foi que, apesar de um protocolo com o Instituto Politécnico de Bragança, este nunca soubesse aproveitar as sinergias do evento e aproveitá-lo para seu próprio benefício. Ao longo destes anos trouxemos poesia, música e literatura de vários cantos do mundo onde a língua portuguesa é falada, estabelecendo pontes que, de outro modo, não existiriam, mas foi sempre um movimento unilateral, pois não conseguimos levar Bragança ao resto do mundo como ainda este ano aconteceu quando realizámos o 13º colóquio no Brasil, e de Bragança apenas foi o meu coração.

Propusemos geminações, delegações e representações, mas nada aconteceu. É assim com as gentes de cá que não estão habituadas a receber sem nada se lhes pedir em troca.

Hoje, os Colóquios da Lusofonia e o seu logótipo não são só um nome e uma marca registada que iremos perseverar para que continuem a representar o escol da língua, literatura e cultura lusófonas.

Pela parte que me toca, Bragança é e será sempre a minha matéria, o húmus onde as minhas raízes medraram e onde se a minha existência melhor se explica. Tal como a Língua Portuguesa, Bragança será sempre a terra dos meus ancestrais e património dos meus descendentes. Sei que a minha mulher não terá ciúmes desta declaração de amor a Bragança, pois ela também apreciou muito cá viver os poucos anos que a vida profissional lhe proporcionou.

Aqui germinaram, com a astúcia do nosso anfitrião, Presidente da CMB, Eng.º António Jorge Nunes, inúmeros projetos propostos pelos Colóquios que fazem de Bragança uma cidade culturalmente bem mais rica do que era quando saí de Portugal em 1972.

Queiram as gentes da terra fazer por ela o que eu fiz ao longo destes anos, sem benesses ou mordomias, sem pretender fama, glória ou apoios materiais.

Antes da sessão de abertura deste 14º colóquio fomos convocados pelo Senhor Presidente da CMB (Câmara Municipal de Bragança) para uma reunião onde esteve presente, juntamente com a Vereadora da Cultura, a Diretora da ESE (Escola Superior de Educação) do IPB (Instituto Politécnico de Bragança) e os Colóquios, representados pelo patrono Professor Doutor Malaca Casteleiro, Chrys e Helena Chrystello.

Era intenção da CMB que a recém-criada Academia de Letras de Trás-os-Montes, apoiada pelo IPB, tomassem parte ativa a organização dos colóquios, definição de metas e objetivos.

Logo declaramos que apesar da boa vontade do Diretor do IPB, a ESE nada fizera pelos colóquios, pois havíamos inclusive desafiado a instituição cariar uma Cadeira de Estudos Transmontanos e nada fora feito.

Foi-nos respondido que a vocação, o currículo e a própria estrutura da ESE não estavam para aí voltadas, ao que retorquimos que, na mesma data, propusemos a criação de uma cadeira de Estudos Açorianos e a Universidade do Minho (sem contactos nem ligações nem currículo relevante) acabara de a criar dia 25 de setembro (quando lá estivemos para a sua inauguração).

Abordagens e visões diferentes.

Nesta reunião, a mais tensa que tivemos com a autarquia desde o início desta parceria, foi levantada a suspeita de os colóquios não terem existência legal, afirmação à qual respondemos estranhar a questão, após oito anos de apoio da CMB aos mesmos.

Foi informada a CMB de que os Colóquios da Lusofonia e o seu logo são marcas registadas pelo que não poderiam ser usados por outrem.

Dada a irrevocabilidade de posição da CMB fazendo condicionar todo o seu apoio futuro a uma adesão a este modelo de cooperação ficou decidido que os Colóquios da Lusofonia iriam consultar o outro patrono, entidades detentoras de protocolos com os mesmos e o chamado "núcleo duro" dos colóquios para se tomar uma decisão.

Foi afirmado pelos Colóquios ser sua intenção, tal como explicitado no ponto 26 das Conclusões do XIII Colóquio, registarem-se como associação permitindo assim um diálogo melhor com a CMB como esta pretendia.

A intransigência da CMB surpreendeu tanto mais que a citada Academia de Letras de Trás-os-Montes só se reúne para ser oficialmente criada no dia 5 de outubro de 2010.

Dos parceiros da dita Academia foram mencionados a Academia Galega da Língua Portuguesa e a Academia de Ciências, entre outras entidades de menor reputação.

Os Colóquios há anos que pugnam por uma verdadeira Academia de Letras a nível nacional e não com academias regionais que só servirão para congregar menos valias por mais nomes de vulto que as encabeçam como é o caso.

A propósito transcrevem-se excertos da entrevista dada aos órgãos de comunicação sobre este tema:

"O responsável pelos Colóquios da Lusofonia acredita que as academias regionais não servem os interesses da promoção da língua e da literatura. Chrys Chrystello não apoia criação da Academia de Letras de Trás-os-Montes.

Chrys Chrystello considera que as academias regionais, como a Academia de Letras de Trás-os-Montes, não servem a devida promoção da literatura.

O organizador dos colóquios da Lusofonia não quer a disseminação das academias regionais e defende uma só academia de letras para o País.

O linguista e organizador dos Colóquios da Lusofonia, Chrys Chrystello, teme que a Academia de Letras de Trás-os-Montes sirva de veículo para a promoção de autores menores.

O especialista considera que uma academia de letras necessita de muitos associados para ser viável e, por isso mesmo, o crivo da associação pode-se tornar demasiado complacente com autores de qualidade inferior.

"Nós não queremos a disseminação das academias regionais, tal como acontece no Brasil com as academias estaduais sem representatividade, em que, usando uma expressão popular, qualquer bicho careto que escreve um livro é membro dessa academia de letras – isto sem menosprezo para com os grandes nomes que estão citados para encabeçar a Academia de Letras de Trás-os-Montes – mas sabemos que uma academia dessas para vingar vai necessitar de dezenas ou centenas de pessoas, que serão valores quicá menores da literatura e, portanto, passaríamos a dar cobertura àquilo que não pretendemos.

Pretendemos uma academia de letras para todo o Portugal, uma academia que possa funcionar". Chrys Chrystello considera que as academias regionais, como a Academia de Letras de Trás-os-Montes, não servem a devida promoção da literatura.

O organizador dos colóquios da Lusofonia não quer a disseminação das academias regionais e defende uma só academia de letras para o País."

Em 2010, do encontro de 6 dias por terras de Bragança (27 de setembro a 2 de outubro) ressaltam-se a elevada qualidade científica das apresentações de mais de três dezenas de oradores e a presença das três Academias da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, Academia das Ciências de Lisboa e Academia Galega da Língua Portuguesa.

O Colóquio teve início simultâneo na Galiza e em Braga dia 25 de setembro.

Na Galiza teve lugar o IIº Seminário de Lexicologia da Academia Galega da Língua Portuguesa e em Braga teve início o Curso Breve de Açorianidades e Insularidades sob a direção da colega Rosário Girão e que representa o culminar de um projeto lançado pelos Colóquios há dois anos.

Posteriormente, o curso será ministrado em linha numa plataforma de e-learning. (detalhes na página www.lusofonias.net)

Após a sessão de abertura foi notada a ausência significativa de público local e a fraca adesão das instituições de ensino locais, tal como já acontecera em Bragança em anos anteriores.

Na sessão de encerramento já não havia praticamente ninguém presente quando se anunciou o vencedor do 4º Prémio Literário da Lusofonia que a CMB promove.

Muito proveitosa foi a Sessão de Esclarecimento que os Colóquios organizaram entre as 10 e as 13.30 horas de dia 29 setembro com a Escola Secundária Miguel Torga sob a direção da colega Cecília Falcão onde centenas de alunos e alguns professores se desdobraram em duas sessões para ouvirem falar os nossos patronos Evanildo Bechara e Malaca Casteleiro bem como a académica Concha Rousia da AGLP, sobre o Acordo Ortográfico 1990, e onde falaram igualmente os escritores convidados Anabela Mimoso e Vasco Pereira da Costa e o Presidente dos Colóquios da Lusofonia.

No final, fomos agraciados com a medalha comemorativa do centenário de Miguel Torga e um livro alusivo ao mesmo.

O nosso obrigado à incansável Cecília Falcão promotora desta iniciativa dos Colóquios.

Outra sessão que mereceu realce foi a Sessão de Poesia dia 30 onde Concha Rousia e Chrys Chrystello declamaram uma dúzia de poemas a que o poeta Vasco Pereira da Costa se associou.

A sessão começou com uma vídeo homenagem ao autor e a declamação ao vivo do seu poema Ode ao Boeing 747, lida em 11 das 14 línguas para que foi traduzido pelos Colóquios (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhana, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo).

A sessão dedicada ao Acordo Ortográfico de 1990, sempre interessante pela convicção dos nossos patronos Evanildo Bechara e Malaca Casteleiro, foi igualmente notável pela revelação feita por Rolf Kemmler de que o Acordo está total e finalmente em vigor em Portugal desde setembro passado de acordo com o Aviso nº 225/2010 do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, publicado no Diário da República, 1ª série, nº 182 de 17 de setembro de 2010.

Lamenta-se que a comunicação social e a sociedade em geral não tenham sido avisadas desta importante marca.

Outra sessão deveras interessante e de animado debate foi a dedicada à Literatura e Açorianidade, Homenagem contra o esquecimento a Vasco Pereira da Costa, Cristóvão de Aguiar, Dias de Melo e Daniel de Sá.

Saliente-se que a cobertura jornalística, na abertura e fecho e durante as sessões, foi das maiores de todos os nove colóquios em Bragança pois além da RTP também a SIC esteve presente, bem como os jornais e rádios locais que entrevistaram inúmeras personalidades presentes e deram destaque à presença de representantes de Macau e de Malaca.

Na sessão de conclusões se deu conta de que o XV Colóquio marcado para Macau (Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) da República Popular da China (RPC) entre 18 e 22 de abril de 2011 visa conseguir uma forte componente local com a presença de tradutores chineses e autores locais a que se juntará uma comitiva de quinze pessoas já aprovadas pelo IPM (Instituto Politécnico de Macau).

Dado que o IPM decidiu apoiar a estadia e alimentação dos oradores a data da primeira fase de aceitação de oradores que possam beneficiar deste apoio é dia 31 de outubro, desde que aprovados pelos Colóquios da Lusofonia.

Foi igualmente dado conta de existirem pedidos de realização dos Colóquios na Galiza, Guarda (Portugal), Santa Maria (Açores), Timor-Leste, Madeira e Cabo Verde.

Tais pedidos serão analisados e engoiados na certeza de ser possível realizar apenas dois colóquios em cada ano.

Parecem bem encaminhadas as negociações resultantes do repto que os Colóquios da Lusofonia lançaram à Academia Brasileira de Letras e a todas as outras entidades para apoiarem a imediata inclusão da ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA com o estatuto de observador na CPLP.

A colega Professora Edma Satar (Universidade de Lisboa) coordenadora do Projeto "Lexicopédia" ou Diciopédia Contrastiva da Língua Portuguesa, deu conta dos progressos da mesma, agora numa nova plataforma aberta ao público em geral e englobando terminologia de vários países e regiões.

Foi feita uma demonstração das funcionalidades da mesma e solicitado a todos que ainda não fazem parte do grupo de investigadores deste projeto que enviem os termos das suas pesquisas diretamente para EDMASATAR e LUCIANO PEREIRA.

Foi igualmente anunciado que os primeiros seis números dos CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS já se encontram disponíveis nas páginas dos colóquios com excertos de obras de Daniel de Sá, Cristóvão de Aguiar, Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Álamo de Oliveira e Caetano Valadão Serpa.

Estes cadernos servem não apenas de iniciação para aqueles que querem ler autores açorianos, mas também de suporte ao curso AÇORIANIDADES E INSULARIDADES a ministrar na Universidade do Minho, coordenado pela colega Professora Doutora Rosário Girão dos Santos. (Ver <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>)

A obra de escritores açorianos, CRISTÓVÃO DE AGUIAR, DIAS DE MELO, DANIEL DE SÁ, E VASCO PEREIRA DA COSTA, entre outros, está a ser estudada em mestrados e doutoramentos na Universidade de Constança (Constanz), na Roménia, e no Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos da Faculdade de Novas Filologias da Universidade de Varsóvia, na Polónia, havendo já parcerias com tradutores colaboradores dos colóquios para a tradução da obra "O Passageiro em Transito de Cristóvão de Aguiar" ser traduzido em ITALIANO, FRANCÊS, ROMENO, POLACO, RUSSO, E BÚLGARO (e possivelmente Esloveno).

Espera-se que este trabalho esteja concluído dentro de dois anos, seguindo-se a tradução de Daniel de Sá (O Homem que queria ser Deus) e da poética de VASCO PEREIRA DA COSTA. Estas traduções serão, posteriormente, editadas naquelas línguas com o apoio do INSTITUTO CAMÕES (Portugal).

A Professora Ana Paula Andrade Constância, Pianista Residente dos COLÓQUIOS deu conta do estabelecimento de contactos com o IPM para que os concertos em Macau sejam feitos em parceria com orquestras locais.

O editor Francisco Madruga da Editora calendário de Letras sugeriu que atempadamente fosse notificado dos autores debatidos pelos oradores a fim de poder disponibilizar uma pequena mostra da obra de tais autores citados nos colóquios.

Malaca Casteleiro sugeriu no XIII Colóquio no Brasil em abril de 2010 que em cooperação com a Academia Brasileira de Letras, Academia Galega da Língua Portuguesa, Universidades, Politécnicos e outras instituições se valorizem as publicações de trabalhos das Atas/Anais, fazendo-se uma Antologia em edição conjunta para diversos países e regiões em formato de papel, seleccionadas por um júri científico a nomear.

A seleção foi feita e aguarda-se um orçamento que irá ser enviado a todas as entidades a fim de saber como podem financiar esta edição que se espera serem satisfeitas através das suas parcerias com Universidades, Institutos Politécnicos e Academias.

Vai tentar-se levar a Macau com o apoio da DRC (Direção Regional das Comunidades) a jovem soprano Raquel Machado que teve uma notável demonstração dos seus dotes vocais no concerto que deu na sessão de abertura com Ana Paula Andrade.

Iremos igualmente tentar apoio para levar a Macau, entre outros, o escritor Anthony de Sá e o pesquisador José Carlos Teixeira.

O projeto do Museu da Lusofonia em Bragança <http://coloquios.lusofonias.net/projetos%20aicl/MUSEU%20BRAGANCA.htm> parece definitivamente descartado pela autarquia que não respondeu a nenhuma das nossas solicitações, desde outubro de 2009, sobre o cronograma e modelo a seguir pelos Colóquios da Lusofonia na sua criação.

Idêntico projeto para os Açores não será viável a breve trecho segundo a informação dada pelo Governo Regional dos Açores aos Colóquios.

O IV Prémio Literário da Lusofonia (instituído em 2007 pela Câmara Municipal de Bragança) foi atribuído ao pseudónimo ARIANA SOUZA pelo conto SINESTESIAS.

Foi DECIDIDO que os Colóquios se convertam, a breve trecho, em uma Associação sem fins lucrativos a fim de poderem concretizar mais parcerias e patrocínios.

BRAGANÇA 2 DE OUTUBRO DE 2010. CHRYS CHRISTELLO.

CRÓNICA 86 - A DEMOCRACIA QUE TEMOS -14 OUTUBRO 2010

Ando há muito para escrever o que penso, sem temor de ser levado pouco seriamente, ou levemente, pelos pensamentos negativistas que me preenchem. Continuo a ver similitudes - demasiadas - entre a atual situação europeia e a que precedeu duas guerras mundiais. Desta vez, quem está por detrás desta crise global é a banca, que, incansável, na sua sede de lucros a todo o custo, conduziu à atual situação de crise mundial. Ainda não entenderam os neoliberais que isto de fazer lucro a qualquer custo tem o seu preço. Longe vão os dias em que os lucros eram reinvestidos em ações produtivas de maior riqueza, agora limitam-se a servir de moeda de troca em vis especulações que nada acrescentam à riqueza e à economia de cada país. Acabei de ver na TV um dos banqueiros portugueses dizer que os líderes partidários teriam de mostrar a sua verdadeira dimensão de líderes e aprovarem o novo orçamento português se quisessem ter a dimensão que ambicionam. Claro está que o homem disse isto com o ar mais sério do mundo, sem constrangimentos, como se não estivesse a pressionar um entendimento entre os dois maiores partidos para aprovarem um orçamento que corta tudo aos pobres e classe média, deixando incólumes os restantes. Interrogo-me, numa de populismo fácil, porque o

entrevistador não perguntou ao banqueiro "Se está tão interessado em salvar Portugal porque é que a Banca não paga de IRC o que as pessoas pagam de IRS, ou seja, em vez de 3% passavam a pagar 30%...de imposto."

Todos falam em reduzir salários aos que ganham pouco ou mal, o que obviamente vai reduzir o consumo e ter uma influência deflacionista na economia que se vai contrair e receber menos de impostos.

Poucos falam em reduzir o número de deputados, de câmaras municipais, de juntas de freguesia, de conselheiros e assessores, de motoristas do estado e de outras mordomias inoportáveis que urgia terminar se o país está tão mal como nos fazem crer.

Eu, que até já fui estudante de economia, faria isso como medida de salvação nacional, cortar aos ricos para dar aos pobres, sem ser Robin Hood, acabando com a acumulação de reformas, com as reformas douradas, privilégios vitalícios de ex-governantes e de ex-políticos e essas poupanças iriam drasticamente reduzir o défice nacional.

Mas claro está que nada disso vai acontecer, e nada acontecerá se o país falir como a Islândia ou a Grécia.

Por outro lado, as massas só aguentam a opressão até um determinado ponto antes de explodirem, sempre foi assim, com ditaduras de anos, décadas ou séculos.

Mas para tal precisam de elites capazes, ora aí está o que eu chamo de busílis, pois não as encontro em Portugal, capazes de movimentarem estas novas massas famintas e despossuídas que aqui pululam.

Houve-as fermentando antes da primeira república e antes do 25 de abril, mas agora não se conhecem muitos rostos capazes com honrosas exceções. Sem eles, as massas não saberiam o que fazer quando saíssem à rua e o seu esforço seria inútil.

Em França, há mais massa cinzenta capaz de mobilizar as maníes de rua, mas no resto da Europa parecem todas uma massa amorfa e desinteressada, incapaz de se movimentar revolucionariamente...ainda se fosse pelo futebol!

Claro que se pensam que isto muda sem uma revolução, desenganam-se, isto precisa de multidões na rua, capazes de apearem os líderes de barro que governam esta Europa e cujo passado nos faz temer o pior.

Temos um Durão Barroso na Presidência da UE, um homem que nem primeiro-ministro conseguiu ser no seu país.

Temos como vice-presidente do Banco Europeu, um homem que, à frente do Banco de Portugal, deixou que os maiores desvarios e falências de bancos acontecessem sem se dar conta deles.

Temos outro ex-primeiro-ministro que fugiu e foi dar migalhas aos refugiados do mundo.

São eles a face visível desta Europa desvairada em que vivemos.

Como lia, há dias, na internet o que seria preciso, entre outras coisas, era:

Acabar com as pensões vitalícias e restantes mordomias de todos os ex-presidentes da República (os senhores foram PR, receberam os seus salários pelo serviço prestado à Pátria, não têm de ter benesses por esse facto, tal como as não recebem as sociais democracias do norte da Europa);

Acabar com as pensões vitalícias e / ou pensões em vigor dos primeiros-ministros, ministros, deputados e outros quadros (os Srs. deputados receberam o seu ordenado aquando da sua atividade como deputado, não têm nada que ter pensões vitalícias nem serem reformados ao fim de 12 anos; quando muito recebem uma percentagem na reforma, mas aos 65 anos de idade como os restantes portugueses - veja-se o caso do Sr. António Seguro que na casa dos 40 anos de idade já tem direito a reforma da Assembleia da República);

Reduzir o nº de deputados (para 50 ou menos, 18 um por cada uma das antigas províncias);

Reduzir o nº de ministérios e secretarias de estado, institutos e outras entidades criadas artificialmente, algumas desnecessárias e muitas vezes até redundantes, apenas para dar emprego aos "boys";

Acabar com as mordomias na Assembleia da República e no Governo, e ao invés de andarem em carros de luxo, andarem em transportes públicos, como nos países ricos do norte da Europa (no dia em que se anunciou o aumento dos impostos por falta de dinheiro, o Estado adquiriu uma viatura na



ordem dos 140 mil euros para os VIP que nos visitarão);

Acabar com os subsídios de reintegração social atribuídos aos vereadores, aos presidentes de Câmara, e outras entidades (multiplique-se o número de vereadores existentes pelo número de municípios e veja-se a enormidade e imoralidade que por aí grassa);

Acabar com as reformas múltiplas, sendo que um cidadão só poderá ter uma única reforma (ao invés de duas e três, como muitos têm);

Criar um teto para as reformas do setor público, sendo que nenhuma poderá ser maior que a do PR;

Acabar com o sigilo bancário;

Criar um quadro da administração do Estado, de modo a que quando um governo mude, não mudem centenas de lugares na administração do Estado;

Depois da ressaca das novas medidas de austeridade que vêm aí, os nossos governantes pedem poupança e contenção e que façamos mais uma vez sacrifícios.

Nem deixaram assentar a poeira pois adquirem, de rajada, uma viatura para convidados do Estado. Um Mercedes S450 CDI no valor de 140.876 euros.

A explicação dada, atribuía ao elevado custo de manutenção da anterior viatura e obrigações protocolares.

Um cidadão normal que tenha um carro antigo e a precisar de uma revisão geral o que faz? Não brinquem connosco.

Se não temos dinheiro e estamos em restrições alugue-se um carro por uns dias ou compre-se um carro híbrido e mais em conta.

Receber com dignidade não é o mesmo que suntuosidade. É uma vergonha!

Depois queixem-se, o povo - «o povo é sereho» - tem de acordar para isto e muito mais.

Esta notícia veio a lume, mas haverá outras peripécias que não se sabem.

Definitivamente o exemplo não vem de cima e assim não vamos lá.

O Presidente da República deveria inviabilizar esta compra.

Devido à cimeira da NATO compramos carros, e por outro lado são estes senhores europeus que nos mandam apertar o cinto.

Um verdadeiro paradoxo...

Não seria vergonha nenhuma pedir um carro emprestado à Europa para as nossas obrigações protocolares.

Que dirá a maioria dos portugueses que gostariam de trocar de carro e não têm possibilidades para isso?

Muito obrigado por aumentarem as taxas sobre os nossos carros velhos e poluentes, mas não temos dinheiro para um mais económico e menos poluente.

Não há dinheiro não há gastos.

Este episódio mostra a nossa cultura permissiva - «quanto mais me bates mais gosto de ti»

Como escrevia o diretor do semanário (de que não gosto, mas neste caso, concordo)" Sol" 5 de outubro, 2010 SOL, José António Saraiva

Os republicanos não faziam a menor ideia do que era governar, criando todas as condições para o aparecimento de um Messias.

As comemorações do primeiro centenário da República, em que esta é apresentada como a salvação de um país envolto no mais negro obscurantismo, criarão nos espíritos menos avisados a ideia de que I República foi um mar de rosas.

Ora não pode haver ideia mais enganadora.

O regime republicano, em lugar de salvar Portugal, mergulhou-o numa crise profundíssima, criando todas as condições para o aparecimento de um Messias.

Os republicanos e os seus sucessores detestam Salazar.

Ora Salazar não surgiu do nada. A subida de Salazar ao poder e o seu longuíssimo consulado explicam-se pelo estado desgraçado e caótico em que a I República deixou o país.

Do ponto de vista económico, do ponto de vista financeiro, do ponto de vista da ordem pública, do ponto de vista do prestígio do Estado, em suma, de quase todos os pontos de vista, a República foi uma autêntica calamidade.

Começamos por um tema pouco abordado, até por ser incómodo: a violência.

A partir de meados do século XIX, a violência parecia definitivamente afastada da vida política portuguesa. Depois das desgraças da guerra civil e dos tumultos militares da primeira metade do século, Portugal parecia ter entrado na rota da acalmia e do progresso.

Mas a República, de mãos dadas com a Maçonaria e a Carbonária, trouxe a violência de volta. A coisa começou em 1908, com o assassinio do Rei e do príncipe herdeiro.

O 5 de outubro nem foi violento - e a Monarquia caiu quase sem sangue. Mas a partir de 1915 é que foram elas.

Nesse ano deu-se a revolta que depôs Pimenta de Castro e fez mais de 100 mortos, depois foi o atentado contra o chefe do Governo João Chagas, os assaltos aos estabelecimentos em maio de 1917 que provocaram mais de 50 vítimas, a Leva da Morte, o assassinio de Sidónio Pais, a Noite Sangrenta com as suas rondas da morte e o massacre de alguns fundadores da República desiludidos com o regime como António Granjo, Machado Santos e Carlos da Maia - isto sem contar com um sem-número de revoltas que provocaram mortos e feridos e em certos períodos atingiram um ritmo semanal.

Como ponto alto deste período marcado pela violência civil e militar, temos a famosa carnificina da Flandres, que custou ao país 15 mil mortos de jovens na flor da idade, mandados para a frente de combate pelo fervor ideológico de Afonso Costa e seus companheiros. Perante este quadro negro, o

movimento militar de 28 de maio e a ocupação do poder pela tropa, e sobretudo a subida de Oliveira Salazar à chefia do Governo, seis anos depois, foram recebidos com um suspiro geral de alívio. Finalmente o país tinha paz! A República fundou-se em duas ideias, ambas erradas: que as causas do atraso de Portugal estavam, em primeiro lugar, na existência de uma Monarquia, e em segundo lugar na influência da Igreja Católica. Ora, a existência de uma Monarquia não impedia o progresso, provava-o o facto de países avançados como a Inglaterra, a Bélgica ou a Holanda não precisarem de depor a Coroa para se desenvolverem.

Mas os republicanos só tinham olhos para França e acreditavam piamente que Portugal era atrasado porque tinha um Rei - o qual protegia os padres, que tinham uma influência nefasta sobre o povo.

Assim, a primeira coisa que os republicanos fizeram, depois de deporem a Monarquia, foi perseguir a Igreja, confiscar-lhe os bens, acabar com o ensino religioso e, de uma forma geral, afastar a Igreja Católica da área do poder e influência.

Só que, depois de terem feito tudo isso, os republicanos concluíram com angústia que o país não se desenvolvia, pelo contrário, definhava.

Ou seja, verificaram que o país não era atrasado por causa do Rei e dos padres, mas por outras razões.

A República fez com que Portugal se tornasse mais pobre porque o clima de instabilidade política e de violência assustou os industriais e os banqueiros, travando os investimentos e dizimando os poucos embriões de um Portugal moderno que existiam no princípio do século XX.

Na segunda metade do século anterior o país tinha conhecido efetivamente um certo desenvolvimento, tendo surgido um grupo de industriais e banqueiros com espírito capitalista - Alfredo da Silva, Burnay, Sottomayor, etc. - que prenunciava a entrada de Portugal nos tempos modernos.

Ora estes embriões de um país desenvolvido foram dizimados no tempo da I República, levando o país a andar para trás.

Perante um quadro tão negro, Salazar, quando subiu ao poder, tinha tudo para vencer.

Bastava-lhe fazer exatamente o contrário do que fizera a República, ou seja: restabelecer a ordem pública e a autoridade do Governo, equilibrar o Orçamento, normalizar as relações com a Igreja.

Salazar só não restaurou a Monarquia porque, embora sendo monárquico, viu que isso não era decisivo e ia criar uma polémica desnecessária.

Além disso, Salazar percebeu que, à falta de uma classe empresarial, tinha de concentrar no Estado o desenvolvimento do país.

Finalmente, substituiu o internacionalismo republicano, assente em ideias importadas de fora, por um nacionalismo intransigente.

Com estas ideias e uma grande eficácia na ação, Oliveira Salazar teve logo de início um apoio popular enorme. O que se percebe.

No próprio ano em que assumiu a pasta das Finanças (1928) equilibrou as contas públicas e recusou um empréstimo da Sociedade das Nações, considerando as condições humilhantes para Portugal.

Por isso foi designado o mago das Finanças. E rapidamente restabeleceu a ordem pública, tornando Portugal de facto um país de brandos costumes.

É certo que o fez à custa de uma Polícia política execrável, da proibição dos partidos, da censura à imprensa e do mais que sabemos!

Mas, para termos uma ideia comparativa, durante o período que durou o Estado Novo foram mortos ou morreram na prisão 50 militantes do PCP (o partido mais fustigado pela PIDE).

Isto, note-se, em 48 anos. Ora este número de mortos era frequentemente alcançado numa só noite, nas constantes revoltas que marcaram o tempo da I República.

O prestígio de Salazar ainda aumentaria quando, no princípio dos anos 40, evitou a entrada de Portugal na II Grande Guerra. Aí, tornou-se um Santo.

Mais uma vez, fez o contrário do que tinham feito os republicanos: onde estes tinham mandado os soldados para a Flandres, mal equipados e mais mal-armados, para servirem de carne para canhão, ele seguiu o caminho oposto - e não só optou pela neutralidade como convenceu o vizinho Franco a fazer o mesmo.

Em plena guerra na Europa ainda arranjou forças para organizar em Lisboa a grande Exposição do Mundo Português (1940).

Da fugaz I República ficaram, pois, quase exclusivamente, as boas intenções. A intenção de educar o povo, de proteger o povo, de contar com o povo.

Mas esse mesmo povo abandonou a República no primeiro momento, talvez pensando que de boas intenções está o Inferno cheio.

Isto também explica que a República tenha durado uns escassos 16 anos, enquanto o período seguinte (1926-74, dominado por Salazar entre 1928 e 1968) durou uns longos 48 anos, ou seja, três vezes mais.

Tudo somado, pode dizer-se que a I República não deixou saudades.

E se hoje se comemora com tanto fervor é mais por razões ideológicas - e porque no poder está o partido que herdou a tradição republicana, o Partido Socialista - do que pelas virtudes que mostrou.

Ora bem, como já me aconteceu na Austrália nos anos 90 em que não me via representado pelos Trabalhistas de Bob Hawke, o equivalente socialista lá do sítio, também aqui não me vejo representado pelo Sócrates, e gostando do poeta Manuel Alegre não quero o político Manuel Alegre na liderança.

Não antevejo que saiam grandes líderes da segunda linha dos dois principais partidos portugueses, capazes de revolucionar o país, as gentes e as mentes, se é que tal propósito pudesse estar nos seus desígnios. Andam todos demasiado ocupados a preservar direitos e mordomias. Há muito que, na Europa e no resto do mundo, desapareceu a última réstia de ética. Esta a democracia que temos e com a qual temos de viver (não nos esqueçamos de que Adolfo Hitler também foi eleito pela maioria do seu país).

Há ditaduras que duram imenso, Salazar e o seu regime duraram 48 anos, na Coreia já lá andam desde meados da década de 1950, na Rússia foi desde 1917 até final do século passado, em Cuba ainda lá andam os manos Castro, em África existem inúmeros exemplos de longevidade ditatorial e na Ásia também. Agora, no mundo ocidental temos uma ditadura democrática imposta pelos homens da Banca. E que faço eu? Em vez de escrever manifestos, como este e outros, contemplo a beleza da língua e cultura dos meus antepassados e limito-me a tentar que ela perdure através dos colóquios da lusofonia...

CRÓNICA 87. I HAD A DREAM II. O SILÊNCIO DOS BONS. DO DEGELO A MAIAKOVSKI, DE 26 OUTUBRO 2010

(TRABALHO DESENVOLVIDO SOBRE A CRÓNICA 37)

87.1. OS FILHOS

"O que mais preocupa não é nem o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, dos sem-caráter, dos sem-ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons" Martin Luther King

Deputados, administradores de bancos e empresas públicas com reformas chorudas e corrupção. Lucros exorbitantes nos bancos e empresas com administradores ex-ministros, ex-deputados, ex-qualquer coisa recebendo dividendos desmedidos.

"... O que podes fazer pelo teu país?" perguntou J. F. Kennedy.

Os professores escolhidos para bode expiatório com carreiras congeladas. Os alunos, sem estudarem, passam para não estragarem as estatísticas em Bruxelas e para a ministra fazer um brilharete. Pena é que só seja um fogacho de curta duração que os vindouros lamentarão. Querem-se políticos a pensarem no país, a congelarem uns 150 deputados inúteis, a desburocratazarem, a pensarem no progresso da Nação sem betão nem alcatrão. Queremo-los num hospital, repartição, tribunal, transportes públicos coletivos, a tirarem o seu número na fila sem privilégios nem mordomias, sem um médico de família, como milhões de portugueses.

Devaneei que o país tinha deixado de ser Lisboa. Idealizei aldeias, crianças em escolas reativadas, campos cultivados e os mais idosos a usufruírem de boas reformas. Não podia continuar silente. Tinha de erguer o meu grito de revolta porque aquilo que todos ouvimos é apenas o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, dos sem-caráter, dos sem-ética. Ando há meses a matutar neste tema.

Nos Açores, no princípio do ano (2006), nada havia de relevo nacional ou mundial a assinalar, a não ser a repetição de tradições. Era o dia dos amigos, seguido uma semana depois pelo das amigas, agora deturpado das origens. Uma mera desculpa para umas jantaradas com sessões de striptease masculino ou feminino, conforme a audiência.

Entretanto, começavam na quarta-feira de cinzas as habituais romagens (como aqui se chama às peregrinações) que durante as semanas seguintes iriam encher as estreitas estradas com o seu colorido e os seus cânticos noutra manifestação de fé ancestral, também esta mesclada de paganismo religioso.

O que se passa, de facto (mas como é invisível não é comentado), é a perda irreparável dos laços tradicionais entre pais e filhos, muitas vezes apenas mantida através da "compra" da sua presença por viagens e estadias.

Tinha observado o fenómeno não só no seio da família alargada, mas em famílias que me rodeavam e em todas se verificava idêntico fenómeno.

Lembrava-me de, durante as mais de duas décadas e meia em que estive expatriado, sempre ter tido o cuidado de voltar de férias a Portugal para ver pais e filhos.

Ainda hoje lamurio que com os gastos dessas viagens não tivesse aproveitado para viajar mais pelo Pacífico, ir à Nova Zelândia, Fiji, Nova Caledónia, Filipinas, Vanuatu e outras ilhas.

Não é que tivesse saudades, pois essas perdera-as pelos 23 ou 24 anos.

Cria piamente que tinha a obrigação de vir a Portugal ver os de cá, já que, os de cá jamais iriam lá...por mais bilhetes de avião que lhes mandasse ou por mais súplicas que fizesse.

Lastimo-me por não ter ido a outras terras, mas vim para estar com a família, alargada a primos e descendentes.

Mantive sempre este vínculo a um passado mítico. Só muito mais tarde viria a desmistificar.

Os filhos gémeos, mais velhos, foram crescendo a milhas. O contacto era mais assíduo enquanto estavam todos longe. A partir do momento em que passei a residir no país, esse convívio foi-se esvanecendo.

Por mais tentativas que fizesse, nunca consegui repô-lo ao nível da distância. Acabei por me acomodar.

Aceitei a opção deles, que nunca a minha.

Tudo mudara ao radicar-me, em 1996, definitivamente neste cantinho à beira-mar prantado. Foi como se uma barreira, até aí inexistente, se erguesse. Como pai, pretensamente almejado, porque longínquo, passei a ser indesejado.

Talvez, penso ingenuamente, por ter deixado de ser o pai "rico" dos presentes...Estando aqui, ao pé, podia querer intrometer-me na vida deles. Nunca o fizera.

Não eram esses os desígnios, nem esboçara tenção de o fazer.

Enquanto o benjamim Johnny Boy crescia (e já ia nos dez anos), a filha estava na Austrália (já há anos sem vir, depois duma série de visitas dos 8 aos 13 anos).

Qual não fora o espanto quando (fevereiro 2006), me comunica que decidira juntar dinheiro para vir ver o pai e demais família ...

Assim o fez e muita alegria dera.

Pouco antes (dezembro 2005), voamos pelo Atlântico mar para passar o Natal com a octogenária mãe. Era sempre eu quem fazia os esforços de deslocação, pois reconhecia (se bem que começasse a ter sérias dúvidas) que os filhos tinham esse dever. Até então, esperava que os seus e os dela fizessem o mesmo. Não tivera essa sorte.

O primo de Ponta Delgada tem duas filhas expatriadas, em Lisboa e em Angola. Regularmente vêm visitá-lo (quando não são eles a irem lá). O segredo: apostou nos incentivos económicos à vinda delas. Outro casal tem filhos únicos aqui noutras ilhas. São eles que cá vêm. A alternativa era enviarem bilhetes de avião para os filhos os visitarem.

Discordo.

Já decidi que, a partir de agora, quem vier cá virá à sua custa, sem subsídios. Então não apregoo que faço os colóquios sem subsídios?

Estive [e estava ainda] sempre disposto a fazer tudo o que fosse preciso pelos pais. Sonhara durante anos que isso se repercutiria. Já não tenho ilusões. A relação não era biunívoca, as gerações não eram estanques.

Que se passou, entretanto no país e no mundo?

Erramos na educação dada aos filhos?

Não lhes inculcamos valores pelos quais nos guiamos durante a vida?

Não soubemos transmitir esses laços?

Algo de errado devemos ter feito.

Ou será apenas a sociedade que já nada tem a ver com a nossa.

O casamento deixou de ser uma meta. Os jovens agora amancebavam-se para ver se dá.

Para pagarem menos impostos. Se não der ou quando não der, é muito mais fácil e económico, cada um vai à sua vida.

Os filhos não programados vêm quando vêm.

Depois logo se vê. Entretanto, usufruem da vantagem de os pais serem à moda antiga.

Sempre vão colaborando com o que for preciso para terem a alegria de verem o/a/s neto/as... Havia, na sua infância, uma palavra para os definir: palanços....

Os filhos irão aprender à custa própria, como os pais fizeram e antes deles os avós e tantos outros.

Esta apenas é uma reacção ao envelhecimento e à evolução tecnológica brutal, que ocorre em volta, para a qual esta minha geração não estava preparada.

Como qualquer revolução, deixa uns mais preparados que outros para arrostar com provações e prosseguir.

Quando os filhos aprenderem as duras realidades do custo de vida é bem provável que telefonem aos pais a solicitar a comisseração.

Mais um pequeno subsídio para enfrentarem as dificuldades.

Estou profundamente céptico e negativista, nesta matéria, pois sei que a velhice (com ou sem subsídios) vai encontrar um grande silêncio por parte deles (filhos/as), incapazes de nos verem envelhecer como vira envelhecer e soubera aceitar graciosamente as mudanças que isso implicou nos seus pais.

A missão de pai já não é a mesma. Hoje para além de trabalhar e garantir o sustento da família, deve educar e orientar em vez de conduzir a vida dos filhos.

Por mais ocupado que possa estar, deve dispor de tempo que não tem para conversar e estar junto aos filhos. É um engano pensar que estes irão de alguma forma pensar automaticamente que os amamos pelo simples facto de amar.

É necessário um esforço constante e consciente para partilhar os verdadeiros sentimentos e pensamentos por meio de palavras, de uma maneira aberta e confortável. Principalmente, de atitudes e exemplos.

É preciso estar ciente que com o passar dos anos muitas coisas evoluíram e se transformaram, inclusive no que diz respeito à relação entre pais e filhos.

Não podemos agir como os nossos pais agiam no passado. Estamos em constante evolução e nada melhor que muito bom senso e muito amor para educar os nossos filhos, para manter um bom relacionamento.

Na Austrália havia 97% de coisas positivas, mas queixava-me dos 3% que abominava, pela inumanidade de tratamento dos pais pelos filhos. Ao vir para Portugal pensava encontrar aqui esses 3% que me tinham feito falta.

Enganara-me, ambos os países tinham sociedades similares de desprezo pela terceira idade.

Já sabia como desiludira os meus pais durante décadas.

Queriam de mim uma imagem outra, dum espelho em que eu não estava, e a que não pertencia. Nada disso pedia aos meus filhos.

Iria agora tentar concentrar-me no mais novo. Dar-lhe o mais que pudesse da sua geração, em termos de experiência e de conselhos úteis.

Beneficiara de ter vivido mais tempo com ele do que qualquer um dos outros. Para mim foi ótimo. Seria recíproco?

Quanto ao resto forçosamente iria fazer os mesmos telefonemas que fazia para a minha mãe, sem me lembrar de que raramente recebia um telefonema dos filhos. Se queria saber deles teria de tomar a iniciativa. Curiosamente, a sua mãe começava a estar aflita e a contar a toda a gente que se arrependia de ter obstado a deixar-me seguir a carreira das Letras e Humanidades que ele pretendia.

Sossegara-a, estava perdoada. Não fizera mal. Chegara, na mesma, ao seu destino. Tivera de fazer uns milhões de quilómetros de desvio, mas chegara. Já não recrimino os meus pais por não me terem deixado seguir Direito em Coimbra.

Escrevera direito por linhas tortas. Assim corriam as modas (fevereiro de 2007).

87.3. DO DEGELO A MAIAKOVSKI

Entretanto chegam as notícias do que vai pelo mundo e são cada vez mais animadoras para os pessimistas. No Ártico, o degelo dos glaciares e icebergues prossegue a ritmo galopante. Em menos de um século é provável que aquele continente gelado desapareça da mesma forma que os gelados de verão desaparecem: derretidos. Não é caso para alarme dizem uns, que comentam que mesmo que o planeta parasse instantaneamente as suas emissões de CO2 hoje, já nada conseguia parar o degelo e o aquecimento global desta pequena parcela de universo onde vivemos. Plenamente de acordo. Isto só prova o progresso da humanidade. Imparável como está, só terá retrocesso quando o homem deixar de existir à face da terra. Aliás que é que 250 mil anos de Homo sapiens deixaram de herança? A guerra, a fome, e tantas outras qualidades boas que seria cansativo enumerá-las.

Cumprir recapitular: quem continua errado sou eu e não o mundo. Já na Gronelândia e na Terra de Magalhães o degelo é visível e cada vez mais acentuado. Preocupados como andam todos com os cartunes islâmicos, com as ameaças de terrorismo, com a guerra do Iraque e outras coisas quejandas, só darão conta do aquecimento global quando a água chegar ao pescoço, ou seja, quando a costa portuguesa já permitir tomar banho de mar em Coimbra, Leiria ou Grândola....

Claro que este ponto de vista em nada afeta o meu otimismo. Não espero durar até aquela catástrofe acontecer. O melhor é ensinar o mais jovem filho a nadar. Nesta ilha só os lugares altos, como aquele onde vivemos, ficarão acima do nível das águas do mar...

Há problemas mais prementes: o aumento das taxas moderadoras da saúde é uma autêntica descoberta olímpica. Como toda a gente sabe os pobres não são afetados, apenas os ricos que vão deixar de frequentar clínicas privadas. A partir de agora vão optar por esperar umas tantas horas em espaços insalubres, sem cadeiras nem outras condições, a verem um qualquer funcionário público da saúde, horas a fio, a carimbar guias, enquanto um qualquer médico, esforçado e abnegado, não tem disponibilidade para ver de que se queixam os pacientes que às dezenas tem de atender. Não há nada que uma aspirina e outra qualquer receita antiviral não resolva numa manhã ou tarde bem passada num qualquer centro de saúde português. Ninguém contabilizou a produtividade perdida, as horas de espera inútil em que o país não produz pois tudo anda de espera em espera, do hospital ao centro de saúde...

Na véspera tinha ficado todo o pequeno país imensamente satisfeito com a ida do primeiro-ministro, José Pinto de Sousa, o Sócrates pequeno, à Finlândia para copiar aquele modelo de sucesso nórdico. Não havia muito tempo, outro colega de nome Barroso, el Durão, quis copiar a Irlanda. Estas sim são medidas acertadas. Em vez de nomearem comissões para estudarem o problema e apresentarem sugestões, agora vai-se a um qualquer país que funcione bem.

Depois na fotocopiadora reproduz-se o sistema deles, mesmo que os homens e mulheres não sejam nem altos, nem louros nem tenham olhos azuis, nem bebam cerveja preta. Pode usar-se uma artimanha e colocar implantes oculares, tipo lentes de contacto, com aquela cor. Como já quase todo o mundo pinta o cabelo, bastava generalizar o uso desse tom.

Por que é que isto não foi pensado nem feito antes? Tinham-se poupado milhões de euros em estudos e em comissões que nunca epilgaram nem propuseram nada digno de ser aplicado. Deve ser por isso que o país se atrasou tanto. Mas com tanto betão a mexer-se para os lados do novo aeroporto e com a velocidade supersónica do TGV, ninguém se apercebeu de que os últimos exemplares do comboio Foguete (dos anos 50 e 60) estão a apodrecer em Elvas pois não há dinheiro para os recuperar. Todas as linhas de caminho-de-ferro para o interior vão desaparecendo, seguindo a lógica racional e pragmática de que os velhos não contam nem votam.

Todas as linhas de caminho-de-ferro para o interior vão desaparecendo, seguindo a lógica racional e pragmática de que os velhos não contam nem votam. Ótimo era acabar com todos os serviços no interior para que toda a sua população possa desfrutar do ótimo clima à beira-mar plantado. Mudam-se, de vez, para a costa. Mesmo que desapareça em breve.

Nos últimos anos, a Europa já ensinara que a agricultura portuguesa não dava nada e o melhor era importar tudo de Espanha onde fazem a agricultura a sério. Como extinguem escolas, maternidades e outros serviços no interior, fica mais barato transmutar todos para a cidade. Terão um bom nível económico e uma qualidade de vida superior à que teriam se continuassem a viver em casas de pedra sem condições, para onde a energia elétrica custa milhares a ser transportada, mais as linhas de telefone fixo, mais o saneamento e o abastecimento de água. Tudo isto já existe nas cidades e no litoral. Entende-se a pertinência desta lógica.

Anda o Estado a gastar dinheiro, a construir estradas e autoestradas, pontes, viadutos e túneis para o interior, de custosa manutenção, quando se sabe que lá não vive ninguém (ou quase). Vai-se a qualquer aldeia e são só meia dúzia de velhos. Já começaram a transferir as crianças para as cidades, logo na escola primária. Basta fazer o mesmo aos velhos. Depois de verem o progresso urbano nunca mais querem regressar para o atraso e provincianismo das aldeias.

Há uma óbvia vantagem neste esquema. As aldeias parecem agradar aos turistas que começam a ir mais regularmente conhecê-las, desviando-se da rota universal do Algarve, essa floresta de betão implantado em tudo o que era praia ou nesga de areia. Assim, o mais lógico trazer os velhos para a cidade, pois, entretanto, morrem. Depois, nas terras deles, poderão plantar-se uns campos de golfe. Como sabem, este desporto é praticado por milhões de aficionados portugueses. Sempre dá mais dinheiro do que plantar batatas, dado haver um excesso de produção da variedade portuguesa da semilha.

A Europa decidira o mesmo quanto à pesca portuguesa, que tão boa fama tivera em tempos saudosos. O melhor era aboli-la para que ficasse mais barato aos espanhóis virem cá pescar, levar e tratar o peixe na terra deles. Depois, voltavam para o colocar no mercado mais barato do que se tivesse sido pescado em Portugal por portugueses, tratado em lotas portuguesas e vendido por varinas portuguesas.

Intrigado, pergunto-me porque é que isto não foi pensado há mais tempo? Teriam evitado todo este atraso, que como devem saber, é causado pelos fundos estruturais que ao longo de décadas se canalizaram para o interior profundo do país. Romanticamente, tentou-se manter uma agricultura de subsistência sem rentabilidade à custa do sacrifício dos pobres agricultores iletrados.

Dada a sua falta de aproveitamento em programas de qualificação profissional e pessoal, como o “Novas Oportunidades” tiveram de fazer inúmeros sacrifícios como levantarem-se pelas 5 da manhã e trabalharem até ao pôr-do-sol, para receberem uns tostões pelos legumes que os hipermercados vendem por euros. Toda a gente já sabia que se esses agricultores vivessem na cidade não precisavam de se esforçar tanto. Não vale a pena cultivar uma couve-galega na varanda ou na “marquise” para fazer um caldo verde. Além do mais era proibido. Jamais teria a aprovação da ASAE, essa polícia todo-poderosa, onisciente e onnipresente que ora dita o que cada um pode e deve comer. Já lhe chamavam a PIDE do nosso descontentamento.

Se bem que houvesse muita coisa a precisar de ser vigiada e controlada, passou-se dos oito aos oitenta numa manifestação de excesso de zelo tão típica da costa atlântica. Depois, como é sabido em sociedades evoluídas, a matança caseira do porco e doutros animais está condenada por todas as organizações ambientalistas por se tratar duma prática ancestral aberrante. Além disso, fere de morte a suscetibilidade e sensibilidade do animal, pois este deve ser morto nos matadouros devidamente licenciados para o fazerem nos moldes higiénicos e salutareis propugnados pela União Europeia.

O campo é bonito é para se passear nas férias e levar lá os putos (como quem os levava dantes ao zoológico) para verem como se vivia antigamente, coisa que eles decerto nem vão acreditar. A única diferença é que este zoo já não teria bípedes em exposição por detrás das grades, mas reproduções e filmes deles no seu habitat natural. Sempre se aproveitava para manter a tradição viva e ensinava-se a história dos antepassados.

Este método de ensino é mais económico. Mais proveitoso que ir a um museu, que, como sabem, fecha nas férias, feriados, dias santos e ao fim de semana. Se os turistas querem ir aos museus portugueses é meramente para cobiçar o que

lá existe. Quiçá, para tentar roubar umas peças sagradas para contrabandear para as terras deles, que nada têm de valor, comparado ao que existe em Portugal...

Era com este tipo de humor sardônico e cáustico que enfrentava diariamente este mundo alienígena. Essa boa disposição fazia aflorar-me uma espécie de sorriso que raramente mostrava, fosse a quem quer que fosse. O fâcies era sisudo, como fora a de meu pai, resguardado no silêncio e na aparente antipatia para se proteger dos que o rodeavam.

87.4. UM TEMPO ANTIGO E O POLITICAMENTE CORRETO

Vivo num mundo diferente e não me espanto de blogues que se limitam a recordar:

UM TEMPO EM QUE:

Havia liberdade de andar nas ruas às tantas sem ser assaltado,
Havia segurança de emprego e desenvolvimento económico sem esmolas,
Se podia dar e receber boleia sem ser assaltado,
Os que viviam no ventre materno e os idosos, eram respeitados,
Não se era torturado permanentemente e de todas as formas por publicidade falaciosa,
Se podia confiar nos outros e havia PALAVRA,
Não havia carjacking nas ruas ou bullying nas escolas,
As pessoas preocupavam-se mais com o ser do que com o ter,
As crianças eram respeitadas nas escolas sem lavagens ao cérebro ou violadas na sua natural sensibilidade,
Havia políticos ao serviço da Nação e não ao serviço dos seus bolsos e os dos amigalhaços,
Uma fundação tinha uma intenção altruísta e não servia para camuflar tráfico de influências, diamantes, marfim etc.,
O horário de trabalho não ia além das 48 horas semanais em vez das 65 horas que querem impor,
Eram construídas escolas, liceus, centros de saúde, bairros sociais, hospitais, universidades, etc.,
Os criminosos estavam nas cadeias em vez de ocuparem lugares de poder,
Um aluno que fizesse a 4.ª classe sabia ler, escrever, fazer contas, e apontar onde ficava o Minho, o Algarve ou Timor,
Ninguém concluía o 5º ano do liceu (9º ano de escolaridade), tirava uma licenciatura ou doutoramento por cunha de qualquer espécie, mas antes, tinha que mostrar o seu mérito,
Portugal não tinha que andar a curvar a cerviz, frente a torcionários, por causa do petróleo como esse primeiro-ministro Sócrates (apenas no nome), amante de ditadores (Hugo Chávez, Putin, José Eduardo dos Santos) em troca do petróleo manchado de sangue, que lhe podia proporcionar.

Sem questionar o feminismo ou outros ismos: antissionismo, antialentejanismo, antilourismo (das loiras) todas as piadas são objeccionáveis por se basearem em estereótipos da sociedade, sejam eles humanos, animais ou até mesmo políticos, que não são uma nem outra coisa. Assim, depois de todas as pessoas defensoras desses "ismos" terem colocado as suas objeções, porque são a favor do Obama ou do Bush, ou do Sócrates, porque se baseiam em estereótipos de mulher, de louras e louros, de alentejanos, de políticos e políticas (mas destas ainda há poucas), de judeus (e outras religiões como o cristianismo ou islamismo por ex.), de nacionalidades ou continentes de origem como com os africanos, os pobres, os ricos, os estudantes e os professores, os animais (mesmo aqueles que estão nas malas dos carros junto com a esposa ou esposo), verão o que fica: NADA.

Acabava-se o humor.

Ao reproduzir, adiante, Maiakovski e Brecht, pretendo alertar que me sinto muito mais incomodado com a violência, gratuita ou não, com as imagens cheias de "innuendo" (insinuações) da TV, desde os telejornais às séries, pois essas são as armas de estupidificação globalizante que a todos corroem. O humor usa a linguagem dos estereótipos que hão de ser substituídos com o tempo assim como a frase "bota-de-elástico" foi substituída por "cota". Desde a década de 1980 vi surgir a censura dissimulada em fundamentos razoáveis e aceitáveis, pretendendo sanitizar as mentes. Já o vi na Austrália quando o politicamente correto foi introduzido na linguagem em meados daquela década.

Como tradutor profissional tive de o seguir, mas como ser humano, inteligente (no sentido de pensante) recuso-o tanto hoje como ontem. Com o politicamente correto acaba-se o humor. Esse é o cerne da questão que ninguém quer ver. Deve lutar-se contra a discriminação, em todas as suas formas, contra o assédio sexual, político e outros, lutar contra a proposta nova norma europeia (trabalho até 68 horas semanais), lutar contra o salário mínimo de miséria e de exploração (reminiscente do início da Revolução Industrial), contra as quotas ou falta delas nos elencos femininos do governo, contra a falta de acesso a pessoas com deficiências de qualquer tipo. Lutar contra isso tudo mas deixem o humor de lado, a menos que seja difamatório (mas sem ser pelas normas norte-americanas), grosseiro, imoral, amoral. Quando se definira o politicamente incorreto, foi porque o politicamente correto era a forma mais fascista de sanitizar a língua, o pensamento e a vida em geral, criando uma sociedade assética e inócua. Todos iguais e cinzentos de acordo com a norma. Ninguém precisa de pensar nisto pois o futuro provará a sua veracidade melhor do que o Orwell alguma vez podia prever no 1984 ou outros ensaios semelhantes: a realidade já ultrapassou a ficção há muito. Quem primeiro o antecipou foi Maiakovski – poeta russo "suicidado" após a revolução de Lenine que escreveu ainda no início do século XX:

Um dia vieram e levaram meu vizinho que era judeu.
Como não sou judeu, não me incomodei.
No dia seguinte, vieram e levaram meu outro vizinho que era comunista.
Como não sou comunista, não me incomodei.
No terceiro dia vieram e levaram meu vizinho católico.
Como não sou católico, não me incomodei.
No quarto dia, vieram e me levaram;
já não havia mais ninguém para reclamar..."
Martin Niemöller, 1933, símbolo da resistência aos nazistas.

PARODIANDO O PASTOR PROTESTANTE MARTIN NIEMÖLLER, SÍMBOLO DA RESISTÊNCIA NAZI:

"Primeiro eles roubaram nos sinais, mas não fui eu a vítima,
Depois incendiaram os ônibus, mas eu não estava neles;
Depois fecharam ruas, onde não moro;
Fecharam então o portão da favela, que não habito;
Em seguida arrastaram até a morte uma criança,
que não era meu filho..."

Cláudio Humberto, 09 fev. 2007

Primeiro levaram os negros
Mas não me importei com isso
Eu não era negro
Em seguida levaram alguns operários
Mas não me importei com isso
Eu também não era operário
Depois prenderam os miseráveis

Mas não me importei com isso
Porque eu não sou miserável
Depois agarraram uns desempregados
Mas como tenho meu emprego
Também não me importei
Agora estão me levando
Mas já é tarde.
Como eu não me importei com ninguém
Ninguém se importa comigo.
É PRECISO AGIR
Bertold Brecht (1898-1956)

UM PASSEIO COM MAIAKOVSKI

Na primeira noite
eles se aproximam
e colhem uma flor
de nosso jardim.
E não dizemos nada.
Na segunda noite,
já não se escondem:
pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia,
o mais frágil deles,
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a lua, e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz
da garganta.
E porque não dissemos nada,
já não podemos dizer nada.

Tudo que os outros disseram fizeram-no depois de ler Maiakovski.
Incrível é que após mais de cem anos dessa lição, ainda nos encontremos tão desamparados, inermes e submetidos aos caprichos da ruína moral dos poderes governantes, que vampirizam o erário, aniquilam as instituições, e deixam aos cidadãos os ossos roídos e o direito ao silêncio: porque a palavra, há muito se tornou inútil! Agora, o politicamente correto ameaça o humor.
Não era só aqui que a situação se cifrava preocupante. Havia novos canudos, por encomenda, a passagem de todos os iletrados de qualquer nível do ensino, a massificação da ignorância nacional, o entorpecimento da mente através de uma programação subliminar, previamente preparada em gabinetes de psicologia de guerra. O alvo era a destruição dos pilares tradicionais da sociedade contemporânea portuguesa, incluindo a família, professores, juízes, médicos, militares e outras instituições. Visava um plano sabiamente arquitetado por maçonarias, Clube Bilderberg² e outros, usando como cabeça de turco essa divindade humana que acumulava funções com as de primeiro-ministro. Do livro de Daniel Estulin "A Verdadeira História do Clube Bilderberg" cito passagens que ajudam a entender o que aqui tento explicar:

A verdadeira história do Clube Bilderberg é uma narração da subjugação impiedosa da população por parte de seus governantes. Um Estado Policial Global, que ultrapassa o pior pesadelo de Orwell, com um governo invisível, onnipresente, que manipula os fios desde a sombra, que controla o governo dos EUA, a União Europeia, a Organização Mundial de Saúde, as Nações Unidas, o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e outras instituições similares.
E, o mais espantoso de tudo, formula os projetos futuros da Nova Ordem Mundial.
A técnica do Clube Bilderberg consiste em submeter a população e levar a sociedade a uma forte situação de insegurança, angústia e terror, de maneira que as pessoas cheguem a sentir-se tão exaltadas que peçam, aos gritos, uma solução, qualquer que seja.
Essa técnica tem sido aplicada aos gangues de rua, às crises financeiras, às drogas e ao atual sistema educacional e prisional.
Com relação ao sistema educacional é necessário dar a conhecer que os estudos realizados pelo Clube Bilderberg demonstram que conseguiram diminuir o coeficiente intelectual médio da população.
Para conseguir isso não só manipulam as escolas e as empresas, mas também se têm apoiado na arma mais letal que possuem: a televisão e seus programas de baixo nível, para afastar a população de situações estimulantes e conseguir assim entorpecê-la.
O objetivo final desse pesadelo - ou dessa "confusão dos diabos"... - é um futuro que transformará a Terra num planeta-prisão por meio de um Mercado Globalizado Único - que tornou o mundo plano -, vigiado por um Exército Mundial Único, regulado economicamente por um Banco Mundial.
Será o mundo habitado por uma população controlada por microchips cujas necessidades vitais terão sido reduzidas ao materialismo e à sobrevivência: trabalhar, comprar, procriar, dormir, tudo conectado a um computador global que supervisionará cada um de nossos movimentos.
Os membros do Bilderberg "possuem" os bancos centrais e, portanto, estão em condições de determinar os tipos de interesses, a disponibilidade de dinheiro, o preço do ouro e quais os países que devem receber quais empréstimos.
Ao movimentar divisas, os membros do Bilderberg ganham milhares de dólares.

A ideia era criar uma sociedade dócil, massificada na sua ignorância através das "Novas Oportunidades" e de outros diplomas a "martelo", incapaz de pensar, de argumentar, de discursar ou filosofar. Como os professores mais novos já pertenciam a essa "colheita", em breve, toda a nação portuguesa se regeria por esse protocolo entorpecente. Seria depois muito mais fácil, manipulá-los, enganá-los e explorá-los. Por outro lado, toda a sociedade iria depender economicamente do Estado para desenvolver os seus projetos e as suas atividades.
Cada vez mais, a teia se enrolava em volta do pescoço de Portugal, como uma cascavel, sugando toda a vida e liberdade. Nem Salazar nem Orwell conseguiram conceber um plano tão maquiavélico. Jamais teriam os meios de o implementar. Perguntar-se-á, ninguém dá conta? Alguns darão, mas como não podem escrever livremente, nem os jornais ou telejornais aceitariam um discurso crítico destes, o povo fica sem acesso a essas opiniões divergentes. Incapaz sequer as equacionar.
Dentro de uma ou duas gerações, Portugal terá a população mais dócil e manipulável de toda a Europa Ocidental. Todos diplomados, licenciados, mestrados, com diplomas de literacia, mas poucos saberão ler e escrever e menos ainda terão a capacidade de discernir ou pensar livre e criticamente. A nova ditadura, instaurada agora sub-repticiamente como um vírus informático, esconder-se-á sob o manto diáfano da democracia.

2 Durante os últimos 50 anos, um grupo seleto de políticos, empresários, banqueiros e poderosos em geral tem-se reunido secretamente para planejar as grandes decisões que movem o mundo e que, depois, simplesmente acontecem.
O livro A Verdadeira História do Clube Bilderberg, de autoria do jornalista e especialista em comunicação Daniel Estulin, que há 13 anos investiga as atividades secretas do Clube Bilderberg e que foi ganhador de três prêmios de pesquisa nos EUA e Canadá, aponta quem aciona os controle por detrás da fachada das organizações internacionais conhecidas. O livro foi editado em 28 países em 21 idiomas

A todos desejo, não só nesta estação festiva como no resto dos anos que aí virão por entre crises, guerras, fomes, catástrofes naturais e humanas, os melhores votos na certeza de que cada um de nós constrói o berço de palhinhas em que se deita e não adianta ficar à espera porque os Reis Magos já não andam de camelo e o GPS deles não vos vai localizar. Por outro lado, se olharem em volta verão Pilatos e Herodes e na cruz já não estão o bom e o mau ladrão que esses andam mais ocupados em coisas da governação e não têm paciência para fazer companhia na cruz ao Cristo. Nos templos, ora cheios de vendilhões, ninguém ouve os poemas do poeta popular António Aleixo:

Os Vendilhões do Templo
Deus disse: faz todo o bem
Neste mundo, e, se puderes,
Acode a toda a desgraça
E não faças a ninguém
Aquilo que tu não queres
Que, por mal, alguém te faça.
Fazer bem não é só dar
Pão aos que dele carecem
E à caridade o imploram,
É também aliviar
As mágoas dos que padecem,
Dos que sofrem, dos que choram.
E o mundo só pode ser
Menos mau, menos atroz,
Se conseguirmos fazer
Mais p'los outros que por nós.
Quem desmente, por exemplo,
Tudo o que Cristo ensinou.
São os vendilhões do templo
Que do templo ele expulsou.
E o povo nada conhece...
Obedece ao seu vigário,
Porque julga que obedece
A Cristo - o bom doutrinário.
António Aleixo, in "Este Livro que Vos Deixo..."

Desde o início do ministério público de Jesus, fariseus e adeptos de Herodes, com sacerdotes e escribas, mancomunaram-se para matá-lo. Por causa de certos atos por ele praticados (expulsão de demónios, perdão dos pecados, curas em dia de sábado, interpretação original dos preceitos de pureza da Lei, de pureza da Lei, familiaridade com os publicanos e com pecadores públicos), Jesus pareceu a alguns mal-intencionados, suspeito de possessão demoníaca. Assim, é acusado de blasfémia e de falso profetismo, crimes religiosos que a Lei punia com a pena de morte sob forma de apedrejamento.

Hoje há muitos que mereciam muito mais serem apedrejados e continuam à solta aproveitando as mordomias que o povo ignorante e manipulável lhes concede em troca do voto quadrienal com que os enganam, enquanto distribuem futebol, fado e falácias diversas em ambiente circense de telenovela, vivida em tempo real para que as pessoas se preocupem com as inutilidades dos outros sem cuidarem da sua.

Aos iluminados desejo esperança, sim que eles são essa elite minoritária que teima em não se calar, seja em WikiLeaks ou outros instrumentos de desmascarar a globalizada corrupção que detém os cordelinhos dos dirigentes políticos em folias mandatadas pela banca e outros interesses, embora como elite que são e informada se arrisquem a ter um processo em cima para serem desacreditados perante os ingênuos e analfabetos.

Eu sigo esta longa caminhada dando graças pela felicidade de estar vivo, lúcido e atuante, após muitas vidas que já vivi, dedicando-me a partilhar saberes e culturas múltiplas sem epifanias, tentando manter viva essa aberração dos nossos dias que é a família nuclear e deixando um legado que nenhum fariseu aceitaria, em epístolas como esta para que o natal seja vivido em cada dia do ano e não apenas quando os comerciantes nos tentam seduzir, mesmo a nós pobres saduceus da atualidade com promessas de felicidade material que só aumentam o nosso servilismo perante os nossos verdadeiros donos, os bancos.

Só podemos dar aquilo que temos. E desenvolver uma atitude positiva é o primeiro passo para tornar este mundo um lugar muito mais habitável para as nossas crianças. A vida é bela? É, se assim o quisermos. Mas a verdade é que ainda se pensa nos otimistas como um dos extremos da balança que tem no outro prato os pessimistas e no centro a virtude, ou seja, os 'realistas'. Cada vez mais, no entanto, o otimismo é visto como o verdadeiro realismo: uma espécie de realismo emocional, que através de uma perceção positiva da realidade nos ajuda a ver a vida com outros olhos, e, graças a isso, a construir uma vida melhor.

"As pessoas otimistas são aquelas que acham que a vida vale a pena ser vivida".

Mesmo que a nossa cultura permaneça mais adepta do noivado do sepulcro do que de um amor feliz, está nas nossas mãos lutar contra isso. Ser otimista não depende das circunstâncias, mas da atitude. Está cientificamente provado que as pessoas pessimistas têm probabilidades mais fortes de viver deprimidas, com uma saúde mais debilitada visto serem um tipo de pessoas que se desleixam na sua própria saúde. E com isto influenciar para uma morte precoce. Em contrapartida as pessoas que tem atitudes otimistas levam uma vida mais feliz, mesmo perante as desgraças são pessoas que conseguem rir e encontrar algo positivo e engraçado.

As pessoas otimistas também facilmente conseguem atingir com sucesso os seus sonhos, os seus desejos e objetivos. Ser otimista contribui para viver e combater certas doenças como as doenças oncológicas e ajuda a prevenir contra problemas de cardíacos. As pessoas que olham para o mundo e para o futuro de uma forma positiva envelhecem de uma forma mais agradável sofrendo menos perante as doenças normais à sua idade, podendo aumentar a esperança média de vida.

Dito isto e face à crise que aí vem para os próximos anos (ou décadas), sorria, sinta-se melhor e lembre-se dos milhões que estão bem pior, os que ainda não têm (ou já não têm) liberdade de escrever o que pensam e sentem, os que não têm água ou comida, os que não têm teto para se abrigar, os que não têm saúde para viver, que não têm trabalho, os que são escravizados e todos os que estão bem pior do que nós. É esse o espírito de natal que vos desejo para os próximos 365 dias. E para aliviar este pesado fardo que vos passo um PowerPoint bem piroso alusivo a esta época.

Esta é sempre uma questão muito melindrosa que motivou a seguinte troca de mensagens com Vasco Pereira da Costa:

SER OU NÃO ESCRITOR AÇORIANO,
CHRYVS VS VASCO PEREIRA DA COSTA

16/12/2010 14:30, Vasco Pereira da Costa:
Meu Caro

Com franqueza, e com o sentir na ponta língua, não percebo como reduces a minha escrita a uma insularidade insularizada. Disse-te uma vez que sou mais lido no continente do que nas ilhas: guardo recortes de crítica desenclausurada desde o João Gaspar Simões até ao Duarte Faria, António Pedro Pita, Fernando Venâncio... Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Jornal de Letras, Colóquio Letras, Review of books (de New York, que creio, chegará à Lomba, mas não à Maia) ...et tout ça... e estou traduzido (em edição) em inglês. Sei, por fatalidade, que sou o maior escritor vivo da rua Direita de Angra (1,70 m), mas disso me não ufano: percorri Ceca, Meca e o Vale de Santarém. Apresentei poemas meus em Universidades da Ivy League, nos States, na África do Sul (ao lado de vários Nobel), na Venezuela, no Senegal. Não quero estar num huit clos sartriano, porque creio bem que quanto mais regional mais universal. Mas não arvo comendas nem distinções contemporâneas: o reconhecimento será feito (ou não) daqui por cem anos, pelo menos ou pelo mais. PF não me feches na poterna do Castelo de São João Baptista apenas pelo facto de não alardear orgulhos de naturalidades regionais - sou urbano, da cidade de Angra, universal escala do mar poente (Fructuoso dixit) e estimo o Pico da Pedra e o calhau da Maia, mas não creio que ali e lá passe o eixo da Terra.

Ab. Vasco

16 de dezembro de 2010 15:28
Para: Vasco Pereira da Costa

Não te sintas assim....não reduzo a tua escrita a uma insularidade insularizada, quero-te no mundo, neste e noutros, por isso te fizemos a surpresa de te traduzirmos o poema para aqueles continentes todos e aguardamos que nos envies a tua seleção de obras ou a obra a traduzir para enviar aos nossos tradutores. O ponto que quero provar aqui naquela aula é que por mais universais, ou portugueses que os escritos e as obras sejam, contém um germe (gene?) único, um ADN indiscutível da açorianidade e esse é o fator de distinção que vos vai abrir as portas a outros mercados...Já o Cristóvão se me queixou (em tempos) do mesmo, antes de eu lhe explicar esta minha tática entendeste ou tenho mesmo de fazer o desenho? se os teus editores tivessem adotado idêntica medida estarias tão traduzido como esses escritorzecos modernos que andam aí nas bocas do mundo e que para mim nada acrescentam...enquanto que vocês todos me emocionam e comovem pois sinto a vossa escrita... PF responde... Chrys CHRYSTELLO

De: Vasco Pereira da Costa 16 de dezembro de 2010 15:44

Eu sou um gajo normal: tenho as minhas taras, porém, não sou tarado: tenho o ritmo solar - durmo de noite e esperto de olhos abertos à luz do Sol - não andei no seminário, embebedei-me com carrascão aos dezoito, e não escrevo por catarse nem por inspiração: escrever é um ato ontológico (olá, Torga!), mas quero a ilha ampla e ampliada à feição humana de qualquer latitude e de toda a centúria...e senti-me no teu texto circunscrito à rarefação espacial, que abomino. Se quiseres fazer o desenho do contrário, talvez venha a perceber. Pela resposta não chego lá...

Vasco

16 de dezembro de 2010 18:41
Para: Vasco Pereira da Costa

O que sempre disse e repito: é que os bons autores açorianos nos quais te incluo a ti e ao Cristóvão e mais uma mão cheia deles, incluindo o Bettencourt Pinto que cá não nasceu, têm esta conceção errónea de que devem ser proclamados bons autores nacionais...para terem credibilidade. Discuti isto horas a fio com o nosso homem do Pico da Pedra e do Pico do piquinho (e sabes como ele é), para um australiano habituado a largas paisagens e horizontes Portugal é um quintal pouco maior do que o quintalzinho dos Açores. Para vos "vender" como autores estaria a colocar-vos em competição com os mais comerciais autores portugueses como o meu ex-ajudante na rádio em Macau (J. Rodrigues dos Santos, "ó Santos vai-me buscar outro telex), o que não é credível nem apetecível. Mas, ao colocar-vos a serem estudados e falados em universidades na Roménia, na Polónia, Bulgária, etc., como autores portugueses "açorianos" crio expetativas acrescidas e desperto o interesse na descoberta desses autores, assim rumo ao mundo sem passar por Portugal. da Lomba para a cortina de leste...entendeste agora, o quê o por quê???

abraço Chrys

16/12/2010 20:37, Vasco Pereira da Costa:
OK!...

Para: Vasco Pereira da Costa
aceitas então a minha estratégia???

Vasco Pereira da Costa:
Compreendi a estratégia: é uma estratégia.

CRÓNICA 89. NATAL, 31 DEZEMBRO 2010

Mais um ano que acaba e outro que se inicia, tempo de balanços inúteis como a Crónica do Quotidiano Inútil que publiquei em poesia em 1972.

Dizem que a idade amolece os espíritos, mesmo os mais empedernidos como eu, e os faz querer reviver momentos passados dada a insegurança que as alterações globais causam ao presente de cada um. Sinto nostalgia pelo que já passou e pelas energias e tempos desperdiçados nesta voragem a que se chama vida, que vamos preenchendo com os nossos sonhos e desilusões, sempre acalentando a esperança infinitamente vã de sermos mais felizes - ou menos infelizes - do que a quota-parte que nos calhou.

Por todo o lado se repetem, ano após ano, os mesmos votos inúteis de paz, felicidade e amor, por entre as ruínas das guerras e das catástrofes que o homem vem causando e que não o incomodam enquanto afivela o sorriso de Boas-Festas. Quanto mais os anos passam, mais o esqueleto se recusa ver a imagem que o cérebro gravou de cada um e que não é a mesma que se reflete no espelho de cada um. É sempre difícil aceitar a degenerescência e envelhecimento, por mais graciosos que os queiramos.

Nesta época festiva cumpre fazer o balanço do deve e do haver de cada um, sabendo dar graças a quem quer que seja por termos resistido a tudo que se nos colocou como obstáculo e que soubemos ou conseguimos ultrapassar. Alguns deles hoje assemelham-se a brincadeira de criança embora na época em que ocorreram mais se assemelhassem a catástrofes gigantescas.

O mesmo se passa com os sentimentos que crescem na juventude e minguam na idade mais avançada. É esse o meu problema, não soube fazer envelhecer os meus sentimentos e desejos, continuo um eterno adolescente cheio de fulgor mental, de sonhos, ambições, sempre insatisfeito por não almejar mais do que faço. Dito isto, não nego que continuo a interrogar-me sobre a razão pela qual temos de andar aqui neste vale de lágrimas, como diriam os mais crentes, mas dou graças por ter conseguido tudo o que já alcancei. O ano foi pleno de aventuras, crises, dificuldades e doenças (a minha mulher deixou de fumar em abril e a partir daí nunca mais passou bem, culminando na viagem tormentosa de regresso aos Açores após o Natal agarrada a uma bomba de oxigénio...).

Na ida fôramos confrontados com atrasos e mais atrasos da transportadora nacional TAP, que teve a gentileza de nos desviar as malas e nos obrigou a não mudar de roupa durante dois dias. Felizmente apareceram e evitou-se a renovação do guarda-roupa.

Depois do mais rigoroso inverno insular dos últimos 40 anos fomos deleitar-nos com temperaturas acima dos 30 °C no Brasil aquando do 13º colóquio da lusofonia durante 21 agitados dias. Foi neste período que tive a inaudita e imerecida honra de dar uma palestra na Academia Brasileira.

No verão, descansámos uns dias na plácida ilha de Santa Maria enquanto o benjamim João (Nigel ou Johnny Boy) se espalhava por Portugal continental, depois, veio a crise, os cortes nos vencimentos, os aumentos de todos os impostos e a redução de deduções, e a negra noite abateu-se sobre os portugueses gastadores excessivos como nós.

Foi nessa altura que o editor do meu último livro resolveu dar um golpe e não pagar direitos de autor nem a última tradução que lhe fizera. "Another nail in the coffin" diriam os gatos-pingados que rondam à espreita de mais umas penhoras...

Tentei trocar de viatura, mas ninguém queria dar o valor da minha e só me propunham vender outras que me ficariam mais caras ainda.

Lançámo-nos noutra conquista notável após o colóquio nº 14 em Bragança e criámos a associação dos colóquios com mais de 40 visionários que nos apoiaram. Veremos se resulta.

Pois podia contar-vos como foram as férias de natal que até correram exceccionalmente bem, mas os amigos do alheio fizeram uma visita à nossa residência nos Açores e levaram alguns bens, deixando-nos impotentes com a imponderabilidade e a procrastinação da PSP, restando a esperança de que o seguro devolva parte desses bens.

É sempre uma sensação curiosamente insalubre a de vermos desflorada a intimidade do nosso lar, por arrombamento de uma janela do pátio das traseiras que tranca bem por dentro e se abre facilmente por fora...foi agora que me apercebi da enormidade de bens matérias e de valor que ainda me rodeiam e dos quais nem me apercebo na maior parte dos dias da minha existência quotidiana.

Dos objetos furtados - curiosamente - o que mais falta me faz, é a máquina de café Nespresso a que me habituei viciosamente e a qual não serve de nada aos larápios pois só o dono pode fazer encomendas e não há lojas Nespresso na ilha.

O portátil roubado tinha um dispositivo que o bloqueia se alguém se tentar ligar à internet...e depois apaga tudo o que lá está....

Foi preciso viver no local mais seguro de todos aqueles em que já habitei para ser vítima de um roubo à residência...ironias...

Nestes dias tem sido uma roda-viva a correr para a PSP, alertar o seguro, preencher os formulários, contratar um sistema de segurança e vigilância eletrónica, pedir ao senhorio apoio para meter grades e outras medidas seguras no acesso pela parte de trás da casa...

Vieram cá uns mestres que afinaram os fechos da janela de correr que dá para o pátio e foi a culpada da entrada mas após saírem a janela continuava a trancar por dentro e abrir por fora... devem ser mestres das novas oportunidades socráticas. A todos desejo um ano de 2011 que não seja pior do que 2010, pois com esta mania de cada ano ser pior do que o seu antecessor nada mais me resta se não recordar os anos passados e qualquer dia ainda regresso à minha juventude.

CRÓNICA 90. 16 ANOS DEPOIS RECORDANDO A PRIMEIRA VISITA AO BRASIL, 31 DEZEMBRO 2010

90.1. RIO A PRIMEIRA VISITA NOVEMBRO 1994 –

Há pouco visitei Sevilha, uma das minhas cidades favoritas. Fui lá, várias vezes em poucos anos. Das últimas vezes – a partir de 1996 - em conferências de tradução com a minha atual mulher.

Antes, porém, partira para ver a Expo 92.

Lá encontrara, sem saber da presença deles ali, o meu ex-sogro e um filho que vieram da Austrália ver a Expo. Sevilha fervilhava de gente e de calor.

Durante os três dias a temperatura oscilou entre 43º e 49 °C. De noite não baixava dos 40 °C. Isto excedia os 43 °C de que se não esquecera em Perth, quando o MGB da minha ex-cunhada se recusara a subir num parque de estacionamento parando o trânsito das redondezas...

Assisti em Sevilha a um concerto inesquecível do Rui Veloso enquanto a minha filha se deliciava a cantarolar as músicas dele, sempre metida na água.

Dois anos depois, a 9 de outubro 1994 arranquei para Sevilha para uma conferência de literatura. Enganei-me na data. Cheguei um dia antes do previsto.

Passei o dia ao ar livre no bar El Cordobés (Bar Mesquita), propriedade de António e Mercedes, aberto desde manhã cedo até à meia-noite. Era barato, com uma esplanada agradável no meio do calor, protegido por uma ou outra árvore. Muito frequentado por turistas era um espaço típico andaluz, e ficava bem perto do hotel Murillo Sevilla.

Também se podia comer dentro de portas, mas o serviço não era bom. Aconselho ao ar livre. Tinha cozinha tradicional sevilhana como paella, rabo de toro, um bom Gaspacho, Ensalada Tropicana (com frutos); pechuga de pollo plancha (peito de frango grelhado); gambas al ajillo (gambas com alho e azeite); revueltos con aspargos (ovos mexidos com espargos e camarão, além do zumo de laranja natural (sumo fresco de laranja) e dez combinados que experimentaria nos dias seguintes. A rua ficava na direção da Menendez Pelayo,

Enquanto lia e fazia as minhas observações da população que me rodeava, como, aliás, sempre faço quando estou em qualquer lugar público, ia anotando mentalmente cenas que me poderiam servir para mais tarde escrever sobre elas.

Não pude deixar de notar a falta de à-vontade, mesmo ao meu lado, de duas pessoas de etnia chinesa que não se conseguiam fazer entender para pedirem comida. Tentei ajudar pensando que as mulheres, uma jovem e outra velha, fossem de Hong Kong. Eram de Jacarta.

Não pude resistir a chateá-las por causa de Timor-Leste e da ocupação genocida da Indonésia. Desculpavam-se dizendo que estavam a fazer turismo.

Não percebiam de política, alegaram com maus modos e, mal acabaram de comer saíram. Nem agradeceram a ajuda sem a qual nem sequer teriam conseguido comer. Para a próxima deixá-las-ia morrer à fome em vez de as ajudar.

Quanto ao Congresso, que para isso pedi o visto no Consulado de Espanha na Rua de D. João IV no Porto, fui à sessão de abertura e à de fecho buscar o diploma. Era um mero presencial incluído na delegação brasileira para este congresso duma semana. Acabei por vir acompanhado duma colega sul-americana que ficara umas semanas no Porto usufruindo da minha hospitalidade.

Ela regressara ao Brasil um mês depois a 20 novembro 1994 e eu, aproveitando o facto de estar em férias, segui-a para conferências no Rio e em Belo Horizonte.

Fui a uma agência de viagens na Baixa do Porto e pedi bilhete para o próximo voo, mas acabei por só embarcar dois dias mais tarde em novo voo direto para o aeroporto de Congonhas, na minha primeira visita a este continente.

Por falar na América do Sul... A minha avó materna carioca, natural da freguesia da Senhora da Conceição no Rio de Janeiro, nunca perdera o sotaque nem o modo de falar brasileiro que botava no seu discurso quotidiano e com as quais brunia a sua existência apagada.

Recordo que, numa fase da minha vida adolescente tentei adquirir a nacionalidade brasileira, tão desgostado estava já com o rumo da nação e da guerra colonial portuguesa. O Brasil, da imensidão sem fronteiras, sempre me atraía. Locais e países pequenos constroem-me.

Aterrei no Rio de Janeiro a tempo de ir ao encerramento dum outro congresso que terminava nesse dia. Passei três dias no calor sufocante do Rio em casa duma colega catedrática da UFRJ. Ofereceu-me alojamento e emprestou-me o carro para ver a cidade.

Na Ópera (réplica da de Paris, inaugurada em 1909) atualmente denominada Theatro Municipal, avisou-me para dar 5 reais ao arrumador para não danificarem o carro. Fiquei chocado. O real estava em paridade com o dólar americano. 5 Dólares era muito dinheiro. Cumpri as instruções. Nada aconteceu ao carro enquanto passeamos naquela zona da baixa do Rio.



Ali se localiza esse outro monumento histórico e cultural que é o Real Gabinete Português de Leitura. Pelo seu prestígio nos meios intelectuais, pela beleza arquitetônica do edifício da sua sede, pela importância do acervo bibliográfico e pelas atividades que desenvolve, o Real Gabinete Português de Leitura é uma instituição notável que dignifica Portugal no Brasil.

Em 14 de maio de 1837, um grupo de 43 emigrantes portugueses do Rio - 15 anos depois da Independência - reuniu-se na casa do Dr. Antônio José Coelho Lousada, e resolveu criar uma biblioteca para ampliar os conhecimentos de seus sócios e dar oportunidade aos portugueses residentes na capital do Império de ilustrar o seu espírito.

Entre esses homens, maioria comerciantes, estavam alguns, perseguidos em Portugal pelo absolutismo, que tinham emigrado para o Brasil. Era o caso de José Marcelino Rocha Cabral, advogado e jornalista, primeiro presidente da instituição. É possível que ao quererem incutir em muitos o gosto pela leitura, os fundadores do "Gabinete" tenham sido inspirados pelo exemplo vindo da França, onde, a seguir à revolução de 1789, começaram a aparecer as chamadas "boutiques à lire", lojas onde se emprestavam livros, por prazo certo, mediante o pagamento de uma determinada quantia.

Os "gabinetes de leitura" criados no Brasil pelos portugueses - o do Rio de Janeiro, e mais tarde os do Recife (em 1850) e o de Salvador (em 1863) - diferenciam-se por uma característica: não se fazia qualquer pagamento pelo livro. O sócio consultava-o na biblioteca ou levava-o para casa, sem qualquer encargo. Nos primeiros anos, as diretorias passaram a adquirir milhares de obras raras, dos séculos XVI e XVII - um exemplar da edição "Príncipeps" de Os Lusíadas; as Ordenações de D. Manuel, de Jacob Cromberger 1521, e os Capítulos de Cortes e Leys que sobre alguns delles fizeram, publicadas em 1539. Em 1872 a biblioteca já possuía 20.471 obras e 44.917 volumes.

Os dirigentes pensaram construir uma sede maior condizente com a importância da instituição. As comemorações do tricentenário da morte de Camões (1880) foram o pretexto para motivar a "colônia" portuguesa.

Portugal atravessava crises medonhas: défices da Corte e a ameaça das grandes potências às colônias da África; as mazelas de uma sociedade que não reagia às críticas e farpas dos "vencidos da vida"; os "escândalos do tabaco" e as lutas dos partidos; os "cortejos do bacalhau" na "baixa" lisboeta para depreciar a Epopeia quinhentista; a falta de interesse pelas ideias novas da Europa, a apatia do zé-povinho retratado nas caricaturas mordazes de Bordalo Pinheiro.

Uma plêiade de portugueses do Rio de Janeiro, de grande prestígio, como Eduardo Rodrigues Cardoso Lemos, José Vasco Ramalho Ortigão, Visconde de Moraes e outros, resolve fazer da participação da "colônia" nas celebrações camonianas um contraponto às disputas e à mesquinhez de além-mar.

Se em Portugal muitos procuravam ofuscar, no meio da dormência do país, a saga dos Descobrimentos e esquecer o poeta, no Brasil fazia-se o contrário: o "Gabinete" encomendava à casa Biel, no Porto, uma edição rica e ilustrada d'Os Lusíadas.

Mandava cunhar medalhas; organizava concertos e em 10 de junho de 1880, com a presença do imperador D. Pedro II, do ministro do Império Barão Homem de Mello e do Presidente da Câmara Municipal, Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, é lançada a primeira pedra para a nova sede do Gabinete Português de Leitura.

Projeto do arquiteto português Rafael da Silva Castro, com seu traço neomanuelino a evocar a epopeia camonianana. O edifício, em pedra de lioz, com estátuas de Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Infante D. Henrique e Luís de Camões sobre as mísulas da fachada, foi inaugurado em 10 de setembro de 1887, com a presença da Princesa Isabel e do Conde D'Eu.

Os trabalhos de construção dirigidos pelo arquiteto Frederico José Branco e as pinturas e decorações em relevo a cargo do artista Frederico Steckel.

Ramalho Ortigão, pronunciou um discurso notável: "No dia em que tiver caído para o domínio intelectual do mundo a preponderância europeia - porque não há preponderâncias eternas e o movimento da civilização está destinado a oscilar como o movimento dos mares e a configuração dos continentes entre os dois hemisférios da terra - quando por meio dessa evolução se tenha deslocado a importância do domínio geográfico das linhas atuais, se esta casa existir ainda, ela mostrará aos nossos netos que homens de trabalho, alheios à intriga política do país e ao litígio do poder, ausentes de sua pátria, em um país remoto, previram na missão de sua raça o alcance da ciência e o alcance da arte, a qual, tendo por fim ressaltar os interesses da inteligência fazendo-os preponderar aos interesses da cobiça, da ambição e do egoísmo humano, é a origem da moral positiva assim como é a base do bom senso e o sustentáculo da moderação...". O escritor arrematou o seu discurso: "E se um dia o nome de Portugal houver de desaparecer da carta política da Europa, esta Casa será ainda como a expressão monumental do cumprimento da profecia posta por Garrett na boca de Camões: não se acabe a Língua, o nome português na terra".

No ano seguinte, extinta a escravidão e com o regresso de D. Pedro II da Europa, é instalada, a biblioteca do Gabinete Português de Leitura e entregue ao Imperador o diploma de Presidente Honorário. Outro escritor célebre, o brasileiro Joaquim Nabuco, proferiu uma oração admirável em louvor dos portugueses no Brasil. E depois de dizer que Portugal, para ele, "tinha sete maravilhas como nenhuma outra nação possui e falo só do que vi: Os Lusíadas, a entrada do Tejo, a Torre de Belém, os Jerónimos, Sintra, o Vinho do Porto e a colônia portuguesa do Brasil".

Para mais adiante afirmar: "Deliberadamente vós, portugueses, construístes uma biblioteca, a mais grandiosa das edificações desse gênero na América, e a levantastes sob o duplo padroado de Luís de Camões e do Infante D. Henrique.

A alma deste edifício é assim, antes de tudo, a própria alma nacional. Estas pedras são estrofes d'Os Lusíadas. Elas deveriam ser condecoradas pela História com a Ordem de Avis".

Em 1900 o Gabinete Português de Leitura transforma-se em biblioteca pública - qualquer um pode ter acesso aos livros da sua biblioteca. Logo depois Benjamin Franklin de Ramiz Galvão, ilustre intelectual brasileiro, é convidado pelo Presidente Ernesto Cibrão, para organizar um novo catálogo do acervo bibliográfico, que terminará em 1906.

Nesse ano o rei D. Carlos atribui o título de "Real" ao Gabinete.

No Salão dos Brasões, há uma grande exposição de pintura de José Malhoa, a cuja inauguração comparece o Presidente Rodrigues Alves.

No primeiro dia, dos 125 quadros foram vendidos 26, um deles, denominado "O sonho do Infante", foi adquirido para o Real Gabinete.

Figuram ainda retratos do rei e da rainha D. Amélia, encomendados ao pintor pela diretoria da Real e Benemerita Sociedade Portuguesa Casa de Socorros D. Pedro V, e que até hoje se encontram em sua sede.

Logo a seguir é instalada a Comissão encarregada da recepção a D. Carlos, que foi frustrada pelo regicídio. Dela faziam parte figuras eminentes da colônia, como o Conde de Avelar, o Visconde de S. João da Madeira, o Visconde de Moraes, o Visconde de Agarez e tantos outros.

Muitos, como foi o caso do Comandante. José Moraes d'Abreu Júnior, de Domingos de Moura e Castro ou de Rita de Barros Ramalho Ortigão, abriram mão de créditos que tinham concedido ao Gabinete.

Era curioso ouvir as queixas, em pleno crepúsculo da monarquia, a respeito da indiferença dos governos e do seu interesse em aproveitar-se da colônia portuguesa do Brasil: "Nem a colônia portuguesa no Brasil tem escapado a essa tempestade assoladora, a esse tufão mal-intencionado, contristador de quem o contempla isento de paixões e estranho a esse desenrolar de pequeninas misérias sociais", dizia-se no "Livro de Ouro" daquela época.

E a seguir fazia-se uma referência ao que o país devia aos portugueses do Brasil.

Nas cidades, os melhores palácios a quem pertencem?

Quem mandou construir casas e pagar benfeitorias?

A quem pertencem os estabelecimentos fabris?

Quem manda abrir e reformar os caminhos nas províncias?

Quem paga os melhoramentos das igrejas, os paramentos e as alfaias?

Quem manda construir asilos, hospitais e escolas?

Quem subscreve as ações dos caminhos-de-ferro?

Quem acode às necessidades do Estado e compra metade dos títulos da dívida pública em circulação?

Quem? Os portugueses do Brasil.

Por isso, concluiu o autor do desabafo: "magoou-nos profundamente a avalanche de ingratidão com que se procurou amesquinhar o valor desses compatriotas queridos..."

Registadas as mágoas e ressentimentos da colônia, em parte devidas aos confrontos que na época dividiam o país provocados pela campanha crescente do Partido Republicano e as convulsões da Monarquia, o Real Gabinete abre na década de (19)20 uma nova fase de sua existência.

Dois homens se destacam nesse período: Carlos Malheiro Dias, com seu labor intelectual, pesquisas históricas, influência na formulação de uma estrutura em que se vai manter o universo associativo de origem portuguesa no Brasil e que irá resultar na criação da Federação das Associações Portuguesas em 1931; o outro, Albino Sousa Cruz que passa a dedicar-se inteiramente e a ser o grande mecenas da instituição.

Para as comemorações do 1º centenário da Independência é constituída no Real Gabinete uma empresa com a finalidade de editar, em fascículos, a monumental História da Colonização Portuguesa do Brasil, sob a direção literária de Carlos Malheiro Dias, a direção artística de Roque Gameiro e cartográfica do Conselheiro Ernesto de Vasconcelos.

Na obra irão colaborar as figuras mais eminentes dos dois países nas artes, nas ciências e na literatura, de Luciano Pereira da Silva a Duarte Leite, de Júlio Dantas a Oliveira Lima, de Paulo Merea a Pedro Azevedo, de Antônio Baião a Jaime Cortesão, de H. Lopes de Mendonça a E. M. Esteves Pereira, sem citarmos, o coordenador, - Carlos Malheiro Dias.

A História da Colonização Portuguesa foi editada pela Litografia Nacional do Porto, em fascículos, chegaram a atingir cerca de 20.000, com 12.000 distribuídos no Brasil e 8.000 em Portugal - um número impressionante para a época.

Em 1931 é realizado no Real Gabinete o 1º Congresso dos Portugueses do Brasil, quando se procura evitar, com a criação da Federação das Associações Portuguesas, as divisões no meio associativo e imprimir uma certa unidade aos movimentos da colónia.

O seu primeiro presidente vai ser Carlos Malheiro Dias, e mais 80 associações de todo o Brasil ficam integradas no organismo federativo que passa a ser o porta-voz das aspirações e anseios coletivos. Passa a comemorar-se na sede do Real Gabinete, todos os anos, o “Dia de Portugal”. A solenidade, conta com a presença de oradores ilustres.

Em 15 de março de 1935, o governo português concede ao Real Gabinete o benefício de receber de todos os editores portugueses um exemplar das obras por eles impressas.

Esse estatuto permite uma atualização permanente da biblioteca em termos do que se edita em Portugal. Os mecenas tinham desaparecido e os legados e codicilos ao longo do tempo privilegiaram sempre as instituições assistenciais e religiosas - as Beneficências e as Caixas de Socorros Mútuas, as Casas de Portugal e as Obras de Assistência, as Irmandades e as Santas Casas. Os “Gabinetes de Leitura”, os “Grêmios” ou os “Liceus”, esses nunca foram lembrados pela maioria dos benfeitores.

Apoiado no mecenato de Albino de Sousa Cruz e de mais alguns - Sousa Baptista, Conde Dias Garcia, Visconde de Morais, Garcia Saraiva, etc. -, a entidade, com o desaparecimento dessa geração, ficou em extrema penúria. As suas despesas eram rateadas pelas diretorias.

Só muito depois o governo português, no antigo regime, concedeu um subsídio de 50 contos de reis para amenizar a crise que ameaçava a instituição.

É de destacar a extraordinária ajuda recebida nos últimos anos da Fundação Calouste Gulbenkian, que deu os recursos necessários à aquisição e às obras do prédio contíguo ao Real Gabinete onde está o centro de multimédia.

Também o MNE (Ministério dos Negócios Estrangeiros) tem concedido uma permanente ajuda desde que, tanto no governo de Cavaco Silva como no de António Guterres, se reconheceu a importância da instituição para a difusão da cultura portuguesa no Brasil.

Outras entidades - da Biblioteca Nacional ao Instituto Camões, de empresas portuguesas aos donativos da comunidade, da Real Caixa de Socorros D. Pedro V ao Liceu Literário Português - têm vindo a permitir ao Real Gabinete desenvolver, atividades crescentes desde a edição semestral da revista Convergência Lusíada, distribuída gratuitamente por centenas de instituições e Universidades de todo o mundo, até à recuperação de obras raras danificadas pelo tempo...

Pena é que não seja mais conhecida a existência deste museu vivo da cultura.

À data não se sonhava ainda com o Museu da Língua Portuguesa em S. Paulo.



COPACABANA VISTA DA LAGOA



O JARDIM BOTÂNICO

LEBLON E COPACABANA

Vi ainda outros ex-libris como a Assembleia Nacional e o Jardim Botânico.

Ao passar por Leblon não esqueci a célebre musiquinha pois ali do lado havia centenas de “Garotas de Ipanema”. Provei uma bebida de coco fresca maravilhosa, servida em meia casca do fruto, à sombra duma das palmeiras.

Numa fase mais turística, vi o Pão de Açúcar ao longe cheio de parapentes saltando dos vários morros, impressionantemente majestáticos quando olhados cá de baixo.

Fui ao Alto da Tijuca. Ali apreciei esse enorme parque, ou reserva natural, em pleno centro da cidade com onze milhões de habitantes (mais do que Portugal inteiro). Idílico. Havia uma magnífica cascata mesmo ao lado da estrada.

Ninguém diria que estava em pleno coração do Rio. A Cascadinha do Taunay deve o seu nome ao pintor francês Nicolas Antoine Taunay, membro da Missão Francesa, trazida ao Brasil por Dom João VI em 1816, que decidiu ali construir, a sua residência.

Aproveitei esta viagem, única e talvez irrepetível, para conhecer os primos direitos, filhos do irmão mais velho do meu pai, emigrado para o Brasil em 1920. Viviam cheios de dinheiro, mas enjaulados. Protegidos por sistemas de segurança incríveis em pleno coração de Botafogo, na casa que fora de seus pais e meus tios. Não fiquei muito convencido com a felicidade deles, mau grado seis carros na garagem e a casa suntuosa e rica. Tudo era falso. Um ar de museu sem vida. Uma exposição colocada na vitrina para espantar os burgueses. Sem alma. Ali tudo cirandava em torno do vil metal.

Olhavam perplexos para as preocupações etéreas e intelectuais deste primo do outro lado do mundo. Tentaram impressionar-me com o excesso de bens materiais levando-me ao late Clube do Rio de Janeiro, uma associação exclusiva só para ricos, mas nem a comida (a célebre feijoada) apreciei, embora as vistas fossem espetaculares. Era como se estes primos, subitamente tivessem deixado de fazer parte da família, ou apenas se limitassem a tentar reproduzir a riqueza familiar de que a minha avó paterna falava e que eu nunca conheci.

Uma das cidades mais bonitas do hemisfério, o Rio de Janeiro é frequentemente descrito como uma cidade sitiada.

O crime violento aumentou significativamente. O índice de homicídios triplicou nos últimos quinze anos, passando de 2826 (1980) para 8408 mortes (1994) e 8321 em 2002.

O primeiro semestre (2008) apresentou o menor número de vítimas de homicídios dolosos desde 1991, segundo o Instituto de Segurança Pública (ISP).

No primeiro semestre foram 2859 vítimas, contra 3135 no mesmo período em 2007.

Uma queda de 8,8% no número de homicídios dolosos.

Já os roubos a transeuntes aumentaram 17% de janeiro a junho (2008), em comparação com o primeiro semestre de 2007. 33300 roubos a transeuntes em 2008 contra 28453 no ano anterior.

Na comparação de junho de 2008 com idêntico período em 2007, o aumento foi de 9,2%: 5080 casos, em 2007 e 5548, em 2008.

A preocupação da população cresceu.

A imprensa, a sociedade civil e os políticos têm-se inquietado com a violência relacionada com as quadrilhas organizadas e o tráfico de drogas.

Infelizmente, os esforços para a aplicação da lei e combate ao crime contaram com numerosas e flagrantes violações de direitos humanos. Apesar das boas intenções, a polícia fluminense continua a ser violenta, corrupta e a cometer excessos.

A Human Rights Watch (América) documenta casos de brutalidade policial, incluindo dois massacres nos quais vinte e sete moradores de uma favela foram assassinados.

Também documenta as violações de direitos humanos ocorridos durante a maior campanha contra as quadrilhas de traficantes de drogas: a Operação Rio, entre novembro de 1994 e meados de 1995.

Foi nesta fase que vi o Rio.

O Brasil é uma rota cada vez mais importante para a cocaína produzida nos países andinos e destinada à Europa e aos Estados Unidos, assim como um importante mercado para o consumo. Grande parte do tráfico concentra-se no Rio de Janeiro, onde os níveis mais baixos da hierarquia são dominados por quadrilhas organizadas entrincheiradas nas favelas.

Conflitos violentos pelo controlo de territórios entre as quadrilhas são frequentes graças a um próspero comércio ilegal de armas. Confrontos entre a polícia e os traficantes são muitas vezes marcados por tiroteios indiscriminados, que atingem transeuntes inocentes: habitantes das favelas, os favelados, mas também moradores de bairros de classe média e alta.

A crescente indignação da população contra a violência causada pelas quadrilhas de traficantes e por policiais e as manobras de candidatos ao governo do estado, levaram o governo federal a enviar tropas militares federais para auxiliar a polícia, no final de 1994.

Esse esforço conjunto, sem precedentes, entre militares e polícia, para erradicar as quadrilhas criminosas do Rio de Janeiro, a Operação Rio, realizou dezenas de ocupações, com a duração de vários dias, nas favelas do Rio e municípios vizinhos, incluindo a Baixada Fluminense e Niterói.

Nos primeiros dois meses e meio da Operação Rio os militares e a polícia prenderam 200 pessoas, detiveram quase 400, apreenderam 300 armas de fogo, 74 quilos de maconha e mais de sete quilos de cocaína. O tráfico de drogas nas favelas foi temporariamente interrompido.

Os traficantes retomaram seus negócios assim que as tropas se retiraram das favelas.

A Operação Rio foi marcada por torturas, prisões arbitrárias e buscas sem mandado judicial, além de casos de uso desnecessário de força letal.

Alguns abusos, tais como submeter bairros inteiros a buscas casa por casa, foram expressamente autorizados e inclusive exigidos pelos objetivos estratégicos da operação.

Outros, como as torturas, não foram abertamente incluídos no projeto da Operação Rio.

Não obstante, a incapacidade das autoridades civis e militares de responder rápida e decisivamente às denúncias de excessos no desenrolar da Operação Rio, as declarações no sentido de justificar os "excessos" cometidos durante a operação, e a ausência até agora de condenações por excessos praticados contra muitos favelados sugerem uma indiferença aterradora das autoridades brasileiras para com a violação dos direitos humanos. Sugerem, aquiescência tácita.

Durante a Operação, o Exército foi mobilizado para ajudar precisamente por causa da violência e corrupção notórias da polícia fluminense.

Infelizmente, a Operação Rio não incluiu medidas, nem do estado, nem das autoridades federais, para combater as violações aos direitos humanos cometidas pelos policiais.

Como consta do relatório, a polícia fluminense continua a violar direitos humanos fundamentais nas suas tarefas rotineiras de combate ao crime.

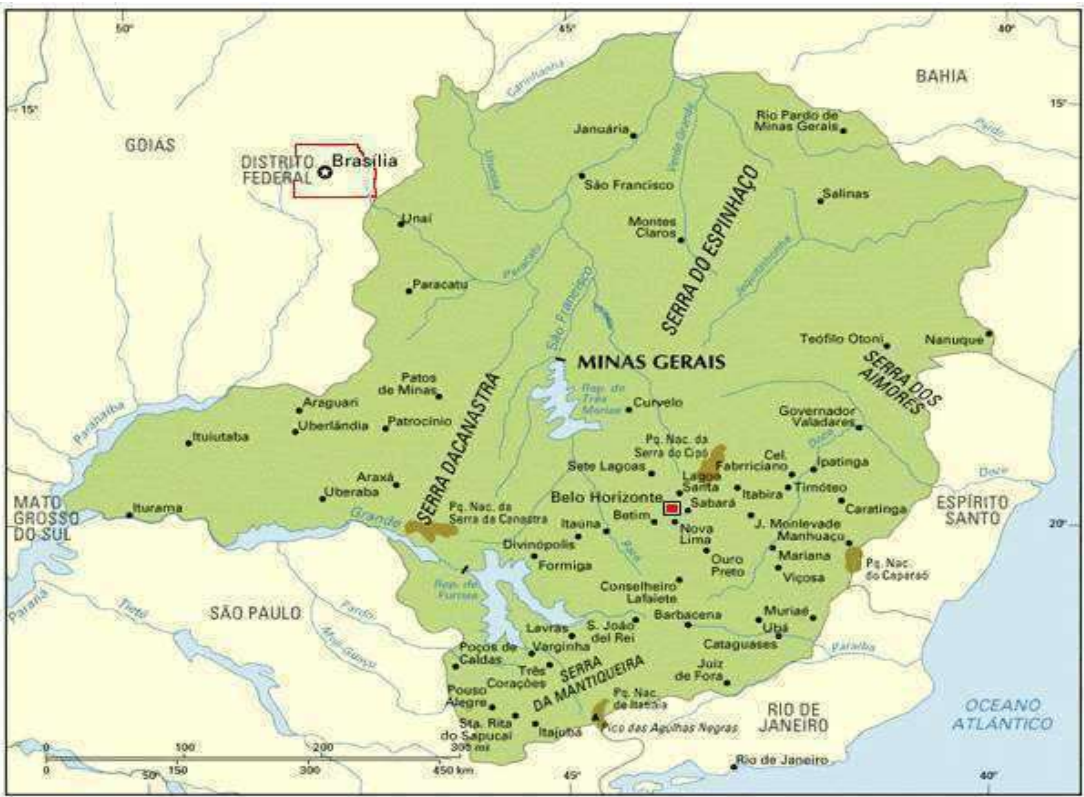
Se o governo federal do Brasil quer contribuir significativamente para a luta contra o crime, a sua atenção deve dirigir-se para a violência fardada que reproduz a violência particular.

Depois da estadia no Rio segui de camioneta, da Cidade Maravilhosa para o interior profundo, Minas Gerais.

No caminho assisti assombrado a mais uma violação básica dos direitos humanos que me havia de marcar profundamente. Jamais esquecerei o que vi.

A PM (Polícia Militar) tratava os negros que viajavam no mesmo autocarro, à coronhada, exigindo documentação, indagando do motivo da viagem, dados sobre o local onde se dirigiam e porquê. Estive prestes a intervir, mas aconselharam-me a não o fazer. O visto de turista no passaporte australiano não serviria de nada às mãos dos capangas da PM. Fiquei chocado e jamais esquecerei os olhares dos militares e dos negros (obviamente pobres) que viajavam no mesmo autocarro. Parecia um cenário de guerra, revoltante, humilhante, degradante.

A paisagem também tivera momentos assustadores na rodovia BR-040 entre o Rio de Janeiro, Juiz de Fora e Belo Horizonte, que segue a velha Estrada Real construída por escravos, por isso é também designada como a estrada dos escravos. Passa por montanhas pedregosas e altas como a Serra do Mar, 1 000 m de altura, a pique sobre pequenas aldeias, em baixo, e sem barreiras de proteção. Mas o que mais me abismou foram, sem dúvida, as três ou quatro intervenções da PM, numa viagem de menos de 400 km. Embora a ditadura brasileira (1964-1985) tivesse acabado há quase dez anos os vestígios da prepotência e impunidade militares que caracterizaram os esquadrões da morte ainda prevaleciam. No Rio, para além da riqueza e abundância duma minoria, viam-se pessoas a dormir na rua. As favelas estavam em estado-de-sítio. País de contrastes construído com a força bruta do trabalho escravo.



90.2.1. ESTRADA REAL - O CAMINHO DAS RIQUEZAS

A este propósito, recordem-se as descrições de “A Estrada Real, Minas Gerais” por Bill Hinchberger e Rose Brasil:

Mais de 1.400 quilómetros de estradas de terra e pedra ligavam as minas de ouro e de diamantes ao litoral e aos seus portos. Dali, partia para financiar, no outro lado do atlântico, as guerras das nações europeias e a industrialização do velho continente. Estrada Real se chama desde os tempos da conquista do interior brasileiro, do achamento de ouro e diamantes e o começo da época das minas gerais. Os brancos conquistadores usavam, na realidade, trilhos indígenas para marchar terra adentro. Boa parte do caminho foi, durante o século XVIII, assentado de pedras por escravos africanos. Composta de um caminho velho e um novo que se unem em Ouro Preto, antiga capital do estado, para seguir, para o norte, até Diamantina, no caminho dos diamantes.

90.2.2. O CAMINHO VELHO

Até ao final do século XVII, o caminho para Minas levava dois meses para chegar a Minas. Em 1699, Garcia Rodrigues Pais abriu um caminho através da cidade litoral de Paraty e a região das Minas. Esse percurso durava duas semanas.

90.2.3. PARATY

O caminho velho começa em Paraty, ainda hoje um lugar tranquilo e aconchegante. Uma baía aos pés das montanhas verdes da Serra do Mar. A baía forma um porto natural excelente, ideal para desembarcar tudo o que se precisava na colônia portuguesa e embarcar todas as riquezas encontradas nas minas. Dos primórdios do século XVI até ao século XVIII, Paraty era o ponto de partida para entrar na região do sertão, depois chamado Minas Gerais. O primeiro obstáculo natural é a Serra do Mar, muralha natural até 1000 metros, feita de densa vegetação. Depois de subir, os viajantes continuaram pelo sertão paulista em direção à Serra da Mantiqueira, onde as cidades S. João de Rei e Tiradentes atraem muitos turistas. Das várias expedições que percorriam a Serra da Mantiqueira e os vales dos rios das Mortes e da Velha ignora-se qual foi a primeira a achar ouro. Talvez a de Borba Gato, em 1693. Nos anos 1698 e 1699 uma grande quantidade de ouro foi encontrada. Entre 1700 e 1799, 840 toneladas de metal foram extraídas das terras mineiras. Entre 1700 e 1720, mais de 150 mil pessoas entraram em Minas Gerais, mais de 100 mil escravos africanos. Para todo Brasil, em 1700, estima-se uma população de 350.000 pessoas. Como grande parte da população deixou as fazendas e cidades na procura de ouro, não restava mão-de-obra suficiente para abastecer a população, resultando em longos períodos de fome, brigas violentas e pequenas guerras sangrentas pela sobrevivência entre os diversos grupos de aventureiros.

90.2.4. OURO PRETO

"Ouro Preto é uma cidade que não mudou, e nisso reside o seu incomparável encanto." Hipérbole. Que seja permitido a Manuel Bandeira o pequeno exagero: escreveu-o em 1938 num guia sobre a cidade. Quarenta anos antes, deixara de ser capital de Minas Gerais, depois do ouro se esgotar. Hoje, a cidade recuperou um pouco da sua proeminência como um centro do renascimento dos 1,4 mil quilômetros da Estrada Real do século XVII. Por ela seguiam o ouro e os diamantes de Minas Gerais para os portos e para Portugal. Hoje são turistas estrangeiros, que a percorrem. "Vocês nos tiraram o ouro, agora tragam-nos euros", brinca Eberhard Hans Aichinger, diretor do Instituto Estrada Real, entidade sem fins lucrativos de desenvolvimento turístico.

90.2.5. A ROTA 66 BRASILEIRA

Comparada ao Caminho de Santiago, a Estrada Real podia ser a versão em estado bruto da famosa Rota 66 americana. Ana Celeste da Costa reconheceu o paralelo intuitivamente. A operadora de viagens, Melbourne, de S. Paulo, manda motociclistas brasileiros fanáticos percorrer o famoso trajeto entre Chicago e Los Angeles. Agora traz americanos e europeus para a Estrada Real. A religiosidade é parte da equação; Deus sabe por quantas igrejas com altares cobertos de ouro passa. A História do Brasil não poderia ser contada sem ela - nem a política, nem a econômica, nem a cultural, nem, a dos despossuídos, escravos, mulheres, garimpeiros ou contrabandistas. Em 1720, quando a Coroa tratou de recolher os 20% do ouro determinados pela legislação colonial, eclodiu em Ouro Preto a chamada Revolta de Vila Rica, com o esquartejamento de um de seus líderes, Felipe dos Santos. Hoje quem vai ao Parque Estadual do Itacolomi, pode visitar a Casa Bandeirista, onde os impostos eram recolhidos na Estrada Real. Construída em 1708, recém-restaurada, é considerada o primeiro prédio público do estado. O parque, abriu suas portas como parte de uma iniciativa do governo mineiro de tentar conciliar conservação e recreação.

90.2.6. PROFETAS INCONFIDENTES

Assim como a Rota 66, em muitos lugares a Estrada Real existe mais em espírito do que como uma estrada ou trilha de verdade. Trechos inteiros sucumbiram ao desenvolvimento urbano, às estradas ou simplesmente ao abandono. Mato e pastagens com frequência cobrem o velho caminho. Também como a Rota 66, a Estrada Real era, na realidade, mais de uma: pouco antes da metade do caminho a partir do seu ponto inicial, Diamantina, bifurca - a rota original seguia até Paraty, e outra, construída no início do século XVIII, ia para o Rio. No trajeto podem visitar as famosas esculturas do Aleijadinho em pedra-sabão dos profetas do Velho Testamento de Congonhas do Campo, terminadas em 1803. Muita gente as vê como figuras religiosas. Mas alguns especialistas acreditam que também carregam uma mensagem política. Simpatizante da Inconfidência Mineira, o Aleijadinho incluiu em cada estátua um símbolo em homenagem aos rebeldes mortos ou desterrados. Para alguns acadêmicos, o profeta Daniel, por exemplo, tem na cabeça uma improvável coroa de louros e representa o poeta inconfidente Tomás Antônio Gonzaga.

90.2.7. S. JOÃO DEL-REI E TIRADENTES

Ambas têm um legado histórico imenso. Com o trem que liga as duas cidades por 12 quilômetros, a região se transformou num acervo vivo da história ferroviária. No final do século XVII, o paulista Tomé Portes D'el Rey chegou à região e fundou S. João del-Rei, que recebeu o título de vila em 1713. Na fazenda de Pombal, nasceu em 1746 Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, um dos heróis nacionais do Brasil. A vila, ao redor, recebeu no começo da República, em 1889, o nome de Tiradentes. Até hoje, inúmeros prédios em S. João testemunham a mais rica fase do barroco mineiro, como a Igreja de S. Francisco de Assis, de 1774, obra do mestre português Francisco de Lima Cerqueira e do gênio Antônio Francisco Lisboa - o Aleijadinho. Na maestria de esculpir, o artesão deixou testemunhos do seu gênio em muitos lugares ao longo da Estrada Real.

90.2.8. CONGONHAS DO CAMPO

Fundada em 1734, a cidade ficou famosa com os 12 apóstolos em pedra-sabão que o Aleijadinho produziu para decorar a igreja de Bom Jesus de Matosinhos. A igreja, construída em 1757, ganhou as figuras entre 1800 e 1805, poucos anos antes da morte de Aleijadinho. O magnífico conjunto dos profetas é distribuído no adro do santuário, enquanto, na basílica, há pinturas de Mestre Athayde. Além dos 12 profetas, o Aleijadinho esculpiu 66 figuras, entre 1796 e 1799, que compõem os Passos da Paixão de Cristo. Em 1983, Congonhas foi declarada Monumento Cultural da Humanidade pela UNESCO.

90.2.9. O CAMINHO NOVO

Em 1710, o caminho novo foi aberto. No começo da viagem, a baía da Guanabara era atravessada de barco até chegar em Magé, de onde começa a subida da Serra do Mar, passando por Petrópolis, até chegar a Paraíba do Sul. De lá, a viagem seguia pelo sertão mineiro até encontrar o caminho velho em Ouro Preto e Mariana, cidade vizinha.



90.2.10. OURO PRETO E MARIANA

Perto do Rio Tripuí foram encontradas as maiores quantidades de ouro. Lá se construiu, no século XVIII, a cidade mais rica e mais populosa do hemisfério sul. Foi nesse lugar que fracassou o primeiro movimento brasileiro para se livrar da Coroa portuguesa e dos tributos e impostos reais, a Inconfidência Mineira. Inspirados pela revolução francesa e norte-americana, os cidadãos mais ricos da região levantaram a bandeira da independência, mas o levantamento fracassou e resultou na morte de Tiradentes em 21 de abril de 1792, esquartejado no Rio de Janeiro. Hoje, a cidade, com sua arte barroca de Aleijadinho e do pintor Mestre Athayde, é Patrimônio Cultural da Humanidade da UNESCO. O ouro tinha uma crosta negra de óxido de ferro, dando origem ao nome de Ouro Preto. Com a chegada do bandeirante Antônio Dias, em 24 de junho de 1698, a maior corrida do ouro em toda a América Latina começou transformando a vila num conjunto único de arte barroca. Em 1823, Ouro Preto passou a capital do estado de Minas Gerais.



90.2.11. O CAMINHO DOS DIAMANTES

Em 1727 espalhava-se a notícia que na região do Alto do Vale do Rio Jequitinhonha, num lugar conhecido como Arraial do Tijuco no Serro Frio, foram achados diamantes tão maravilhosos que o rei de Portugal, D. João V, mandou as primeiras amostras logo para o Santo Papa em Roma. Até então, pedras tão preciosas só foram encontradas nas Índias e no Extremo Oriente. A Coroa declarou a exploração e extração de diamantes, total monopólio real. Só entre 1740 e 1770 foram extraídos 1.666.569 quilates, tanto que o preço do diamante no mercado mundial caiu 75%. Até 1810, cerca de 3 milhões de quilates foram extraídos da terra. O Arraial do Tijuca chama-se hoje Diamantina e é considerado pela UNESCO como patrimônio Cultural da Humanidade. Em Diamantina termina a Estrada Real, que é hoje um dos projetos turísticos mais evoluídos do Brasil. Com maciço apoio da empresa FIAT, cuja sede é perto da capital Belo Horizonte, o governo mineiro investe no projeto Estrada Real para tornar a antiga rota de aventureiros numa atração turística. Pela beleza natural e com sua

Em Belo Horizonte saí bastante, convivendo com alguma elite intelectual, provando a caipirinha e a cachaça, além de comida mineira cujo nome exigia sempre glossário. Enquanto a colega brasileira trabalhava, ficava em casa a ler. Tratei de ir aos departamentos oficiais saber o que era preciso para residir no Brasil. Rapidamente me apercebi do que eles chamam "o jeito português". Isto é, ficava com vistos de três meses, depois ia a Iguaçu ver as cataratas, atravessava a fronteira (Paraguai) e voltava. Assim terminei a saga brasileira, sem glória nem amores novos. Que tinha para mostrar? Passei pelo Rio. Vi os seus morros. O alto da Tijuca, essa imensa reserva natural em plena cidade, a célebre Ópera, imitação da de Paris. Vi a Lagoa Rodrigo de Freitas, Leblon, Copacabana e Ipanema. Estive no Botafogo. Passei ao lado do célebre estádio do Maracanã. Um colosso a necessitar de obras de renovação, mas cujo nome ainda hoje impressiona. Em Minas Gerais (um estado maior que a França), conheci Juiz de Fora e Belo Horizonte, e visitei calmamente Ouro Preto e Mariana, cidades réplicas das portuguesas. Igrejas iguais às da Guarda ou Viseu. Casas pintadas como imagino que sejam nos Açores que nunca visitei. Foi um fim de semana inesquecível em Mariana, que tal como em Ouro Preto me deixara atónito.

90.2.12. O MAIOR E MAIS HOMOGÉNEO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO COLONIAL PORTUGUÊS NO MUNDO...

Ouro Preto foi a primeira cidade brasileira a ser declarada pela UNESCO património cultural da humanidade. Mariana foi a primeira vila elevada a cidade em Minas Gerais. Fundada em 1696, por bandeirantes paulistas, foi o centro do poder eclesiástico em Minas Gerais. Foi também a primeira capital da província. A economia da cidade baseia-se na indústria (metalurgia, siderurgia), na mineração e no turismo. Visitas obrigatórias: Igreja de Santa Efigénia, Museu Aleijadinho, Matriz do Pilar, Casa da Ópera, Casa dos Contos, Igreja de S. Francisco de Assis, Museus da Inconfidência, Oratório e Mineralogia.

Numa das suas igrejas ouvi um excelso concerto de órgão setecentista.

Arp Schnitger (1648-1719), um reconhecido construtor de órgãos de Hamburgo, recebeu uma encomenda em 1701 para construir dois órgãos, os quais acabaram por ir para Portugal. O outro foi para o Brasil a fim de embelezar a primeira diocese do Brasil estabelecida na província de Minas do Ouro. Tratava-se do primeiro ato de reconhecimento pela Corte e pela Igreja em Portugal da importância do Brasil. O órgão de Mariana tem 964 tubos, ativados pelo teclado. Os adornos são de origem portuguesa e representam motivos chineses influenciados pela cultura de Macau. Quando o órgão foi restaurado em 1977 constatou-se, em Hamburgo, que havia uma estrutura para dois pedais que nunca foram instalados porque os portugueses naquela época não os usavam. Foram acrescentados, 276 anos após a construção original. Schnitger, que estava para os órgãos como Stradivarius para os violinos, construiu e restaurou 169 dos quais existem 60. O de Mariana mantém 65% peças originais. Foi instalado em 1753 na Catedral e restaurado em 1984, após 509 anos de silêncio. Um outro órgão possivelmente construído por Schnitger, em Moreira da Maia perto do Porto, sugere que este e outro similar em Mariana correspondem aos dois órgãos originalmente construídos em 1701.

90.3. O REGRESSO A 29 dezembro 1994.

Regressei a Portugal depois dum natal mineiro típico (muito feijão) em Belo Horizonte. Inicialmente não pensei ficar, mas a hipótese de conhecer outro tipo de natal entusiasmará-o. A maior parte dos meus natais foi tropical ou subtropical. Todos no hemisfério sul, em praias ou dentro de água. A ideia de natais frios e enregelados não era particularmente atraente. Já constatara que caso regressasse ao Brasil teria de me debater com inúmeros problemas. Mesmo assim, gostava de ir outra vez ao Brasil. Deixei lá roupa, como costume fazer sempre que quero deixar bem expressa a indicação de que voltarei. Deixei o livro de culto, uma autobiografia de Woody Allen. Deixei o país bonitinho, tropical, abençoado por deus e pela natureza...

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA,
LER UMA BOA POESIA,
VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL,
DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS.
GOETHE

Badana 1

Na lenda havia um Rei Artur, Sir Galahad, cavaleiros da Távola Redonda e uma busca do Santo Graal. Aqui não há nem Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moinhos de vento, contra os quais espadanar.

Há apenas um aprendiz de escriba, cavaleiro da poesia e utopia, temeroso e aventureiro, sequioso na sua aprendizagem constante de outras línguas, hábitos e culturas.

De Trás-os-Montes, sua matéria desconhecida, partiu à conquista do “lulic” em Timor Português, dos hippies em Bali (Indonésia), sobrevivendo a um “Anno Horribilis” no Verão Quente (1975, Portugal), atravessando as Portas do Cerco (na China de Macau), percorrendo os Estados da Austrália Ocidental, Vitória e Nova Gales do Sul, com breves passagens pelas Índias, pelo Oriente do Meio e seus emirados, metade da Europa, da Ásia e parte do Pacífico Sul, antes de redescobrir o Brasil, Portugal e outros países

Por fim, iria aterrar como um milhafre, Buteo buteo rothschildi, na ilha de S. Miguel (Açores) donde partiu em conquista fugaz de Santa Maria, Faial, Pico, Graciosa, S. Jorge, Terceira, Flores e Corvo.

Se na pátria Austrália descobriu uma tribo aborígene a falar crioulo português há mais de 450 anos, na provecta Bragança descortinou a sua matéria e nos Açores descobriu o que o mundo desconhecia, uma literatura distinta.

Esta viagem leva o leitor num périplo pelo mundo enquanto o autor vai cronicando, como Marco Polo, ou Fernão Mendes Pinto a sua vida, as terras, as gentes e os costumes e tradições. Da análise política, social e pessoal parte à descoberta de culturas. Recupera as origens, retorna ao seio duma Lusofonia sem raças, credos ou nacionalidades, até se radicar nesta “Atlântida” onde irá desvendar, divulgar e dilatar desveladamente uma fértil açorianidade literária, fundíbulo de autonomias e independências por cumprir.

Badana direita



chrys@lusofonias.net -

J. Chrys Chrystello (n. 1949-) cidadão australiano que não só acredita em multiculturalismo, como é disso um exemplo. Nasceu numa família mesclada de Galego-Português, Brasileiro (carioca), Alemão, do lado paterno, Português e marrano transmontano do materno.

Publicou em 1972 o seu primeiro livro “Crónicas do Quotidiano Inútil, vol. 1” (poesia).

O exército colonial português levou-o a viver em Timor (setº 1973- jun 1975) onde foi Editor-chefe do jornal local (A Voz de Timor, Díli) antes de ir à Austrália em 1975 decidir adotá-la como pátria.

Começou a interessar-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor. Durante mais de duas décadas escreveu sobre o drama de Timor Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga.

De 1967 até hoje dedicou-se sempre ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa).

De 1976 a 1982 desempenhou funções executivas na Companhia de Electricidade de Macau. Em Macau foi Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a ERM/ Rádio 7/ Rádio Macau / TDM e RTP Macau e jornalista para a TVB - Hong Kong.

Viveu em Perth, radicou-se em Sydney (e migrou para Melbourne). Durante os anos na Austrália esteve envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural do país.

Foi Jornalista no Ministério Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e no Ministério Federal da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários.

Divulgou desde 1985 a descoberta na Austrália de vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (há quatro séculos).

Durante mais de vinte anos (1984-2004) foi responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Interpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters).

Foi Tradutor e Intérprete (Ministério Estadual da Imigração, Ministério de Saúde de Nova Gales do Sul).

Foi Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters).

Lecionou Linguística e Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes em Sidney na UTS (Universidade de Tecnologia de Sidney).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS (1999-2005).

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL (Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute) da University of Brighton no Reino Unido (2000-2012)

Foi Revisor (Translation Studies Department) da Universidade de Helsínquia (2005-2012).

Foi Consultor do Programa REMA da Universidade dos Açores. (2008 a 2012)

Em 1999, publicou a sua tese “Timor Leste: o dossiê secreto 1973-1975” (ensaio político), esgotado ao fim de três dias.

Em 2000 publicou a 1ª edição da monografia “Crónicas Austrais 1976-1996”.

Em 2005 publicou o “Cancioneiro Transmontano 2005”

Nesse ano publicou (e-book DVD) outro volume da trilogia “Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter”.

Entre 2006 e 2010, traduziu, entre outras, obras de autores açorianos para Inglês: Daniel de Sá (Sta. Maria ilha-mãe; O Pastor das Casas Mortas; S. Miguel: A Ilha esculpida; e Ilha Terceira, Terra de Bravos), de Manuel Serpa (As Vinhas do Pico), Victor Rui Doreis (Ilhas do Triângulo, coração dos Açores numa viagem com Jacques Brel).

Em 2011 traduziu a Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos para inglês

Em 2012 traduziu de Caetano Valadão Serpa “Uma pessoa só é pouca gente, o sexo e o divino.”

Desde 2005 traduziu vários excertos de obras de dezenas de escritores açorianos integrados em projetos dos Colóquios da Lusofonia (Antologias).

Em 2009 publicou o volume 1 da trilogia “ChrónicaAçores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, (esgotado)” cronicando as suas viagens pelo mundo.

Em 2011 publicou o volume 2 da trilogia “ChrónicaAçores: uma Circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores” (ed. Calendário das Letras).

Em outubro de 2012 lançou a sua obra completa de poesia “Crónica do Quotidiano Inútil (vol. 1 a 5)”, a assinalar os 40 anos de vida literária.

Em 2015 lançou a 4ª edição de “Crónicas Austrais 1978-1998”.

Também em 2015 editou a obra completa dos 3 volumes da “Trilogia da História de Timor”

Em 2015 fez a revisão e compilação da obra de Dom Carlos Ximenes Belo, “Padre Carlos da Rocha Pereira. Missionário açoriano em Timor”, vol. 1 da série Missionários Açorianos em Timor, ed. AICL e Moinho Terrace Café

Em 2017 lançou o seu opus magister “Bibliografia Geral da Açorianidade” em 2 vols (1600 pp. com 19500 entradas) e teve vários trabalhos (ensaio e poesia) publicados em antologias.

Em 2017, reviu, adaptou e traduziu para inglês o livro “O Mundo Perdido de Timor-Leste” de José Ramos-Horta e Patricia Vickers-Rich

Lançou em 2018 “Fotoemas”, foto e-book, com fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores, de Chrys Chrystello edição e-livro <http://www.blurb.com/books/8752953-fotoemas>

Em 2018, fez a revisão e compilação de “Missionários açorianos em Timor” vol. 2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas

Em 2018 finalizou o volume 3 de “ChrónicaAçores uma circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores” cronicando as suas viagens pelo mundo

Completoou a Crónica do Quotidiano Inútil vol. 6 (Obras completas de poesia)

Considera marcantes a Palestra proferida na Academia Brasileira de Letras (29.3.2010) com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia, e ser admitido (5.10.2012) como Académico Correspondente da Academia Galega da Língua Portuguesa).

É Editor dos Cadernos (de Estudos) Açorianos da AICL, publicação online,

2019 Nomeado Vice-presidente de PPdM - Oceania - Vice-Presidente para a Oceânia do Movimento Poetas do Mundo

2019 Nomeado membro do Pen International (Açores)

Preside, desde 2010, à Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia que organiza desde 2001-2002, Colóquios da Lusofonia (30 edições, 2 ao ano).

<https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html> www.lusofonias.com

**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOL. 3 ANO 2010 - SEM CORTES (CRÓNICAS 78 A 90 - 2010)**

Versão inédita não totalmente editada



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOLUME 3**



J. CHRYS CHRYSTELLO 2017

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER
ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE

O TEMPO É UM ÓTIMO PROFESSOR. PENA É QUE MATE OS SEUS ALUNOS. (HECTOR BERLIOZ)